

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

## MOLECADA NO CORRE:

comércio, experiência geracional e moral no  
Primeiro Comando da Capital

SÃO CARLOS  
2017

EVANDRO CRUZ SILVA

**MOLECADA NO CORRE:**  
comércio, experiência geracional e moral no  
Primeiro Comando da Capital

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos como requisito para a obtenção do título de mestre em Sociologia

SÃO CARLOS

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Evandro Cruz Silva, realizada em 14/02/2017:

Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran  
UFSCar

Profa. Dra. Susana Soares Branco Durão  
UNICAMP

Prof. Dr. Jacob Carlos Lima  
UFSCar

Para minha mãe Nalvina Silva, para meu pai Evangivaldo Cruz Silva



## Resumo:

Este trabalho se insere no debate contemporâneo sobre as relações entre urbanidade periférica, comércio de drogas ilícitas e criminalização no estado de São Paulo. O objetivo desta pesquisa é analisar transição geracional no Primeiro Comando da Capital (PCC), grupo criminal brasileiro de grande relevância nas últimas duas décadas. Mais especificamente, apresento algumas das mudanças recentes, relativas a essa passagem geracional, no comércio varejista de drogas ilícitas em contexto PCC, e nas bases daquilo que seria o *proceder*<sup>1</sup> [modo de conduta de si e avaliação da conduta alheia pautado pelo que é considerado “certo” em determinados contextos] como mediador moral de conflitos cotidianos nas periferias do estado de São Paulo. Os dados aqui apresentados foram produzidos a partir da observação participante entre os anos de 2014 e 2016, em um centro de medidas socioeducativas chamado aqui de “Núcleo São Judas”, localizado em uma cidade do Oeste Paulista chamada aqui de “Pinheiros”. Argumentamos nesta dissertação que o Primeiro Comando da Capital passa por uma transição geracional, proporcionada pela ocupação de suas posições de responsabilidade no *tráfico* por sujeitos cada vez mais jovens e pelas ressignificações do conceito de *proceder* (signo característico dos nexos morais relacionados ao *Comando*) produzidos cotidianamente por estes sujeitos.

Palavras – Chave: Comércio de Drogas Ilícitas, Primeiro Comando da Capital, Experiência Geracional, Crime, Moral.

1 Ver: MARQUES (2011), HIRATA (2010), BIONDI (2010), MALVASI (2009, FELTRAN (2010, 2011) [tem que colocar os textos (datas), não há como citar o autor como um todo!!]

## **Abstract:**

This work is part of the contemporary debate on the relations between peripheral urbanity, illicit drug trade and criminalization in the state of São Paulo. The objective of this research is to analyze the generational transition in the Primeiro Comando da Capital (PCC), a Brazilian criminal group of great relevance in the last two decades (1990 - 2000). More specifically, I present some of the recent changes regarding this generational passage in the retail trade of illicit drugs in the context of PCC and on the basis of what would be the *proceder* [conduct mode of self and evaluation of the conduct of others guided by what is considered "Right " in certain contexts] as a moral mediator of everyday conflicts in the peripheries of the state of São Paulo. The data presented here were produced from the participant observation between 2014 and 2016, in a socio-educational center called here "Núcleo São Judas", located in a city of São Paulo west region called here "Pinheiros". We argue in this dissertation that the Primeiro Comando da Capital undergoes a generational transition, provided by the occupation of its positions of responsibility in the drug dealing by increasingly young subjects and by the resignifications of the concept of proceeding (characteristic sign of the moral ties related to the *Comando*) produced daily by these subjects.

Key Words: Illicit Drug Trade, Primeiro Comando da Capital, Generational Experience, Crime, Morals.





## **Agradecimentos**

O dia da defesa desta dissertação também será meu último dia como aluno matriculado da Universidade Federal de São Carlos. São seis anos ao total, do primeiro dia da graduação até o último dia do mestrado. Uma jornada de “miliano” como dizem os sábios.

Nesses seis anos a única coisa que importa são as amizades, são com elas e por elas que vivi cada um desses 2180 dias como aluno da UFSCAR e foram elas que tornaram possível este singelo trabalho de pesquisa. Não tentarei citar todos por nome, pois sei que o perigo de esquecer alguém é iminente, agradecerei então às pessoas que trabalharam diretamente para tornar este trabalho possível, a todos os outros eu agradeço com um abraço e um sorriso, porque é tudo nosso.

Agradeço a Coordenação de Apoio a Pesquisa, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e ao Centro de Estudos da Metrópole por tornar materialmente viável o desenvolvimento desta pesquisa. Em um cenário de penúria da atividade científica, poder ser remunerado para contribuir em um debate científico é mais uma das situações brasileiras em que algo que deveria ser um direito acaba por se tornar um privilégio.

Aos meus parceirinhos e parceirinhas do Namargem – Núcleo de Pesquisas Urbanas: Deb, André, Lucas, Evelyn, Gleice, Matheus, Damien, Matt, Willy, Zé Douglas, Domi, Henrique, Daniel, Marcão, Mari, Luizão, Lu, Line, Luana, Lineker, Ana, Fillipe, Giordano, Isa, Le, Rose! (todo mundo mesmo, menos o Gregório!). “A geração que revolucionou, a que vai revolucionar, pras crianças da quebrada um futuro mais ameno, essa é a meta!”

Para o pessoal do núcleo São Judas: é uma pena não poder colocar os seus nomes reais aqui, mas você sabem o quanto são fundamentais na minha vida, meus grandes mestres! Para os educadores e educadoras e pra molecada aquele abraço!

Fabiana Luci Oliveira, Jacob Lima e Susana Durão, que aceitaram prontamente participar das bancas de qualificação e defesa, o meu mais profundo agradecimento, vocês são decisivos para cada passo deste texto! A Gabriel Feltran (Gabigol, Gab, Gabrielzinho, Gabrielzinho Craque de Bola, Mestre, e, principalmente “Grande Sociólogo Brasileiro Gabriel Feltran”) eu não tenho palavras pra descrever a parceria, amizade e lealdade que guia nossos caminhos. Axé, grande amigo!

A uma das pessoas mais brilhantes que já pisou na terra desse mundão sem porteira. Minha querida parceira de pesquisa e de vida Janaína Maldonado, que possamos viver mil anos para que eu tenha um privilégio de ser sempre iluminado pela sua presença!

Para Karla Passos, minha amada companheira e brilhante revisora desta dissertação. Sem a sua companhia minha vida não teria sentido algum e sem o seu trabalho este texto seria simplesmente ilegível.

Por fim, dedico esta dissertação a Evangivaldo Cruz Silva e Nalvina Silva, meus queridos pais e as únicas pessoas que eu posso dizer sinceramente “obrigado por tudo”. Por cada gota de suor derramada na minha criação, por cada instante de amor, carinho, amizade, afeto, por cada dia, cada segundo e principalmente, por ter me ensinado que a única coisa que a vida pede da gente é coragem!

## Sumário

<b>RESUMO:</b> .....	<b>3</b>
<b>ABSTRACT:</b> .....	<b>4</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>6</b>
<b>APRESENTAÇÃO:</b> .....	<b>11</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
1.1 “ELES NÃO VIVERAM A ÉPOCA DAS GUERRAS”. O PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL E A EXPERIÊNCIA DE TRANSIÇÃO GERACIONAL PARA UMA CERTA JUVENTUDE.....	15
1.2 COMÉRCIO, POSIÇÃO DE TRABALHO E DINHEIRO. NOTAS METODOLÓGICAS SOBRE O COMÉRCIO VAREJISTA DE DROGAS.....	24
1.3 MORAL E MORALIDADES. O PROCEDER ENQUANTO NORMA E ENQUANTO PRÁTICA.....	28
1.4 A CIDADE DE PINHEIROS, SUAS DIMENSÕES E AS CONSEQUÊNCIAS DE SE ESTUDAR CRIME EM UMA “CIDADE DO INTERIOR”.....	32
1.5 “DA PONTE PRA CÁ ANTES DE TUDO É UMA ESCOLA” NOTAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE SEMELHANÇA E DIFERENÇA NO TRABALHO ETNOGRÁFICO.....	35
1.5 O DISCURSO E O FATO. MÉTODO DE PRODUÇÃO E QUALIDADE DO DADO ETNOGRÁFICO.....	41
1.6 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS.....	43
<b>2. COMÉRCIO</b> .....	<b>45</b>
2.1 OPORTUNIDADE E RISCO. ASPECTOS ESTRUTURANTES DA VIDA NO TRÁFICO....	45
2.1 A HISTÓRIA DE EDUARDO: RESPONSABILIDADE E ATENÇÃO.....	52
- ESTAR NA FUNÇÃO: COMPROMISSO COMERCIAL E MORAL.....	55
- DE OLHEIRO A VAPOR.....	59
2.3 RAFAEL E NEWTON: VISIBILIDADE E INVISIBILIDADE.....	69

- RAFAEL.....	72
- NEWTON.....	74
- VISIBILIDADE E CONTROLE.....	77
2.4 “PEQUENOS NEGÓCIOS”. O TRÁFICO COMO NÚCLEO DE EXPERIÊNCIAS DA VIDA NO CRIME. .....	79
<b>3. O CERTO É O CERTO, MAS CADA UM, CADA UM. PROCEDER: A NORMA E A SITUAÇÃO NO COTIDIANO DO COMÉRCIO DE DROGAS ILÍCITAS.....</b>	<b>83</b>
3.1 JÚLIO, A PLASTICIDADE DO PROCEDER E O PROGRESSO.....	90
3.2 “QUEBRADA LARGADA” CONSIDERAÇÕES SOBRE TRÊS MORTES POR CAUSA DE UM SOM DE CARRO E PROCEDER COMO TÉCNICA DE EVITAÇÃO DA FORÇA LETAL.....	105
- PLASTICIDADE DO PROCEDER E QUEBRADA LARGADA. RELAÇÕES POTENCIAIS....	111
<b>- CONCLUSÃO: O COMANDO COMO EXPERIÊNCIA GERACIONAL, A EXPERIÊNCIA GERACIONAL DO COMANDO.....</b>	<b>114</b>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	119

*“Faz da quebrada o equilíbrio ecológico  
E distingui o Judas só no psicológico  
Ó, filosofia de fumaça e nariz  
E cada favelado é um universo em crise”  
(Racionais MC’s – “Da ponte pra cá” 2002)*

## Apresentação:

*“Estávamos no meio da visita à unidade da Fundação Casa em Pinheiros, era minha primeira experiência em um contexto prisional. O grupo era composto por eu, Flávia e Diego, todos do corpo de oficinairos da São Judas, a condução da visita era feita por Cristina, uma mulher branca, baixinha e gordinha, de fala rápida, e Sérgio, um homem branco, alto e forte, de voz grave. Entramos na ala dos quartos, chegamos a um quarto vazio: beliches de concreto, local abafado, cheiro de suor, não mais que 10m<sup>2</sup>. Ali viviam cinco adolescentes 'em medida', nas paredes inscrições cravadas com palavras de fé e amor, menções ao PCC, me pego a uma específica, o grafismo de "1533"(posição das iniciais do Comando no alfabeto) em uma mesa retangular no meio do quarto. Lembro-me da escola onde estudei, uma estadual na periferia do litoral paulista. Era Maio de 2006, os pixos com corretivo citando 'o 15' e o clima de suspense gerado pela boataria dos ataques do PCC e contra o PCC tornava o ambiente tenso. Eu era um dos poucos a continuar frequentando a escola naquele momento, tinha 14 anos, minha mãe falava pra eu continuar indo, que de manhã era tranquilo. Mas que era pra eu não desviar dos caminhos na ida e na volta. Meu pai era motorista de ônibus, meu cunhado policial militar. Um dia abri o portão à noite e vi um ônibus pegando fogo na esquina da minha casa. Aflição, desespero, alívio. No outro dia, um policial matou um amigo do time de futsal da escola. Luto e preocupação com o destino dos meus entes queridos. Volto ao quarto na Fundação Casa. O chefe de segurança explicava as regras do local, falava que os meninos eram muito bons em seguir regras, pois já as cumpriam lá fora, com o 'crime'. “Se tem regra no crime, também tem regra aqui”. E tanto lá quanto cá, ele dizia, quando a regra não é seguida a conversa fica séria. Olho para porta, um adolescente branco de cabeça raspada e mãos pra trás pede licença, entra, pega um caderno que estava encostado em uma das camas e sai. Era dia de aula também, afirmou a educadora. ” [Trecho de Diário de Campo, Junho de 2015]*

Esta dissertação trata de uma transição geracional no Primeiro Comando da Capital (PCC), grupo criminal brasileiro de grande relevância nas últimas duas décadas. Mais especificamente, apresento algumas das mudanças recentes, relativas a essa passagem geracional, no comércio varejista de drogas ilícitas em contexto PCC, e nas bases daquilo que seria o *proceder*<sup>2</sup> [modo de conduta de si e avaliação da conduta alheia pautado pelo que é considerado “certo” em determinados contextos] como mediador moral de conflitos cotidianos nas periferias do estado de São Paulo. Desde sua fundação no início da década de 1990 o Comando vem ocupando espaços múltiplos no imaginário nacional, imaginário este produzido por jornalistas, policiais, conversas cotidianas e também por nós, acadêmicos.

2 Ver: MARQUES, HIRATA (2010), BIONDI (2009, 2012), MALVASI (2009), FELTRAN(2009, 2011)

O PCC perpassa então representações muito diferenciadas: Na virada dos anos 1990 para os anos 2000 o coletivo não era pautado na bibliografia, embora se fizesse presente nos cotidianos. Mais tarde, será representado na literatura especializada como uma espécie de controlador geral das prisões paulistas espalhando seus códigos de proceder nos ambientes prisionais e transformando-os de maneira significativa (Biondi, 2010; Marques, 2013). Na segunda metade dos anos 2000 sua faceta externa às prisões começa a ser notada muito mais claramente, e vai ser mais tardiamente descrita publicamente (Feltran, 2011; Malvasi, 2012; Rui, 2013; Hirata 2012, Silva 2015, Batista 2015): a presença do Comando nas periferias como controlador de mercados criminais e sua influência direta nas periferias como mediador moral de conflitos cotidianos, representada principalmente pela queda brusca no número de homicídios no meio desta década (Feltran, 2010, 2012, 2013, 2014; Batista, 2014; Silva, 2014).

Atualmente, em meados da década de 2010, aparece a tematização de que o Comando começa a produzir negociações transnacionais e ocupar em cargos estatais a partir de candidaturas políticas e indicações para postos burocráticos. Tal tematização vem junto a relatos que simbolizam uma perda da capacidade do coletivo em tornar as quebradas [bairros de periferia] mais ordenadas. Nestes relatos de uma quebrada largada são constantes os argumentos ligados à presença de uma geração de jovens no cotidiano do “mundo do crime”, enquanto os ladrões e irmãos mais velhos estariam preocupados com fronteiras, portos, lavagem de dinheiro e negócios no atacado.

Esta geração jovem nos interessa aqui especialmente. Ela vem ocupando as posições mais visíveis do crime urbano cotidiano: jovens em esquinas comercializando e fazendo uso de pequenas porções de drogas, fugindo da polícia, sendo presos, revistados; ao mesmo tempo são também caracterizados como potenciais responsáveis pela perda de controle sentida pelos moradores de periferias paulistas, marcando assim tais sujeitos como ponta mais baixa de um coletivo que se expandiu para outras escalas e como materialização de uma mudança dos tempos nas quebradas.

É importante atentar que a noção de “geração de jovens” não tem significado apenas cronológico e será empreendido aqui como uma experiência de invenção e convenção (PEREIRA, 2010 p13) socialmente localizada que intersecciona raça, classe, gênero, territórios e oportunidades de vida (FEIXA 1996, p8) além um certo número de repetições de acontecimentos numa parcela de tempo que interpelam a experiência de um determinado grupo enquanto uma “geração” (THOMPSON, 1981 p15).

Em seus cotidianos tais jovens são instados a dois processos específicos a vivência no mundo do crime: o primeiro diz respeito às técnicas de comercialização e às técnicas de controle impingidas sobre tal comércio e a segunda versa sobre os códigos morais constantemente cobrados e debatidos sobre quem estaria ou não agindo de acordo com o proceder.

O objetivo desta pesquisa é entender como estes dois processos: comércio de drogas ilícitas e o *proceder* como instância moral, se produzem como componentes da experiência geracional de juventude destes sujeitos, para tanto a pesquisa focará em sujeitos de idades entre 12 e 21 anos que cumprem ou cumpriram medidas socioeducativas em uma cidade do Oeste Paulista aqui denominada de Pinheiros.

O material de pesquisa compõe-se em três tipos distintos: 1) a diários de campo produzidos através da observação participante 2) entrevistas semiestruturadas que focavam como tema a história de vida dos sujeitos 3) documentos oficiais e não oficiais sobre eles e produzidos por eles. Esta composição de materiais me permitiu acessar as histórias que estes sujeitos produziam enquanto ocupantes de posições do comércio de drogas e também as significações produzidas por eles sobre o que seria estar de acordo com os códigos de proceder.



A dissertação está dividida em quatro partes: A introdução será reservada às reflexões metodológicas que dão suporte a pesquisa empreendida, o primeiro capítulo se debruçará sobre as histórias de Eduardo, Rafael e Newton tratará sobre as técnicas e responsabilidades necessárias a participação neste cotidiano de comércio, o segundo capítulo trará a história de Júlio e o caso do assassinato de três jovens e refletirá sobre os processos de atualização das noções de *proceder*.

Nas conclusões desse trabalho, argumento que o PCC se tornou, durante seu período de expansão (anos 1990-2000) e no ponto de vista periférico, negro e jovem do período, uma das fontes de justiça de conduta e de oportunidades comerciais nas sociabilidades das periferias de São Paulo. Coletivo em franca transformação, dada a escala transnacional de negócios da qual parte de seus membros fazem parte nos últimos anos, o PCC parece agora contar, no plano local das periferias, com uma *molecada* que já não pensa como seus fundadores. Pela relevância social dessa transição, de consequências ainda imprevisas, mas seguramente relevantes para se pensar o conflito urbano no Brasil contemporâneo..

## 1. Introdução.

### 1.1 “Eles não viveram a época das guerras”. O Primeiro Comando da Capital e a experiência de transição geracional para uma certa juventude.

*“A hora do lanche ficou mais pesada pois no fim de semana passado três adolescentes haviam morrido no bairro Paraíso, na região norte da cidade. Fernanda, orientadora de educação física do São Judas dividia a mesa com um grupo de 7 outros garotos, a conversa era sobre o ocorrido. Os três garotos mortos não faziam parte do atendimento do São Judas, Fernanda só os conhecia por nome, os garotos do futebol comentavam o motivo das mortes: o roubo de um som de carro. Fernanda parecia muito entristecida, ela falava que não aguentava mais ver moleque morrer por nada, segundo ela, já era o décimo caso naquele ano, entre os garotos a conversa era se as vítimas mereciam ou não o ocorrido, Fernanda interrompeu a conversa: “não tem essa de merecer! Matar não é certo e pronto, não tem essa, tá tudo bagunçado, matar alguém por causa de um toca fita, um som de carro? Antes os ladrão tinha responsabilidade, era uns homem memo, sério, agora é uma molecadinha que nem vocês, que não sabe de nada e quer pagar de machão, porra, matar três por causa de som de carro? Que crime é esse? [Diário de Campo, Março de 2016]*

Para podermos iniciar o argumento deste texto, se faz necessário destacar alguns apontamentos sobre a emergência do Primeiro Comando da Capital, sua forma de expansão e atividade no cotidiano paulista. Duas décadas após o surgimento do PCC enquanto coletivo relevante em São Paulo, a bibliografia reunida sobre o assunto torna possível formar uma linha cronológica coerente de sua história.

Surgido no início da década de 90 dentro dos complexos prisionais paulistas, o *Comando* aparece num primeiro momento como um coletivo hierarquizado de controle moral das condutas dos presos: o enunciado de “paz entre os ladrões” sintetiza a tentativa de espalhamento de uma cultura de não-agressão, proeminência do diálogo e veto a práticas vistas como “erradas” que vão desde o estupro ao código de vestimentas em dias de visita.

*“A criação do PCC é vista por muitos presos como o fim de um tempo no qual imperava uma guerra de todos contra todos, onde a ordem vigente era “cada um por si” e “o mais forte vence”. As agressões físicas eram bastante comuns, “qualquer banalidade era motivo para ir pra decisão na faca”. As*

*violências sexuais também eram bastante recorrentes; para evitá-las, muitas vezes não havia outra saída senão aniquilar o agressor e adicionar um homicídio à sua pena. Os prisioneiros se apoderavam dos bens disponíveis, desde um rolo de papel higiênico até a cela, para vendê-los àqueles que não conseguiam conquistá-los à força." [BIONDI, p49 2009]*

É durante a megarrebelião dos anos 2000 que o PCC deixa o status de assunto privilegiado àqueles que circulam o ambiente prisional, para ganhar as capas de jornais de São Paulo em fotos de presídios sitiados em com faixas de referência ao Primeiro Comando da Capital. Os efeitos deste acontecimento para a forma de gestão paulista da população carcerária foram decisivos: a instauração do Regime Disciplinar Diferenciado (RDD) e a paulatina expansão dos prédios prisionais para o interior do estado são fatores fundamentais para o entendimento do espalhamento discursivo do PCC e da mudança de sua composição formal e seu papel enquanto redutor de taxas de homicídios no estado:

*"Desde os anos 1990, foi a primeira unidade federativa a implementar um programa de encarceramento massivo e a criar um Regime Disciplinar Diferenciado (RDD); foi também o primeiro Estado a verificar a expansão de uma única facção criminal hegemônica em todo seu território, o Primeiro Comando da Capital (PCC), que há uma década atua de modo coordenado dentro e fora dos presídios. Mas a especificidade paulista se concentra, sobretudo, na agressiva redução da taxa de homicídios durante os anos 2000, decréscimo avaliado em mais de 70% dos assassinatos.*

*Ainda que a representação da violência urbana siga estruturando os noticiários televisivos; ainda que periferias e favelas continuem sendo figuradas como espaços de desordem e crime; ainda que os dados oficiais retratem manutenção ou recrudescimento dos índices de roubos, assaltos, latrocínios, arrastões, mortes de policiais e execuções sumárias, a queda das taxas de homicídio segue sendo apresentada como indicador inequívoco do sucesso da segurança pública em São Paulo." (FELTRAN 2012 p233 )*

É neste momento também que podemos acompanhar dois movimentos decisivos de sua história: a intensificação do fluxo prisão/rua no PCC e a implosão do sistema de hierarquias centralizadas que passa a ser substituída por uma hierarquia de postos situacionais.

O primeiro movimento se dá pela tentativa de reproduzir nas ruas um código moral de *proceder* semelhante ao empreendido nos sistemas prisionais por meio de sua presença em *biqueiras*. Dessa forma, ao operar um ponto de comércio de drogas,

o *Comando* também estabelecia-se como recurso disponível para a resolução de conflitos com base nos critérios do seu código moral.

É no meio da primeira década o século XXI que o PCC se estabelece como movimento presente no cotidiano de periferias paulistas: citações a um *proceder* se tornam parte do vocabulário de membros e não membros, notícias sobre *debates* para resolver conflitos se tornam cada vez mais frequentes e o vocabulário de posições como *disciplina, vapor, gerente, patrão, disciplina, piloto e correria* atravessam as paredes das prisões e se tornam cada vez mais comuns nas ruas, Silva (2014) em sua etnografia na Zona Oeste da cidade de São Paulo descreve as complexidades do aparecimento do PCC nesta época:

*“Vale mencionar que é um momento com distintas reverberações, resistências e uniformidades entre territórios na cidade de Luzia, que para minha compreensão não podem ser lidos de forma homogeneizante e totalizadora. Moradores de pelo menos dois bairros ainda hoje comentam que “o PCC aqui não entra aqui não tem vez!” acusando o grau de complexidade desses enunciados no contexto urbano contemporâneo, e expondo uma fragmentação de experiências comunitárias locais” (SILVA 2014 p66)*

Apesar dos famosos “ataques de 2006” serem recuperados a data de seu aniversário de 10 anos como o grande evento de exposição do *Comando* nas ruas de São Paulo, é importante ressaltar que este evento demonstrou apenas duas de suas potências: a capacidade bélica de ataque e a capacidade de produção e espalhamento maciço de informações de forma mais ou menos bem-sucedidas através dos *salves*<sup>3</sup>. Por outro lado estudos que focalizam outros aspectos das periferias paulistas também demonstram atuações do PCC que vão além do que o se articula nexos do “crime organizado” e na metade final da mesma década a figuração de uma *quebrada* justa, com respeito aos moradores e a referência ao *proceder* se tornam constante no dia a dia periférico paulista:

<sup>3</sup> Um *salve* é um comunicado por parte daqueles que compõem o PCC em uma determinada região informando sobre diretrizes a serem tomadas como um toque de recolher ou uma ordem para atacar determinado lugar; ou informando sobre algum acontecimento recente como a morte de alguém querido, a saída de algum *irmão* da cadeia, etc (Ver: Biondi 2011, Mallart 2016)

*"Assim, para além do Estado e da justiça legal, um morador das periferias de São Paulo tende hoje a identificar como instâncias de autoridade capazes de fazer justiça: (i) integrantes do "crime" e, sobretudo, do PCC, progressivamente legitimados como zeladores da "lei" (também chamada de "ética", ou "proceder"), amparada em costumes que regem a conduta dos "bandidos" onde quer que eles morem, ou por habitantes das favelas nas quais eles são considerados como autoridades;" (FELTRAN 2010 p59)*

Esse movimento de mais de duas décadas de existência do PCC faz dele um componente indissociável da história social recente do estado de São Paulo, se tornando cada vez mais difícil para um paulista não ter nenhum contato com o *Comando* mesmo que seja por uma notícia de jornal ou um rumor espalhado entre vozes. Não é exagero também dizer que existe uma "geração" cuja qual a existência e presença do *Comando* se tornou naturalizada, tomando o conceito de geração como um ou mais nexos compartilhados por um determinado grupo (interseccionado por raça, gênero e classe) em um determinado período de tempo<sup>4</sup>.

Tais nexos morais abrangem campos variados da vida cotidiana<sup>5</sup>, um dos mais sensíveis a temática desta dissertação diz respeito ao debate produzido acerca do uso e comercialização de crack por parte de membros do *partido*. Substância alvo de polêmica em diversos campos da sociedade, a pedra de pasta base também é assunto delicado ao Primeiro Comando da Capital, Biondi comenta de maneira detalhada os caminhos de proibição aos quais o crack passou nos ambientes prisionais (BIONDI, p156, 2009)

Tal tendência a proibição está longe de se tornar um consenso ou algo a ser plenamente controlável em todas as suas ramificações. Rui, em sua etnografia sobre cenas de uso de crack, discute sobre a relação ambígua entre o crack e o Comando:

*"Ou seja, este campo das interdições parece envolver não só um processo histórico de novas regulações nesses territórios, como também noções muito particulares de comportamento desejável e respeitável, de cuidado corporal e de ajustes a orientações, consensuadas pelo PCC, entorno do que é o certo." (RUI, p150 2012.)*

4 Ver: (Feixa 2006 p17-22)

5 Temos, por exemplo, uma relação muito complexa entre o Primeiro Comando da Capital e as igrejas evangélicas de periferia, podemos apreender esta relação de maneira mais aprofundada em Marques (2013)

Se moralmente o crack aparece enquanto substância perigosa, e em última instância, condenável. Economicamente sua capacidade de engajar consumidores o torna um grande atrativo para a manutenção de um fluxo de caixa de quem queira comercializá-lo

*“Todas as substâncias são mais vendidas na medida em que o fim de semana chega ou em período de pagamento (quinto dia útil). Mas o crack vende de forma mais perene e por isso se torna capital de giro para o tráfico”.*  
(MALVASI, apud RUI, p143, 2012)

A relação entre o crack e o Primeiro Comando da Capital é exemplar para podermos visualizar de maneira mais acurada o que se diz ao afirmar que o *Comando* tem uma “regulação moral” sobre o comércio de drogas: a tentativa de se produzir consensos sobre o que é certo e o que é errado no tráfico estará sempre em relação conflituosa com outros parâmetros morais, possibilidades econômicas e situações específicas de cada perspectiva adotada. Isso não quer dizer que o *proceder* é um mito ou uma normativa vazia mas sim que ele só pode existir enquanto materialidade uma vez que ele esteja fundamentado em uma perspectiva socialmente localizada (HIRATA 2010, MARQUES 2009).

É a partir de 2010 que surgem nos comentários cotidianos e em dados de pesquisa a figuração de uma *quebrada largada* que denotaria um controle menos expressivo das condutas nas periferias paulistas por parte do PCC. O ano de 2012 é paradigmático para o aparecimento cada vez mais recorrente da noção de *quebrada largada* nas periferias do estado de São Paulo: o conflito entre o *Comando* e as forças policiais do estado volta a ganhar força nas ruas, as notícias de uma nova “guerra” voltam aos jornais e podemos observar um aumento sensível no número de homicídios em relação aos anos anteriores<sup>6</sup>.

Tal falta de controle se justificaria por dois principais motivos: I) a entrada do *Comando* em negócios de larga escala, o que desviaria o foco de seus afiliados ao cotidiano das periferias II) a entrada de sujeitos mais jovens nas *biqueiras*, o que

<sup>6</sup> Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública o ano de 2012 registrou um aumento de 34% no número de casos de homicídios em relação ao ano anterior. Fonte: <http://www.ssp.sp.gov.br/Estatistica/Pesquisa.aspx> Última visualização 29/01/2017

depositaria em pessoas tidas como pouco experientes a responsabilidade de manter o *proceder* nas quebradas.

A expressão denota uma certa ausência nostálgica ou o sentimento de que o *Comando* tenha alterado seus interesses em relação as mediações cotidianas da vida na periferia, Batista descreve essa impressão ao voltar a campo na Zona Leste da cidade de São Paulo no início de 2013:

*"Fazendo-se presente nos argumentos e diálogos travados junto aos meus interlocutores, a expressão "quebrada largada" sintetiza o contexto atual em que o "partido" tem recuado em certas regulações e mediações, como acima referido, fazendo com que os moradores, que nas últimas décadas tinham passado a ver o PCC como "órgão legítimo" de resolução de conflitos, reclamem ou mesmo se sintam "largados" quando procuram um "irmão" e não são "atendidos" (BATISTA 2015 p47)*

É na etnografia de Batista que vemos a associação entre uma *quebrada largada* e a entrada do PCC em mercados mais expansíveis, o que prejudicaria sua intervenção na resolução de conflitos cotidianos nas *quebradas*:

*"O crescimento do PCC nas últimas décadas fez com que se ramificassem situações onde a capilaridade da mediação do "partido" foi colocada em questão. Assim, analisando um processo que acontece no agora, tentamos mostrar como no contexto atual emergem alguns pontos de vazamento do que ficou conhecido como "pacificação do comando" (BATISTA p52 2015)*

Batista aponta também que a evocação de uma falta de controle sobre as quebradas carregava consigo uma forte questão geracional, em sua pesquisa a presença de adolescentes que nasceram durante a institucionalização do PCC e não viveram a "época das guerras" era um fator determinante para as afrontas discursivas a ideia de *proceder*<sup>7</sup>:

7 Um relato semelhante aparece também, de maneira mais rápida, na penúltima página da dissertação de José Douglas de Santos Silva: "Talvez outra contribuição do presente estudo, à guisa de conclusão, seja notar o fenômeno que meus interlocutores nomeiam, de forma acusatória, como de aparecimento de uma molecada sem disciplina. No processo de reflexão cotidiana de meus parceiros de pesquisa, uma geração de garotos, hoje na faixa etária dos 15 aos 18, pegou a quebrada no maior mamão; ou seja, não vivenciou a época das matanças, dos anos de 1980 e 1990, e desconhecem a força da revolução que o PCC fez nas quebradas, para hoje desfrutarem de paz e união. Com isso, são os que dão trabalho na quebrada, ficam pagando de malandro, caçando assunto, ramelam e, sobretudo, não respeitam a quebrada" (SILVA 2014 p106)

*"Seguindo essa lógica, alguns adolescentes entre onze e dezoito anos entrevistados durante a pesquisa, e que por conta da idade já nasceram ou foram socializados em um mundo no qual o PCC era um ator instituído, isto é, não viveram a transição da "época das guerras" para a "paz do comando", passaram a deslegitimar a disciplina dos "irmãos", principalmente no plano da enunciação, do discurso, ou com pequenos atos." (BATISTA, 2015 p48)*

A relação destes adolescentes com os princípios morais do *Comando*, como aponta o autor, não é tão estável assim: idolatria e rebeldia em relação ao *proceder* convivem cotidianamente nas expressões destes jovens que, apesar de não terem vivido a guerra de transição já nasceram com a forte presença do PCC em suas *quebradas* (BATISTA, p 49, 2015), presença esta que não pode ser ignorada quando falamos da construção de uma experiência geracional periférica no estado de São Paulo.

No trabalho de Malvasi (2012) vemos também uma articulação entre experiência de uma geração e seus comportamentos em relação ao "mundo do crime". Realizando seu trabalho de campo no ano de 2009 Malvasi argumenta (2012 p30) como o fato de seus interlocutores terem nascido entre o meio da década de 1980 e o começo da década de 1990 determina alguns fatores que sujeitos mais velhos não experienciaram: o crescimento econômico dos anos 2000, a experiência de juventude em uma quebrada em "paz", o aparecimento do PCC como um constante regulador da vida cotidiana.

Em sua pesquisa, que assim como no caso desta dissertação tem como principais interlocutores adolescentes em medidas socioeducativas, Malvasi descreve como a gramática do *crime* enquanto instância moral cotidiana formata uma certa apropriação de mundo destes sujeitos a partir de seus valores morais:

*"A lei das ruas revelou-se como um saber incorporado de um modo de regulação da vida cotidiana de jovens moradores das quebradas – saber que os posiciona em diálogo com as dinâmicas do crime. (MALVASI 2012 p115)"*

Porém quando olhamos para ambientes juvenis de internação provisória como é o caso da Fundação Casa, vemos o aparecimento de uma maior cristalização dos



códigos e formas de organização do PCC entre os adolescentes internados. É o caso da pesquisa de Fábio Mallart (2011), feita exclusivamente nos ambientes da Fundação, onde podemos apreender a discrição do espalhamento dos códigos morais do *Comando* nestes ambientes e a forte adesão dos sujeitos ali confinados:

*"A existência de postos de liderança entre os adolescentes, tais como piloto e faxina, que também operam nos estabelecimentos prisionais em que os integrantes do Primeiro Comando da Capital atuam, não deve ser compreendida como o resultado da dinâmica intramuros. Se anteriormente os focos de organização nas unidades destinadas aos infratores resumiam-se às chamadas sociedades (ARRUDA, 1983), no atual momento institucional, os adolescentes de determinadas Unidades de Internação conhecidas como unidades dominadas, encontram-se conectados às instituições prisionais do estado de São Paulo, bem como às áreas urbanas controladas por membros do PCC. Em tais espaços institucionais, os roubos, assim como as frequentes agressões entre os adolescentes, deixaram de ser práticas corriqueiras. Atualmente, os ideais de Paz, Justiça, Liberdade e Igualdade, que segundo meus interlocutores constituem o lema do Primeiro Comando da Capital, fazem parte do léxico mobilizado pelos internos. (MALLART p61, 2011)*

Esta aparente ambiguidade da relação entre o *Comando* e a juventude: nas Fundações Casa são descritos como sujeitos em sintonia com os códigos morais e nas ruas são descritos como uma das causas das *quebradas* estarem *largadas* é também reforçada durante uma passagem da etnografia de Biondi (2009) sobre a existência ou não de um "PCC Mirim":

*"Tal questão ficou ainda mais evidente quando perguntei a um interlocutor sobre a existência do PCC nas FEBENS, instituições que abrigam menores infratores. Sua resposta foi veemente:*

*-O que? PCC mirim? Não, isso não existe.*

*- Mas então nas FEBENS os caras não seguem nenhuma orientação do Comando?*

*- Veja bem: eles respondem ao Comando, mas menor não é batizado."*

*(BIONDI p34 2009)*

Um dos aspectos metodológicos marcantes desta dissertação está na aposta de enxergar este impasse como relação produtiva para a compreensão das experiências destes jovens, e não em sua resolução sobre existir ou não um "PCC mais jovem". Um exemplo bibliográfico desta maneira de abordar as relações estudadas pode ser

encontrado na pesquisa de Alexandre Barbosa Pereira (2010) sobre escolas de periferias paulistas.

A etnografia de Pereira sobre esta parcela da juventude utiliza-se do conceito de “práticas juvenis” (PEREIRA, 2010 p23) para fugir da possibilidade de essencialização da categoria jovem enquanto uma materialidade cronologicamente delimitada. A partir deste aporte teórico o autor argumenta, utilizando da teoria de convenção e invenção de Roy Wagner (2010) que a experiência de juventude de uma determinada parcela da população ao mesmo tempo que afeta o sujeito que a vive abre a possibilidades para que tais sujeitos alterem as práticas que fazem destes uma determinada “geração”.

Se no caso de Pereira a experiência da prática escolar altera a juventude ao mesmo tempo que esta juventude altera a escola em seu cotidiano, penso que dê suporte parecido ao estudo aqui empreendido sobre o cotidiano de jovens que frequentam e operam *biqueiras* em suas *quebradas*: se a presença do Primeiro Comando da Capital altera a vida de uma certa juventude, é muito provável que os componentes de tal juventude alterem o que se entende enquanto Primeiro Comando da Capital.

Assim, longe de se ter uma intenção de separar “PCC adulto e PCC mirim” essa pesquisa tem como intuito analisar a forma como uma certa parcela da juventude se relaciona com o *Comando* enquanto uma experiência de geração. A escolha do comércio de drogas ilícitas como atividade privilegiada se dá pela capacidade de territorialização que esta atividade carrega consigo, uma vez que a presença de uma *biqueira* em uma esquina faz dela parte do dia a dia daquela *quebrada*.

É a partir da perspectiva de sujeitos periféricos nascidos entre a segunda metade da década de 90 e a primeira metade dos anos 2000 no estado de São Paulo que se dá esta pesquisa. São estes jovens que aparecem como estética imediata do “crime” na cidade ao ocupar e circular por ruas e esquinas, e são também estes jovens que aparecem como responsáveis pela resolução dos conflitos cotidianos nas *quebradas*.

Voltemos a nossa atenção agora as especificidades do *tráfico* frente a outros tipos de comércios varejistas.

## **1.2 Comércio, posição de trabalho e dinheiro. Notas metodológicas sobre o comércio varejista de drogas.**

*“Carlos me dizia que sabia que a droga vinha de algum lugar de fora e que os patrões mesmo eram caras grandes, dizia que sabia de político da cidade envolvido no tráfico. Perguntei para ele se aquilo não o incomodava, se ele não se sentia explorado, ele me respondeu que se sentir explorado não mudaria nada em sua vida.” [Diário de Campo, Março de 2015]*

Durante meu trabalho de campo conheci *vapores, gerentes, olheiros, responsas de laboratório e frentes*; denominações que caracterizam posições de trabalho e de responsabilidade que se relacionam entre si no cotidiano paulista de comércio varejista de drogas. Diferente de outros comércios, estudar os postos de trabalho do *tráfico* não garante o acesso ao dito “mercado da droga” enquanto uma rede sistemática de produção e logística atacadista de entorpecentes.

Sabe-se, por exemplo, os caminhos transnacionais de produção de pasta base e maconha na América Latina, as rotas logísticas de distribuição, compra e venda em fronteiras marítimas, terrestres e aéreas brasileiras, mas não se tem registrado de maneira sistemática quais são os processos que levam, por exemplo, a pasta base produzida na Colômbia se transformar, em pinos de cocaína em esquinas e portas de baladas, quem são os responsáveis pelas operações, quais autoridades são lenientes a sua execução, etc.

As posições dos processos tanto no atacado quanto no varejo dependem de relações inevitavelmente instáveis entre atores legais, ilegais, transformações de valores, processos de lavagens de dinheiro, articulações variadas de logísticas e do trabalho de interrupções de informações. Desta forma estudar o cotidiano de vendas varejistas garante o acesso a uma rede fechada entre postos específicos de operação de preparação, venda e segurança. Mas pouquíssima ligação com as relações de logística e produção.

Neste sentido, a etnografia empreendida por Clifford Geertz no Marrocos (1979) e as discussões acerca da economia de bazar (GEERTZ, 1989, p28-32; RUGGIERO & SOUTH, 1997, p54-70) nos ajudam a entender um pouco mais sobre as relações entre mercado e posição de trabalho no comércio de drogas. Ao pesquisar sobre os mercados populares do Marrocos, Geertz nos indica (2008, p149-185) como as redes de circulação de informações e mercadorias se tornam confusas assim que a escala de observação avança para além da pessoa responsável por aquela operação observada<sup>8</sup> fazendo dela o único ponto perceptível de estabilização daquela trama de circulações múltiplas.

As dinâmicas do comércio de drogas em nível varejista nas periferias de São Paulo apresenta certas semelhanças: apesar de uma *biqueira* manter uma rede muito próxima de circulação de mercadorias e valores, a circulação de informações não responde ao mesmo ritmo, fazendo com que os operadores da ponta pouco saibam para além das funções e produtos incumbidos a seu posto. Uma passagem de meu diário de campo exemplifica de maneira provisória as desconexões as quais me refiro:

*“Beatriz, uma adolescente de 17 anos, presa por assalto a mão armada, me explicava como eram preparados os pacotes de cocaína na época em que trabalhava em um laboratório. Ela me disse que na biqueira que trabalhava não tinha laboratório, já chegava tudo pronto, era só colocar nos pinos de 10 reais e 15 reais, perguntei se havia diferença de qualidade e se ela sabia de onde vinha, ela me disse que pó era pó, que era tudo igual.” [Diário de campo, Novembro de 2015]*

Acessar parcialmente a vida de trabalhadores do comércio de droga não garante acesso a muitas informações sobre as dinâmicas de escalas atacadistas desse tipo de mercado. Esta limitação faz com que se torne mais interessante, a partir desta perspectiva, perceber a *biqueira* não apenas como a ponta de uma microcena do capitalismo<sup>9</sup> em relação com o mercado transnacional de drogas, mas também como uma amalgama territorializado de relações comerciais, afetivas, morais e hierárquicas.

<sup>8</sup> Com forte inspiração em Geertz, Rosana Pinheiro Machado sintetiza o aspecto pessoalizado dos camelôs portoalegrense (PIHEIRO-MACHADO 2004)

<sup>9</sup> Caroline Knowles denomina de “microcena do capitalismo” as relações situacionais ligadas a malhas mercadológicas internacionais. Ver (KNOWLES, 2014, p289-310)

Estes cortes entre mercado e comércio também é percebido por Malvasi<sup>10</sup> em sua pesquisa com jovens traficantes.

Assim, a expressão “adolescentes que *participam* do comércio de drogas” denota como a operação de postos de trabalho, neste tipo de atividade, tem caráter de derivação<sup>11</sup> com trocas constantes de sujeitos em cada posições. As discontinuidades também são constantes nos aparecimentos e desaparecimentos abruptos de pontos de venda, o que faz com que o fluxo de pessoas envolvidas nos processos dificulte ainda mais a construção de uma linha teleológica coerente do consumo de uma determinada substância e sua produção transnacional. Outro ponto sensível que diferencia o *mercado* da droga e seu comércio é em relação a ideia de perenidade que carregam tais noções.

Enquanto o mercado da droga funciona de maneira ininterrupta há décadas o seu comércio localizado, principalmente o organizado por sujeitos periféricos, são bem menos constantes. Não era incomum em minha experiência de pesquisa o rápido aparecimento e seguido do rápido desmonte de *biqueiras*: uma operação policial, a prisão de um de seus participantes fundamentais, o aparecimento ou o sucesso exacerbado de uma *biqueira* próxima, faziam com que a aquele conjunto de relações se organizasse de maneiras outras e aquele ponto de venda deixasse de existir.

É a estes participantes de pontos localizados e intermitentes de comércios de drogas ilícitas que se volta a atenção desta pesquisa<sup>12</sup>. Tais modos de comércio são regulados, de maneira geral, por duas forças constantes das periferias paulistas nos últimos tempos: as forças de polícia, às quais aqui reúno guardas, policiais civis e

10 Mecanismos econômicos que destacam os indivíduos e os ligam à imensa máquina do tráfico internacional de drogas; a máquina que eles não dominam; o “vendedor”, o “gerente”, nem o próprio “patrão” controlam os fluxos do comércio de drogas; trata-se de uma engenharia complexa e transnacional de difícil delineamento dos seus fluxos e dos mecanismos de gestão.” (Malvasi 2012 p94)

11 Em “Becoming Deviant” David Matza critica a noção de “carreira criminal” ao argumentar que as práticas desviantes são necessariamente intermitentes, sofrendo interrupções e variações durante uma trajetória de vida.(MATZA 2010 p22-35) é desta crítica que o autor produz o conceito de “derivação” para compreender a participação de jovens em atividades consideradas desviantes (MATZA 2010 p 36-40)

12 É importante ressaltar que o comércio de drogas nem sempre é o único meio de ganhar a vida dos adolescentes que acompanhei, alguns deles conciliava a venda com outros trabalhos formais, informais ou ilegais dependendo do seu nível de envolvimento com o *Comando* ou de suas capacidades práticas de exercer outros trabalhos.

policiais militares; e o Primeiro Comando da Capital enquanto regulador de instâncias morais e operacionais do comércio de drogas nas *quebradas*.

Como argumenta Hirata (2016) em artigo recente sobre a conformação de mercados ilegais e informais em São Paulo e no Rio de Janeiro, não há separação entre circulação de mercadorias e formas de controle, como argumentam teorias liberais de mercado, ao dizer que o controle é o agente externo (e muitas vezes incômodo) a um ideal de livre circulação de riquezas. É a partir desta base metodológica que o autor argumenta que a produção de controle destes mercados é parte constitutiva de suas formações:

*"Les conflits pour les points de vente ont donc totalement changé de nature sous l'influence sélective des politiques incitant à adopter une structure entrepreneuriale et à se tourner vers le crédit d'une part, et avec la militarisation et la sécurisation de l'ordre public d'autre part. La tendance à la concentration économique et à la centralisation politique se produit à mesure d'une certaine avancée du processus de formalisation et d'encouragement en faveur des environnements fermés, conjugué au contrôle militaro-sécuritaire. Il serait exagéré et incorrect d'affirmer qu'une telle transformation a été mise en place pour permettre ce nouveau fonctionnement des marchés." (HIRATA, 2016, p20)*

De maneira correlata, Batista (2015) ao estudar a operação de comércio de drogas na zona leste paulistana atentou para a constituição coextensiva entre o modo de comercialização de drogas ali empreendido, e as formas de controle aplicadas pelo Primeiro Comando da Capital:

*"E por fim, a terceira regulação, baseada em um princípio moral e que incide diretamente na estabilização do preço da droga. Produto a produto, maconha, cocaína, crack, lança, bala, doce, etc., todas são encontradas operando em igualdade de valores de uma "biqueira" a outra, independente dessa ser de um "irmão" do PCC ou não. Isso acontece porque há um código moral de sociabilidade que impede com que a "biqueira" A venda mais barato que a B. Caso isso acontecesse e, portanto, se iniciasse um processo de concorrência baseada no preço, a "biqueira" A estaria "atravessando" os negócios alheios (os das "biqueiras" B, C, D, etc.), ou seja, estaria desrespeitando o código moral existente em que todas operaram em igualdade de valores." (BATISTA, 2015 p62)*

É importante ressaltar que afirmar que as forças policiais controlam o comércio a partir da incisão da força e o Primeiro Comando da Capital o faz através do controle moral não quer dizer que operações policiais não contem com respaldo moral ou que o

Comando não conte com o recurso a força. A aposta neste sentido é a de que a prevalência do controle de forças policiais sobre operadores de drogas se dá através da aplicação da força enquanto a prevalência do controle do PCC, sobre estes se dá através de seus códigos morais, sem deixar de notar que ambas tem acessos a outras formas controle.

É com base nestas reflexões que se torna mais sensato afirmar que esta não é uma pesquisa sobre o mercado da droga e sim uma pesquisa sobre jovens participantes de postos de comércio de drogas ilícitas e sua relação com o Primeiro Comando Capital.

### **1.3 Moral e moralidades. O *proceder* enquanto norma e enquanto prática.**

Emile Durkheim (1972) ao refletir sobre o poder coercitivo da moral aponta para a importância de se estudar de maneira distinta a moral enquanto autoridade generalizante e as vantagens singulares extraídas por agentes que agem em ressonância com o que tal ente produz enquanto moralmente correto. Tal perspectiva será utilizada nesta pesquisa a partir de determinadas mediações entre o que pensava o sociólogo francês e o que se pode observar no dia a dia daqueles que convivem com o *proceder*.

O *proceder* enquanto signo de uma moralidade assume, basicamente, duas formas cotidianas: a primeira diz respeito a construção e avaliação de condutas pessoais que tem o próprio *proceder* como signo positivo e a segunda diz sobre um exercício político do Primeiro Comando da Capital de espalhamento da sua concepção dos valores de paz, justiça, liberdade e igualdade em determinados territórios. Estas duas formas de se agenciar o *proceder* serão os focos de exame nesta dissertação.

Como argumenta Adriana Vianna (2003) em artigo sobre a moralidade dos processos judiciais sobre a guarda de crianças encarar a autoridade como um ente fixo e substantivo nos impede de enxergar como ela se desloca, ao mesmo tempo que

entender como ela se apresenta com imagem aparentemente fixa nos ajuda a compreender a sua forma de atuação em relações de poder:

*“Assim, é importante contrapor ao desenho relativamente fechado da moral, como um tipo específico de ações e representações, o exercício mais plural de moralidades, como um campo de enunciados sobre intenções, atos e condições nas quais esses atos foram realizados.” (VIANNA 2003 p3)*

O *proceder* assume assim sua ambiguidade enquanto instância moral localizada daqueles que se relacionam em diferentes intensidades com o *Comando*: é apenas um em forma de moral e múltiplo em seus conteúdos transformados em moralidades situacionais. Adalton Marques (2009) em seu livro dedicado exclusivamente ao estudo da noção de *proceder* nos ambientes prisionais escolhe por aparato metodológico semelhante, optando por descrever os pontos de vista e as genealogias construídas cada vez que um dos seus interlocutores diziam estar em sintonia com o *proceder* ou acusavam outro de estarem *correndo pelo errado*.

*“Então dediquei atenção cuidadosa ao modo como meus interlocutores se apresentam a mim: através de diferentes pontos de vista. Dessa nova partida, multiplicaram as compreensões acerca do “proceder” e da divisão convívio-“seguro”. Mais que isso, foi me dado a perceber diferentes defesas sobre o acoplamento “pelo certo” entre tais estratos, bem como ataques aos acoplamentos defendidos pelos “inimigos”. Eu estava diante de saberes que realizam procedimentos genealógicos de análise, já que se debruçam sobre suas próprias experiências, e sobre as experiências de outros, a partir de uma questão que lhes é presente: “o que é o certo?” [MARQUES 2009 p113]*

De maneira mais aparente o *proceder* opera como um símbolo de aprovação moral que aqueles que se relacionam com o *Comando* identificam em sujeitos considerados valorosos e dignos de confiança. Os critérios de sua avaliação e os conteúdos considerados como “de *proceder*” são múltiplos e se confundem com outras moralidades cotidianas principalmente as relacionadas a interpretação do velho testamento bíblico empregado por igrejas neopentecostais<sup>13</sup>.

Observa-se assim um movimento duplo sobre o que sustenta o *proceder*: de um lado um compromisso de exercício político estrategicamente explicitado com a busca por uma vida *justa* em uma determinada coletividade. E por outro uma série de

<sup>13</sup>Sobre a relação entre pentecostalismo, velho testamento e moral no crime, ver (TAKAHASHI 2013, MARQUES 2009, VITAL DA CUNHA 2008)



procedimentos de produção de uma conduta de autocontrole do discurso e do corpo. Tanto o compromisso político com a coletividade quanto os procedimentos de conduta são constantemente avaliados por seus pares que também se submetem a este tipo de avaliação.

Se existe o *proceder* como palavra de avaliação moral positiva, os termos que prenunciam uma falta de *proceder* ou falhas circunstanciais em algum aspecto e sua consequente avaliação negativa são bem mais elásticos: *talaricos* aqueles que cobiçam a mulher alheia, *nóia ou bate-nave* aqueles que não lidam bem com as drogas, *cagueta* aqueles que delatam, entre outros, e, como se pode observar, o conteúdo de das falhas com o *proceder* também se aparentam muito com pecados e falhas morais cotidianamente enunciadas em outros ambientes.

Porém, se o *proceder* tem semelhanças com outras moralidades em seus conteúdos, para aqueles que vivem em contato com o dia a dia do mundo do crime as formas de avaliação e suas consequências são sensivelmente distintos e para estes, o *debate* aparece como principal ritual de deliberação acerca de eventuais conflitos de sujeitos que tenham algum grau de relação com o *Comando*. O *debate* torna-se assim um dispositivo prático de avaliação das condutas daqueles que são acusados de transgressão em relação ao *proceder*, isso não significa contudo a exclusão de outras formas de avaliação como boatos, reclamações e comentários, pelo contrário, normalmente é pelo acúmulo destes que se instaura um *debate*.

Durante um *debate*, idealmente, acusados e acusadores expõem seus argumentos frente a mediação de um ou mais *irmãos* do PCC que discutirão quem está com a razão e qual será a sansão aquele que for considerado errado. As sansões podem ir desde reparações materiais ao dano, agressões, expulsões de suas *quebradas* e, em última instância, a morte, a formalização destes debates e suas consequências dependem, para além de outros fatores, da gravidade da transgressão a ser julgada, Hirata argumenta:

*“A justiça, neste caso, não mantém uma identidade com a manutenção de uma estabilidade pacífica, mas organiza um enfrentamento entre as partes. A organização deste enfrentamento não se produz através da busca de quem diz a verdade dos fatos, mas através do enfrentamento estabelecer qual pessoa tem razão, ou seja, não se procura designar ou fazer manifestar uma verdade, mas sim tornar visível os atos conformes a uma forma de conduta que é nomeada proceder. Neste sentido o certo me parece ser uma adequação dos atos a este proceder” [HIRATA, 2010 p304]*

Essa forma de operação do *proceder* enquanto normativa moral e recurso situacional de mediação de conflitos cotidianos foi um dos argumentos levantados durante a discussão sobre a queda de homicídios no estado de São Paulo no meio da década de 2000. O *proceder* e os *debates* somados ao desarmamento das *biqueiras* operariam assim como técnicas de evitação do uso da força letal a partir da interrupção de processos de vinganças, regulação do uso de armas de fogo e o esforço de se substituir resoluções de conflitos com base na força por resoluções com bases dialógicas, fazendo com que o “mundo do crime” se tornasse mais uma das instâncias normativas válidas da vida cotidiana:

*“Quando moradores de favela ou jovens inscritos no “mundo do crime” dizem “não pode mais matar”, o que se enuncia é um princípio instituído nos territórios em que o PCC está presente: a morte de alguém só se decide em sentença coletiva, legitimada por tribunais compostos por pessoas respeitadas do “Comando”. A partir desse princípio instituído, aquele menino do tráfico que, há alguns anos, tinha a obrigação de matar um colega por uma dívida de R\$ 5, para se fazer respeitar entre seus pares no “crime”, agora não pode mais matá-lo pela mesma razão. As punições são distribuídas sem a necessidade do homicídio ou, mais exatamente, necessariamente sem o homicídio.” [FELTRAN 2010, p69]*

Esta época representada por uma “quebrada em paz” tem se tornado paulatinamente uma nostalgia para aqueles que a viveram, durante minha experiência de campo e no contato com pessoas mais velhas (majoritariamente orientadores de LA e mães de adolescentes em medida) ouvi muitos relatos sobre como os tempos mudaram na vida no crime e que hoje em dia as coisas já não estão “tão certas” assim, relatos como estes também estão presentes em outras pesquisas (BATISTA 2015 p46-53, SILVA 2014 p105-107).

Em contrapartida, quando das minhas conversas com sujeitos mais jovens (majoritariamente os adolescentes em medida) o *proceder* aparecia com grande estima e parecia ser um organizador constante de suas vidas cotidianas. Tal impressão frente a jovens que tenham relação com o *Comando* aparecem também na etnografia empreendida por Fabio Mallart (FONTE 2011) entre adolescentes internados na Fundação Casa.

Chegamos então em um impasse: o *proceder* e seus *debates* figurou por muito tempo como uma das principais operações para a construção de uma *quebrada* pacífica porém, atualmente aparecem relatos de que as *quebradas* foram *largadas* na mão de jovens que não tem *proceder*, jovens estes que, quando questionados dizem andar em sintonia fina com o que consideram ser o *proceder*.

Duas perguntas me parecem ser as mais adequadas para atentar os caminhos para uma tentativa de resolução desse impasse: I) Quais conteúdos são acionados quando estes sujeitos dizem estar em sintonia com o *proceder*? II) Qual é a eficácia do *proceder* e do *debate* como mediador pacífico de conflitos morais no dia a dia deles?

Refletir sobre estas questões é refletir, conseqüentemente, sobre o papel do PCC enquanto componente da construção da experiência geracional de juventude a qual estes jovens vivem atualmente. Desta maneira poderemos verificar a construção da moral em ato fugindo do perigo sobressaltado por Howell (1997 p9) de se estudar as atitudes dos interlocutores a partir de uma pressuposição cristalizada de moral e moralidade.

Retomados os conceitos de geração, comércio e moral que nortearão esta pesquisa, passamos agora as condições sob as quais seus dados foram produzidos, uma destas condições trata do território no qual ela se passou e é sobre este território que trataremos agora.

#### **1.4 A cidade de Pinheiros, suas dimensões e as consequências de se estudar crime em uma “cidade do interior”.**

*“Eu contava para Julio que havia acabado de chegar do Rio de Janeiro, ele parecia entusiasmado com a notícia. Júlio é um dos garotos que mais fala comigo. Ele me perguntou se lá era muito violento, disse que não vi nada demais, a única coisa diferente era o tanto de fuzil, parecia que todo mundo no Rio anda de fuzil. Ricardo chegou na conversa, Julio comentou: se liga, quebrada, o professor falando dos fuzil lá no Rio, lá que o bagulho é louco, todo mundo de fuzil, aqui não tem fuzil, nem as polícia tem. Ricardo discorda, disse que já tinha visto fuzil na cidade, os dois começam a discutir sobre a veracidade do relato de Ricardo. No final, Ricardo conclui dizendo: é, mas no Rio é diferente mesmo, cidade grande né, não é interior.” [Diário de Campo Outubro de 20115]*

A cidade de Pinheiros se localiza na região Oeste do estado de São Paulo e tem cerca de 180 mil habitantes segundo o último censo, realizado no ano de 2010. A geografia de Pinheiros é relativamente parecida com a de muitas cidades do interior paulista: bairros comerciais no centro e grandes bolsões de moradia separadas basicamente por níveis de renda.

Tanto as áreas periféricas quanto as áreas de alta renda da cidade se localizam em áreas isoladas: conjuntos habitacionais, áreas de ocupação, condomínios fechados de casas e de chácaras. O transporte público é reduzido e as poucas linhas de ônibus que funcionam somente das 5 às 22 h e fazem percursos curtos: das periferias ao centro, do centro às periferias, espaçados de uma em uma hora. Pouquíssimas linhas fazem o percurso entre periferias e nenhum atravessa toda a cidade.

Atentar para as dimensões da cidade a fazer parte desta pesquisa é atentar também para uma diferença sensível das condições de produção do estudo frente as condições enfrentadas na produção da bibliografia nacional recente de pesquisas sobre crime, voltadas majoritariamente às grandes capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Fortaleza.

Duas distinções entre cidades de porte médio e metrópoles alteram efetivamente as formas como as dinâmicas do comércio de drogas ilícitas se territorializam: a primeira, e mais evidente, é a diferença de escala de vendedores e consumidores em

potencial dos produtos comercializados, uma escala mais modesta interfere diretamente em fluxos de caixa, rotas logísticas, número de posições de trabalho, etc. A segunda diz a respeito a relação entre este determinado comércio e as forças de controle (especificamente as policiais) que agem com ele e alteram sensivelmente as rotinas de seus operadores. Não é incomum que os garotos envolvidos nas atividades do comércio conheçam, de ocasiões outras, as pessoas que os prenderam, extorquiram ou agrediram. Esse nível de conhecimento se intensifica quando pensamos na utilização de mídias digitais e mensageiros eletrônicos por forças policiais, assunto que será tratado a diante.

A estas duas diferenças específicas se juntam outras que não poderão ser acessadas de maneira tão direta neste texto: a produção de cidades no interior paulista, as relações raciais em cidades marcadas pela forte presença da escravidão negra, a conformação urbanística destas cidades, a história de suas economias formais e informais, etc.

A tradição de estudos urbanos em São Paulo se focou majoritariamente em estudos que tratam sobre a capital do estado, longe dessa decisão se caracterizar como um “erro” metodológico, é importante atentar para o perigo de uma espécie de “sinédoque sociológica” ao tratarmos estudos em outros municípios paulistas como uma versão em miniatura das pesquisas empreendidas na capital.

Ao olharmos mais atentamente para as escalas as quais a capital paulista se conforma podemos inferir que esta cidade é uma exceção urbanística: nenhuma capital brasileira comporta tantas pessoas, meios de produção, matizes de classes, nenhuma viveu um processo tão forte de imigração nem conseguiu construir um mercado tão diversificado de indústrias, serviços, comércios, etc<sup>14</sup>.

Entender estas e outras distinções sobre se estudar o mundo do crime numa cidade de porte médio no interior paulista, nos ajuda a entender de maneira mais

14 Aqui cabe um breve agradecimento a Gregório Zambon e Daniel Velloso Hirata, dois pesquisadores de fina qualidade que abriram meus olhos para o caráter único da maior cidade do país.

organizada o que se diz ao usarmos termos clássicos dos estudos urbanos como “periferia” e “mercados ilegais” que também serão centrais para esta pesquisa. Isso não quer dizer que as cidades do interior paulista sejam uma espécie de “mídia urbanística” do estado, o intuito desta sessão do texto é ressaltar a advertência em se transpor sem a devida mediação dinâmicas que ocorrem em cidades com consideráveis diferenças de escalas.

Uma vez acessada as diferenças entre o estudo urbano em metrópoles e em cidades interioranas de médio porte, passamos agora para a reflexão sobre minha entrada em campo enquanto pesquisador e suas consequências para o ritmo e qualidade dos dados produzidos.

### **1.5 “Da ponte pra cá antes de tudo é uma escola” Notas sobre a relação entre semelhança e diferença no trabalho etnográfico.**

*“Essa é a primeira vez que eu conheço alguém que tentou matar alguém. Não que eu nunca tinha visto uma briga, ou visto alguém tentando matar alguém, quando eu era pequeno esse tipo de coisa acontecia onde eu morava, mas eu não conhecia as pessoas envolvidas, era uma coisa de criação, minha mãe não deixava eu “me misturar”... família evangélica, um mundo separado do mundo.*

*Agora Cesar está aqui, na minha frente, conversando comigo, ele tem um B.O de tentativa de homicídio, jogou um bloco de cimento na cabeça do próprio tio, está no fim da medida e o juiz determinou sua semiliberdade.*

*Cesar tem a minha altura, a minha cor de pele, torce pro São Paulo que nem eu, a família dele veio do Nordeste, que nem a minha. Cesar é gente boa, conversa fácil, gosta de fazer piadas e jogar futebol. Ele é, de fato, muito, muito parecido comigo...” (Anotação no diário de campo, Fevereiro de 2016)*

A pesquisa aqui apresentada tem como seus principais personagens uma parcela da juventude periférica que ocupa posições no comércio varejista de drogas ilícitas, em uma cidade do interior de São Paulo, aqui chamada de “Pinheiros”.

As tardes entre os garotos e a equipe pedagógica do São Judas tiveram uma passagem ritual específica e que marcou minha experiência enquanto pesquisador: o

fato de eu fazer parte de uma universidade do município me enquadrara, entre os garotos, como “professor”. Junto a todos os homens do corpo de funcionários da instituição, por muitas vezes tentamos que nos chamassem pelo nome, mas instantes após o pedido algum dos garotos me interpelava: “oh professor, mas me diz uma coisa...”. Em dado momento eu simplesmente me resignei.

A diferença entre eu, que estudara em escolas como as deles, tinha a cor de pele deles e apenas alguns poucos anos a mais que eles, já era suficientemente grande para que houvesse um “nós” e um “eles” constante à relação.

O apelido de “professor” se juntava a outras expressões recorrentes de diferenciação e igualdade entre os participantes da rotina e sociabilidades que engendrou o trabalho de campo: todos os homens do São Judas eram chamados de “professor” todas as mulheres eram chamadas de “dona” e os garotos referiam-se entre si como “quebrada”.

Outra expressão frequentemente utilizada era a referência a de “que lado da ponte” cada um dos participantes da conversa estavam, esse tipo de estratégia de linguagem era acionada pelos adolescentes principalmente quando discordamos de alguma coisa relacionada às suas vidas no crime. A resposta a discordância geralmente vinha assim: “Professor (ou dona) você não sabe porque você é da ponte pra lá, nós aqui é da ponte pra cá, tá entendendo?”

Não é por coincidência que uma frase retirada de uma música – Da ponte pra cá (Racionais Mcs, 2002) - que repete várias vezes a expressão “não adianta querer ser” é agenciada frequentemente por estes sujeitos, a marca da diferença e a ideia de que aqueles que convivem com o crime vivem em um mundo que se estabelece “da ponte pra lá” daqueles que não tem tal experiência constrói efeitos práticos cotidianamente vivenciados e isto não poderia ser ignorado em um empreendimento de pesquisa. A perspectiva etnográfica nos permite perceber tais efeitos e suas construções em suas multiplicidades, perscrutando as nuances das relações de poder que produzem, em

matéria e em discurso, as diferenças entre o que está da ponte pra lá e o que está da ponte pra cá.

Não foram poucas as vezes em que me senti semelhante aos garotos que conversei e acompanhei, as similaridades eram muitas: a masculinidade, a pele negra, o gosto por rap, funk e futebol, a trajetória de migração Nordeste-Sudeste da família, os pais evangélicos, a experiência escolar nas unidades estaduais de SP, e a própria idade (alguns deles terminavam medidas aos 21 anos, 3 a menos do que tenho agora.) nos aproximavam em vários momentos, até que a metáfora da ponte fosse mais uma vez agenciada.

É importante ressaltar que as sensações de semelhanças e reconhecimentos se encerravam no âmbito das relações diretas entre eu e os garotos. O reconhecimento de que eu, universitário em pós-graduação, tinha características similares às daqueles “garotos do crime” possibilitavam algum grau de aproximação entre nós, mas não mudava em nada as representações estáveis de que eu era um “estudante” e eles “moleques”.

Na introdução do livro “Corpo e Alma” (WACQUANT, p10-31, 2002) vemos a descrição de como Loic Wacquant conseguira através do boxe uma maneira de aproximação com sujeitos que diferia na maioria dos marcadores sociais, no caso da pesquisa aqui empreendida parece acontecer exatamente o oposto: apesar de diversas experiências compartilhadas entre pesquisador e interlocutores, é justamente o tema da pesquisa que se configura como fronteira entre ambos: *a vida no crime*.

Se por um lado não ter contato com a vida no crime me distanciava de seus cotidianos, por outro não fingir que eu sabia e mostrar sincera curiosidade talvez tenha sido um dos pontos chaves para a produção de dados na qualidade a qual ela se encontra<sup>15</sup>. Apesar das *zoeiras* provenientes da visível ingenuidade de algumas de

<sup>15</sup> Diferentemente, por exemplo, de Venkatesh (2008) em sua “sociologia rogue”(2008 p15-25) em que o pesquisador ativamente se disfarçou de “drug lord” (2008 p100-112) como método de prospecção de dados, minha presença em campo sempre fora marcada pelo signo do “professor” e a partir dele que travei a maioria de minhas relações.



minhas questões, a sensação de que eu estava de fato interessados em algo que eles sabiam mais do que frequentemente os animava a tentar “ensinar algo para o professor”

É a experiência com o crime, suas consequências e ramificações que parecia decidir as situacionalidades dos discursos acionados em nossas conversas: a convivência com o risco, com a violência policial e com o dia a dia do crime eram as porosidades, mais ou menos fechadas, das fronteiras de diferenciação entre nós. Esta relação com a vida no crime também afetava de maneira decisiva os momentos em que os status de cada um dos sujeitos eram hierarquizados em nossas conversas.

Não foram poucas as vezes em que o estado do meu tênis foi alvo de piadas comparados aos “tênis de mil” que eles calçavam, eles perguntavam do que adiantava fazer faculdade se era para andar daquele jeito. Em outros momentos comentário sobre baladas onde os garotos iam e diziam gastar centenas de reais também eram parte do assunto, certa vez, Júlio, um dos adolescentes com os quais tive mais contato me disse que gastou tanto em uma festa universitária que deve ter pago muitos bilhetes de RU [Restaurante Universitário] para muita gente.

Porém, não é só de dinheiro se cria os status, para além das piadas era também frequente o reconhecimento de que minha vida enquanto universitário era mais “garantida” que a deles. Ter “garantia” era outro aspecto fundamental de separação entre eu e eles, a noção de que a faculdade me daria uma sustentação material e uma rotina sem grandes sobressaltos era acionada em diversos momentos de nossas conversas, como nesta cena descrita a baixo:

*“Cláudio me perguntava sobre a vida na faculdade, expliquei pra ele que ganhava uma bolsa de quase dois salários-mínimos pra estudar e fazer uma pesquisa, ele me disse que dois salários era muito pouco, que isso dava pra ganhar numa noite boa no corre. Cláudio estava sentado no degrau da escada que levava até a sala de oficinas do Núcleo São Judas, eu estava em pé, encostado em uma parede. Eu brinquei cogitando uma possível troca de profissões, ele riu e me disse: que isso professor, você tá com a vida ganha, a gente tá fodido.” (Diário de Campo, Março de 2015)*

Esse tipo de jogo entre diferença e semelhança se produziu constantemente no meu trabalho de campo expondo assim uma divisão entre os que estão “fodidos” e os que estão com a “vida ganha”, mesmo que os primeiros admitam conseguir mais dinheiro que os segundos e os segundos apresentem semelhanças históricas e sociais com os primeiros.

A relação entre uma “vida garantida” e uma “vida no corre” marcava de maneira sensível as bases das semelhanças e diferenças ali engendradas. Enquanto eu caminhava para uma vida vista como com cada vez mais garantias e seguridades, os segundo se enxergavam (e viviam) num caminho em que os riscos só tenderiam a aumentar, é a presença constante do risco um dos aspectos mais significativos quando estudamos a construção de subjetividades de sujeitos periféricos.

A noção de “sujeição criminal” produzida por Michel Misse (2010) nos ajuda a entender de que maneira a ideia de risco age na produção de subjetividades periféricas. A ligação entre uma ideia de latência dupla do risco em relação ao mais pobres que são, ao mesmo tempo, os que sofrem e produzem risco, é parte do processo de se produzir no imaginário social o perigo urbano enquanto um corpo negro, jovem, agressivo e que habita as inacessíveis periferias da cidade:

*"É importante frisar que a sujeição criminal é o resultado, numa categoria social de indivíduos, de um processo social de constituição de subjetividades, identidades e subculturas do qual participam como fatores: 1) designações sociais que produzem uma específica "exclusão criminal" (através de acusações e incriminações) de agentes que caem na classificação social do que seja delito (crime ou contravenção); 2) atribuições ao agente (baseada na crença de que sua trajetória confirma, nesse caso, regras sociais de experiência) de uma tendência a praticar crimes, isto é, de seguir um curso de ação incriminável, geralmente com a expectativa de que esse curso de ação venha a ter (ou já tenha) regularidade; 3) autorrepresentações, no agente, ou representações nos seus familiares, ou mesmo nos seus grupos de referência ou na comunidade em que vive, que ora demandam ou tentam "justificar" ou "explicar" suas práticas e escolhas individuais, ora as atribuem à sua singularidade ou concluem pela impossibilidade dessa justificação." (MISSE p23 2010)*

Como argumenta o autor (MISSE, p15-38) o processo de produção de sujeitos criminais combina uma trama muito complexa de fatores que associam o histórico e o situacional na produção sujeitos criminais e criminalizados. Misse também nos ajuda a entender, através do conceito de “acumulação social da violência” (2010 p22-26) como estes processos de produção de sujeitos criminais trabalham em direção de se naturalizar no tempo e no espaço, de maneira que qualquer pessoa que habite por algum tempo qualquer cidade “saiba” quais são os bairros e tipos perigosos, responsáveis por emanar toda a criminalidade de suas regiões:

*"A sujeição criminal não é apenas um rótulo arbitrário, ou o resultado de uma luta por significações morais disputáveis, mas um processo social que condensa determinadas práticas com seus agentes sob uma classificação social relativamente estável, recorrente e, enquanto tal, legítima. Há estruturação na produção social da sujeição criminal, mas cada evento só é capturado nessa estruturação se "fizer sentido" para muitos indivíduos, inclusive para o próprio acusado." (MISSE, p24 2010)*

Em meu trabalho de campo eram recorrentes as falas sobre como alguns bairros eram “mais difíceis” que outros, principalmente quando tratávamos com as educadoras sobre o perfil dos atendidos. Essa “dificuldade” era reiterada pelos garotos quando se referiam aos seus lugares, eram uma espécie de provocação aliada a identificação com suas quebradas quando algum deles dizia, de peito aberto “Aqui é Bom Sucesso [bairro da periferia de Pinheiros], aqui é o crime!”.

Essa identificação com os locais e seu entendimento enquanto “locais do crime” nos leva a atentar para as relações estéticas entre sujeito e território frequentemente produzidas nas construções de corpos, tal relação era representada em camisetas de times locais, cortes de cabelo com as iniciais de suas *quebradas*, referências a acontecimentos recentes em suas vizinhanças. Outro elemento importante neste processo era o conhecimento de nomes de pessoas e locais como forma de verificação se alguém de fato “sabia” do que estava acontecendo ou não.

Durante uma conversa sobre um acidente de carro envolvendo um carro guiado por um universitário e uma moto guiada por um amigo de Eduardo, morador do Jardim Filosofia, um bairro periférico do leste de Pinheiros. Edu comentava sobre Jorge, seu

conhecido que estava guiando a moto e que agora teria que fazer uma cirurgia na perna. Ele me contou que o universitário em questão teria que pagar por tudo já que foi ele que atravessou o sinal de “Pare”. Edu me perguntou se eu conhecia o sujeito, eu disse que não, ele me responde com uma pergunta: “porra professor, mas o senhor não é da universidade?”

A partir deste processo que eu, enquanto pesquisador, também me produzia com as evidências e signos que me identificavam como alguém de fora da vida no *crime* e na *quebrada*: se dentro da universidade eu sentia dúvidas quanto ao meu pertencimento àquele local, para os adolescentes do São Judas eu era inegavelmente *alguém da [universidade] federal*.

É nesta relação constante de semelhança e diferença, que se deu a produção de dados que dão partida a etnografia aqui empreendida. Se em alguns momentos os garotos foram quase didáticos para me falar sobre assuntos que eles achavam alheio à minha vida: “então professor, a fita de preparar os pacotinhos de maconha é assim...” em outros momentos o compartilhamento de códigos: os *assunto de homem*, *as fitas do racismo* e os papos sobre a rodada no futebol, permitiram ligações afetivas e diálogos espontâneos.

### **1.5 O discurso e o fato. Método de produção e qualidade do dado etnográfico.**

Contando desde minha primeira visita ao núcleo São Judas em Agosto de 2014 até as últimas visitas no primeiro semestre de 2016, foram aproximadamente 20 meses de inserções diferentes em campo, que vão desde o momento de elaboração do projeto de pesquisa até o momento atual, de redação dos textos finais de qualificação e dissertação. O processo de produção dados foi assim se adequando à dinâmica do núcleo e às demandas do mestrado: disciplinas, atualizações no corpus bibliográfico, participação em eventos, etc.

Outro ponto a ser levantado é que a frequência das visitas também se alterou bastante durante o processo de produção de dados. Durante 2014 as visitas eram de no máximo uma vez por mês. No ano de 2015 tive acesso ao núcleo três vezes por semana. No primeiro semestre de 2016 fiz duas visitas por semana ao Núcleo e a partir do segundo semestre do ano não tive mais condições de ter uma frequência organizada, resumindo-me a participações em eventos e conversas esparsas.

Para tentar dar organização à produção de dados sem que isso constrangesse as pessoas as quais eu me relacionei durante os momentos de inserção em campo mantive, desde o início, a mesma rotina de registro: sempre posteriormente o encerramento das atividades no núcleo gravava em áudio, em um local reservado, o que havia vivido naquele dia para depois transcrever este áudio em texto no diário de campo junto com outras anotações que feitas posteriormente.

Parte deste material se perdeu (em sua maioria observações do final de 2014) devido um defeito de um dos meus discos rígidos. Além disso, pelo fato das observações serem registradas em momentos posteriores e em lugares diferentes da situação vivida, uma parte significativa dos dados dependeu de meu esforço de memória, o que acarretou também uma perda considerável de dados, ora por cansaço, ora por desatenção. Esse são pontos que me ensinaram muito e que, em pesquisas posteriores, tentarei evitar.

Apontar para estas intempéries, muitas vezes inevitáveis da rotina de registro de dados através da observação participante, serve de inflexão epistemológica para duas questões metodológicas fundamentais: I) evitar a criação de uma ficção em que os dados da pesquisa serão sempre infalíveis e representantes irretocáveis das impressões produzidas no momento da observação II) demonstrar de maneira mais honesta e clara possível as condições materiais de produção de dados <sup>16</sup>

<sup>16</sup> Sobre uma reflexão crítica acerca dos efeitos epistemológicos do caráter prático e experiencial da pesquisa etnográfica ver Magnani (2009 p129-156)

Somada a essa transcrição do registro de observação direta, também gravei algumas entrevistas semi-estruturadas, acessei fontes secundárias como jornais e documentos, e fotografei alguns momentos interessantes da pesquisa. As entrevistas foram gravadas com meu celular sempre que ambas as partes se sentiam confortáveis de gravar tais relatos, isso me impediu de manter um arquivo linear de entrevistas, pois, se em dado momento era completamente natural gravar relatos sobre determinados assuntos em outros a continuidade ou a sugestão da gravação me parecia algo de profunda indelicadeza.

As fotografias não serão usadas neste texto e servirão como material confidencial de apoio às análises, esta decisão é baseada na proteção legal a imagem de adolescentes, garantida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Mas também pelo compromisso ético de não constranger ou colocar em risco as pessoas que contribuíram de maneira imprescindível para a construção desta dissertação.

Portanto, temos nesta pesquisa dois “tempos” de produção dados: os registros de observação participante eram produzidos em uma frequência muito próxima ao “tempo real” precisando assim de uma técnica distinta: eu não poderia deixar passar muito tempo entre a percepção e o registro sob o risco de falhas maiores de minha memória. Já as fotografias, entrevistas e documentos, configuravam recortes temporais “estáveis” uma vez que seus registros independiam do resgate de memórias, fazendo com que esse material pudesse ser revisitado com maior distanciamento de tempo.

Outro ponto importante de se ressaltar é que parte das informações primárias produzidas nesta etnografia são relatos dos adolescentes sobre suas atividades, sendo assim, meus registros são compostos pela tradução de minha experiência em texto e pela tradução do discurso dos sujeitos de pesquisa em texto academicamente coerente. A especificidade desse tipo de empreendimento etnográfico de tradução nos remonta aos apontamentos metodológicos de Geertz em “A Interpretação das Culturas” (2008 p3-25), para o autor o empreendimento etnográfico nos possibilita produzir uma descrição densa e interpretativa sobre uma determinada “cultura” uma vez que a experiência do pesquisador seja sistematicamente traduzida em texto.

A partir desta perspectiva metodológica, a produção e organização dos diários de campo proporcionam à pesquisa uma base empírica de indução analítica<sup>17</sup>, indução esta que se guiará por três aspectos específicos: I) recorrências de informações II) informações sobre as histórias de vida dos sujeitos de pesquisa III) cenas etnográficas ilustrativas dos temas analíticos indutivamente produzidos.

É com base nestas condições de pesquisa e apontamentos metodológicos apresentados que se deu a produção e registro dos dados desta etnografia. A sequência do texto se encarregará então de apontamentos conceituais acerca do tema central deste texto de qualificação: a participação de jovens periféricos no comércio varejista de drogas no estado de São Paulo.

## **1.6 Organização dos capítulos.**

A forma escolhida para organizar este texto tem como eixo central seus temas: comércio, moral e geração. Desta maneira a dissertação terá o restante de sua composição dividida em três partes, cada uma privilegiando os temas a serem abordados.

O capítulo I tratará a forma de organização e rotina do comércio varejista de drogas produz uma rede de oportunidades financeiras e responsabilidades morais disponíveis para a atual geração de jovens periféricos paulistas. O contato com relativo sucesso com esta rede requer uma série de técnicas de avaliação, perspicácia e cuidado do corpo, este capítulo analisará a organização da rede, suas responsabilidades e técnicas através da trajetória de sujeitos que a derivam.

Este capítulo será organizado em duas sessões: a primeira trará a história de vida de Eduardo que nos ajudará a analisar as posições disponíveis no comércio varejista de drogas ilícitas, suas técnicas e responsabilidades necessárias. A segunda trará as

<sup>17</sup> Jack Katz, em "International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences" (Smelser e Bates, 2011) define o conceito de indução analítica como "a research logic used to collect data, develop analysis, and organize the presentation of research findings." (Katz in Smelser & Bates p120)

histórias de Rafael e Newton que nos levará as técnicas do corpo no dia a dia do tráfico e o papel das novas tecnologias de comunicação nas técnicas de controle e comércio.

Os conflitos entre normativas morais e necessidade de solução de conflitos situacionais é uma das maneiras de se entender a forma como se operam as moralidades enquanto experiências cotidianas, desta forma o capítulo II se propõe a compreender as moralidades situacionais que balizam a rotina do comércio de drogas paulistas apontando para os casos em que elas aparecem como normativas discursivas transcendentais e como estratégias discursivas situacionais, dando ênfase a noção de *proceder* que emerge da experiência destes.

Este capítulo seguirá organização semelhante ao primeiro, com duas sessões: a primeira tratará sobre a história de vida de Júlio e nos ajudará a compreender a plasticidade do *proceder* e como ele se ressignifica a partir da fase da vida do sujeito que o agencia; a segunda trará as considerações e comentários sobre a morte de três sujeitos durante uma discussão de rua e nos ajudará a refletir sobre o a noção de *quebrada largada* e o alcance das técnicas políticas do *Comando* sobre estas questões.

Finalmente, a conclusão refletirá sobre uma transição geracional do Primeiro Comando da Capital e as diferentes entre as experiências e perspectivas produzidas sobre o *Comando* nesta transição.



## 2. Comércio

### 2.1 Oportunidade e Risco. Aspectos estruturantes da vida no *tráfico*.

*“Repórter: Muita gente fala que não se pode dizer “não” para o PCC, mas no teu caso você diz que pode..  
Dexter: Não, não... claro que não! Você tem seu livre arbítrio [...] você quer, irmão, você não quer, irmão também...  
Repórter: Mas uma vez que entrou...  
Dexter: Uma vez que você entrou você tem que arcar com os seus compromissos, né?” [Entrevista – Rapper Dexter fala sobre o PCC, TV UOL<sup>18</sup>]*

Um ponto de comércio de drogas ilícitas na cidade de Pinheiros, onde fiz meu trabalho de campo, é conhecido como *biqueira*. Elas seguem cotidianamente uma organização muito próxima àquela descrita na bibliografia (BATISTA 2015, SILVA 2014 MALVASI 2009, HIRATA 2010, FELTRAN 2012): as posições de trabalho na comercialização são, basicamente: *olheiros, vapores e gerentes*, além dos *patrões*, que geralmente controlam mais de uma *biqueira* em uma região específica ou a distribuição de uma determinada droga em uma região mais ampla<sup>19</sup>.

Existem também posições outras, muito menos fixas e mais complicadas de capturar, que circundam o dia a dia do comércio. Geralmente estas são ocupadas por meninos muito novos (de 7 a 10 anos) que fazem pequenos serviços como: buscar lanches, recarregar celulares, comprar cigarros e eventualmente pequenas entregas de mercadorias; estes garotos fazem parte de uma certa gravitação do *tráfico*, mas geralmente não se consideram nem são considerados por seus colegas como pessoas “do crime”.

<sup>18</sup> Link para a entrevista: <https://www.youtube.com/watch?v=4ZlYlhxXkMg> última visualização 23/01/2017

<sup>19</sup> As informações presentes neste capítulo são fruto de minhas anotações em diário de campo e de conversas que tive com adolescentes que já participaram do cotidiano do comércio de drogas.

As posições fixas: *olheiros*, *vapores* e *gerentes*, se dividem por responsabilidades específicas<sup>20</sup>. Isso não quer dizer que um ocupante não possa cumprir eventualmente a responsabilidade do outro, mas que cotidianamente elas tenham funções fundamentais organizadas da seguinte maneira: os *olheiros* são responsáveis por vigiar o comércio à procura de pessoas estranhas, policiais ou potenciais clientes tendo seu faturamento fixado por turno de trabalho (algo em torno de 15 a 30 reais por turno); os *vapores* são os comerciantes diretos da droga e ganham uma porcentagem frente ao seu faturamento total do dia; os *gerentes* são responsáveis por coordenar a equipe de *olheiros* e *vapores* e ganham uma porcentagem do faturamento total de sua equipe<sup>21</sup>.

Tomando como base estudos recentes (HIRATA 2010, BATISTA 2015, SILVA 2014, FELTRAN 2012, 2009), tais posições de trabalho carregam consigo uma certa ordem etária: em sua maioria os adolescentes lidavam com as posições de *olheiros* e *vapores*, enquanto adultos ocupavam cargos de *gerente* e *patrão*. Em minha experiência de campo pude observar uma sensível mudança: o fato de cada vez mais jovens de 15 a 17 anos ocuparem cargos de gerência em *biqueiras* e de sujeitos entre 11 e 14 anos ocuparem cargos de *olheiros* e *vapores*. A primeira impressão que tive era a de que as *oportunidades* estavam sendo oferecidas e aproveitadas por pessoas cada vez mais jovens, desta impressão dobraram-se outras reflexões que tem norteado minha dissertação.

O aparente rejuvenescimento das posições do *tráfico* no contexto paulista ainda precisa ser verificado a partir de outros trabalhos, métodos e territórios para se ter uma

20 Existem também outras modalidades de comércio varejista de drogas ilícitas que não dependem de posições fixas ou este tipo de organização: ela dá conta desde de pessoas que vendem eventualmente em eventos festivos, a profissionais de outras áreas que complementam sua renda com a venda para uma rede próxima de relações. Há também vendedores que se especializam no comércio virtual de drogas, vendendo através de fóruns especializados ou por uma rede de contatos estabelecidas através de mensageiros eletrônicos como Whatsapp e Telegram, estas modalidades não serão tratadas em sua profundidade nesta dissertação.

21 As porcentagens de faturamento de vapores e gerentes são diversas, durante minha experiência de campo, geralmente, vapores recebiam entre 35% e 50% do faturamento total de um turno de trabalho e gerentes entre 65% e 50% do valor total dos turnos de todos os vapores. (comparando minha experiência com a bibliografia de temáticas correlatas pude perceber que as comissões parecem variar de cidade em cidade, voltaremos a isso mais a diante)

Tais faturamentos eram constantemente afetados pelos pagamentos de suas dívidas constantes. Ora pela compra do carregamento de droga, feito geralmente em consignação com *patrão*, ora em relação a quantidade de droga consumida pelo sujeito durante o turno de trabalho.

ideia mais ampla de qual é seu alcance<sup>22</sup>. Se levarmos em consideração que o *gerente* é a segunda posição mais alta das hierarquias localizadas nas *biqueiras*, sua ocupação por sujeitos cada vez mais jovens pode colocar em questão a prerrogativa de que a posição deveria ser ocupada por pessoas que tenham mais vivência e conhecimento sobre o território onde o ponto de venda se instala<sup>23</sup>.

Os pontos de venda usualmente se fixam em uma residência e dali se expandem para os arredores do território. Uma casa, dependendo do número de pessoas que trabalham nela, pode servir como núcleo de irradiação da comercialização de drogas no raio de alguns quilômetros. A expansão acontece a partir de pequenas equipes, geralmente formadas por uma dupla de *vapores* com uma carga de drogas e dois ou três *olheiros*; outra opção de expansão se dá também pelas saídas para a venda em festas, contando assim com a mesma composição de equipe, que se estabelece na porta ou numa esquina próxima a uma *balada* da cidade.

Existem também outras formas de comercialização de drogas que, apesar de menos subalternizadas e com menor exposição a riscos, se interseccionam com o tipo de venda desempenhado em uma *biqueira*: vendas pela internet, marcadas pelo telefone, comerciantes de um tipo específico de droga (geralmente sintéticos importados), pessoas com trabalhos formais em outras áreas que complementam suas rendas com a venda para uma rede específica de conhecidos, etc. Estas maneiras de se comercializar drogas ilícitas, apesar de não ser foco central do texto, aparecerá em diversos momentos em relação com os *olheiros*, *vapores* e *gerentes*.

Voltando as *biqueiras* em seu aspecto de organização, este tipo de comércio se ordena como grupos pequenos com hierarquias estabelecidas entre si, com responsabilidades fixadas quanto à sua própria função e também quanto ao funcionamento do ponto de vendas como um todo. Um *olheiro* desatento; um *vapor*

<sup>22</sup> É importante notar que a participação de sujeitos mais jovens no *tráfico* e em suas posições de responsabilidade é muito mais comum em outros locais e contextos de estabelecimento do mercado da droga.

<sup>23</sup> A atribuição de posições de responsabilidades no comércio de drogas ilícitas para pessoas que acumulam grande conhecimento sobre o cotidiano do território ao qual o ponto de venda se instala é também aspecto recorrente em trabalhos realizados em outras regiões do país (SÁ 2010, LYRA 2012)

descuidado ou um *gerente* com pouca capacidade de coordenação, pode colocar em risco o funcionamento daquela equipe, além da integridade física de seus participantes.

Também é importante ressaltar que esta forma de organização não encerra apenas um ciclo comercial, ponto que destaco aqui por uma escolha analítica. Ao longo as descrições dos casos estudados espero tornar aparente como esses microcosmos concentram circulações de outras naturezas que não as de compra e venda, além de conformar, como argumenta Hirata (2010, p.279), um certo núcleo de concentração das pequenas criminalidades daquele território e de seus sujeitos:

*“Mas a biqueira não media apenas os conflitos entre pessoas. Ela é passagem de muitos dos pequenos ilegalismos que ocorrem no bairro. Quando os donos descem do prédio para a rua, pessoas que realizam todo o tipo de expediente informal, ilegal e ilícito aparecem para conversar. Contam histórias, falam de problemas, explicam como algum tipo de esquema vai começar a funcionar.” (HIRATA, 2010 p279)*

Ao comparar os dados de campo produzidos nesta pesquisa com as descrições produzidas em outros estudos que também tematizam o comércio de drogas ilícitas, duas noções aparecem como aspectos estruturantes do tipo de experiências vivenciadas por sujeitos que ocupam tais posições: são elas as noções de *oportunidade* e *risco*. A maioria das pessoas que já participaram do *tráfico*, com os quais pude conversar sobre o assunto, comentavam como esse tipo de trabalho aparecia como uma oportunidade, algo que lhes era oferecido como chance de faturamento rápido e conquista de prestígio. Frente ao mercado de trabalho existente para adolescentes no perfil socioeconômico, racial e educacional deles, essas posições representam ganhos relativos muito superiores aos oferecidos pelas oportunidades formalizadas. Sabe-se, porém, que uma vez aceita a oportunidade uma série de riscos se tornam parte da composição cotidiana de suas vidas.

Tal argumento era levantado tanto para alguém que estabelecia um contato rápido com a vida no crime (ou como muitos me diziam: “eram um menino bom que caiu na besteira”), quanto para aqueles que avançavam para as posições mais centrais do

cotidiano do *tráfico* e eram “do movimento”<sup>24</sup>. Estas oportunidades carregam consigo uma intersecção entre as lógicas de empreendedorismo individual e sentimento de coletividade, de comunidade. Um jovem que ocupa uma posição no comércio de drogas ilícitas deve, segundo as lógicas internas a esse mundo, ao mesmo tempo trabalhar para garantir o seu sucesso individual e explicitar reiteradamente o compromisso e a lealdade para com o *crime*, bem como sua capacidade de ser confiável em relação a seus colegas.

Contudo, apenas descrever tais aspectos em seus termos incorre no perigo de naturalizar tais oportunidades e riscos, fazendo-nos crer que eles seriam aspectos inevitáveis daqueles que participam da comercialização de drogas ilícitas. Devemos agora então descrever de maneira mais precisa como a estrutura de produção de riscos se relaciona com a estrutura de produção de oportunidades no *tráfico*.

Em sua estrutura de operação é justamente o *risco* que produz a rede de oportunidades que compõem a organização mais baixa do comércio de drogas ilícitas. A criminalização do *tráfico*, empreendida através da repressão policial sistemática contra seus participantes mais subalternos, produz uma grande rotatividade nas posições de comercialização. Prende-se um *vapor*, torna-se disponível mais uma oportunidade para outro sujeito ocupar tal posição. O risco constante também contribui para outro aspecto desta rede. Ela precisa ser ocupada, em seus níveis varejistas, por sujeitos mais subalternizados e com pouca relevância para a atividade atacadista do negócio. Desta maneira sua ausência não representaria grande desequilíbrio ao negócio, ao mesmo tempo que os custos de sua manutenção são mais baixos que os relativos aos adultos, tanto nas comissões e pagamentos, quanto na ocasião da necessidade de se fazer *acertos* com policiais no caso de prisões<sup>25</sup>.

24 As diferenças sobre quem “está no crime” e quem “só está de brincadeira” é parte fundamental da relação entre o aspecto comercial do tráfico e sua rede expandida de relações de confiança, este tema será tratado na história de Eduardo, mais a frente.

25 Os *acertos* são subornos pagos à policiais no intuito de evitar a prisão de um sujeito, o valor do *acerto* varia com base na gravidade do crime cometido pelo sujeito em questão ou sua importância para os colegas dispostos a pagarem por sua liberdade. Ver (Hirata, 2010; Feltran, 2011).

Durante meu trabalho de campo eram constantes as detenções de sujeitos enquanto trabalhavam de *olheiro*, *vapor*, ou de *gerente*, apesar dos diferentes graus de hierarquia estabelecidas entre si, as circunstâncias das prisões eram relativamente parecidas: ser abordado pela polícia portando qualquer quantidade de entorpecentes e qualquer quantidade de dinheiro, isso já era o suficiente para enquadrar o sujeito no crime de “tráfico de entorpecentes”.

Apesar de as responsabilidades cotidianas desempenhadas por estes sujeitos (responsabilidades estas que serão discutidas mais à frente) afetarem diretamente relações comerciais e afetivas em seus bairros, as ocasionais prisões destes jovens não resultavam em grandes mudanças na estrutura da comercialização de drogas, nem diminuía os riscos aos quais o seus substitutos se submetiam, muito menos acabavam com as posições às quais eles ocupavam.

Com base nestes aspectos se torna possível perceber que não há uma correlação direta entre crime e produção de segurança, mas uma retroalimentação entre essas dinâmicas, como aponta Feltran (2012 p244-255). O argumento também se faz presente na pesquisa de Batista (2015) sobre jovens ocupantes de posições no “mundo do crime”:

*“Da forma com que ele é realizado nos dias de hoje, focado na apreensão do pequeno traficante (a ponta), essa etnografia sinaliza que sua prática não altera em nada a posição de trabalho dentro do mercado da droga. Se um adolescente vai preso outro o substitui na mesma posição. Portanto, o entendimento do tráfico enquanto mercado, principalmente da maneira em que demonstramos operar as relações entre polícia e mercado da droga, a apreensão, para além de oportunidade de extorsão de dinheiro, se constitui enquanto fator gerador de mais adolescentes dentro do mercado da droga. Nesse sentido, a política antidrogas que penaliza o pequeno traficante, que está localizada na ponta, não gera nada além de um inchaço no sistema prisional juvenil, um inchaço na estrutura de assistência social (seja do estado ou de terceiro setor), e uma grande letalidade para os jovens de periferia.”*  
[BATISTA 2015 p78]

Em minha pesquisa de campo a posição mais alta que consegui acessar entre meus interlocutores foi a de *gerente*, nunca conheci um *patrão*. Isso se deu, primeiro, pelo meu ponto de observação: *patrões* geralmente são adultos e não passam pelo núcleo de medidas socioeducativas. Mas se deve também ao seu frequente distanciamento frente ao cotidiano das posições mais subalternas. Não foram raras as vezes em que o *patrão* de uma determinada rede de biqueiras ou de uma determinada droga era tido, pelos adolescentes com quem trabalhei, como uma figura fantasmagórica. Basicamente apenas alguns *gerentes* e familiares sabiam quem ele era e, de maneira mais ou menos imprecisa, onde se encontrava ou quais eram seus itinerários.

O *patrão* aparece como a primeira posição de relativa invisibilidade frente a outras, que se tornam ainda mais invisíveis conforme se sobe na rede de responsabilidades do comércio de drogas. Pouquíssima gente sabe — por motivos relacionados ao modo como a criminalização opera — quem são os responsáveis pela produção, logística e comercialização de atacado daquilo que é vendido no varejo em determinado território. O *patrão* assim aparece como um ponto médio entre os muito visíveis: *olheiros*, *vapores* e *gerentes*, e os quase invisíveis: os atores atacadistas que operam em outra escala mercantil e territorial.

Mas a questão da visibilidade também se mostra, de modo específico, no plano local da operação do tráfico. Explicitados estes aspectos estruturantes, vamos agora às experiências cotidianas do *tráfico* através da perspectiva de meus interlocutores. A seguir, a trajetória de Eduardo nos auxiliará na reflexão sobre a relação entre o acúmulo de responsabilidades concernentes a um engajamento crescente da vida no crime e suas consequências na produção de riscos cotidianos. Após essa primeira trajetória seguiremos com as histórias de Rafael e Newton para analisar a relação entre visibilidade e invisibilidade através da utilização de mídias sociais e seus efeitos para ambos os sujeitos.

## 2.1 A história de Eduardo: responsabilidade e atenção.

*“Tráfico não tranca mais segredo/ São 3 horas da manhã e pra alguns maluco ainda é cedo/ Na esquina, na entrada da favela/ Uma mula de campana fumando na viela.” ( O Crime Vai, O Crime Vem – Racionais MC’s 2002)*

Eduardo tinha 16 anos quando o conheci, no fim de 2013. Era a minha primeira vez no núcleo de medidas socioeducativas São Judas. Nossa comunicação neste primeiro encontro foi tímida, ele estava lá para encontrar sua orientadora de medida e eu para visitar o núcleo por conta de um projeto da faculdade. Nos cumprimentamos, ele me perguntou o que eu fazia ali, — confesso que fiquei um pouco sem jeito ao responder, eu ainda não sabia muito bem o que de fato faria ali— respondi que estava fazendo um trabalho da faculdade e que muito provavelmente ele me veria mais vezes.

O jovem tinha pele negra queimada pelo Sol, media pouco mais de 1,60 e pesava no máximo 70kg. Depois de muito tempo no núcleo São Judas pude me aproximar mais e assim começar um diálogo mais extenso. Conteí minha história e coisas da minha vida, ele fazia várias perguntas. Por muito tempo nossas conversas se resumiram à falas biográficas extensas de minha parte. Eduardo tem um jeito interessante de ouvir, tomba a cabeça para o lado como se estivesse prestando atenção em outro assunto; mas tempos depois demonstrava estar atento e sempre se recordava de alguma coisa específica que eu havia dito nos dias anteriores.

A primeira vez em que Eduardo me contou sobre sua vida foi durante uma oficina que eu ajudara a organizar. A dinâmica era simples: um dado de seis faces era arremessado e o número resultante indicaria uma imagem com a temática do consumo/dinheiro; o participante que arremessasse o dado deveria comentar sobre tal imagem. Na vez de Eduardo a imagem sorteada era a de uma algema dourada com diversos pingentes de metais preciosos. O garoto olhou por alguns segundos e comentou: “porra, é isso aí mesmo!”. Continuei o assunto: “Isso o que, Edu?”. Ele parou alguns segundos e comentou:

*“O dinheiro prende a gente, né Professor? É por isso que é difícil sair da vida loka, sei lá... dessa vida no crime. É porque o dinheiro prende a gente.”*



*Você vê aquele bolo de notas no bolso, chega estufar o bolso da calça! Vem fácil, vai fácil, né? E depois a gente sente falta, né?” [Diário de Campo, Março de 2015]*

Carlos, outro adolescente que participava da oficina, complementou falando que o que ele conseguia de dinheiro trabalhando como ajudante de mecânico durante um mês, no tráfico era seu ganho semanal. E que agora que ele estava tentando sair do crime a vida financeira da sua casa havia piorado<sup>26</sup>.

Desde então eu e Eduardo começamos a conversar mais e pude marcar alguns encontros para perguntar de forma mais organizada questões importantes sobre sua vida. Segundo o garoto, ele e seus “problemas” seriam o motivo da mudança da Zona Leste de SP para o bairro de Bom Sucesso, projeto habitacional do CDHU na cidade de Pinheiros. “A migração entre as cidades é uma das grandes “questões” de Eduardo”, me contou certa vez Claudia, sua orientadora de LA. Perguntei em uma das entrevistas quais eram os tais problemas que ele estava causando à sua família, a resposta foi simples: “o crime”.

A forma como ele me respondeu me deixou surpreso. Foi uma resposta rápida, seca, me parecia ao mesmo tempo ter um tom de obviedade e ser uma confissão. Fiquei um pouco desconcertado e quando tentei continuar a conversa Edu adotou o silêncio. Em outra oportunidade, cerca de uma semana depois, quando perguntei para ele como havia sido o seu primeiro contato, se ele lembra da primeira vez que fez alguma coisa que considerasse “do crime”, tive pela primeira vez uma resposta longa:

*“Ah, então Professor, coisa errada a gente sempre faz, né? (risada) Sabe como é, ninguém aqui é santo também... mas assim, no crime do tráfico mesmo eu lembro bem. Tinha 12 anos, tava numa festinha que uma tia minha tinha me levado. Aí colou uma molecada mais velha e falou pra eu ficar andando de bicicleta numa esquina, dando um peão pra ver se vinha polícia. Se viesse era pra eu vir andando em direção à festa de novo, só isso. Aí eu ganhei 30 conto nesse dia, e tal... não fiz nada, nem toquei no bagulho, mas fiz a do olheiro. Acho que foi essa a primeira vez, se pá... Era, acho que, 2012... 2013.” [Diário de Campo, Maio de 2015]*

26 Relatos como o de Carlos que apontavam para um certo impasse da vida do crime: se entrar para essa vida “não compensava” pelo número de riscos assumidos mas que sair dela tão pouco figurava como uma recompensa, uma vez que o desequilíbrio financeiro seria sensível. Esses relatos se repetiram muito durante meu trabalho de campo e sua tematização será tratada em momento posterior do texto.

Eduardo conta que trabalhou como olheiro por alguns meses mas que, como ele mesmo contava, era só uma coisa de brincadeira:

*“Então, não era uma funça (função) , né? Era uma coisa de moleque, porque tem os olheiro que são fixo, agora. Que fica lá fazendo turno com os gerente e com os vapor. Mas eu tinha medo, sei lá...a família também... então eu era olheiro mas não era, também.*

*Porque não era na função, era só uma coisa que eu ganhava quando eu tirava um peão com os amigo, sei lá... não me sentia do crime, tá ligado? Porra, eu tava lá só dando umas volta de bicicleta, tinha 12 anos, entende?”[Diário de Campo Maio 2015]*

Desta forma sempre que ia em alguma festa com seus amigos era esse seu papel. Como o trabalho dependia do acontecimento de festas e da disponibilidade de seus amigos envolvidos com o comércio de drogas para acontecer, a renda retirada deste ofício não era muito grande. Porém, conseguir entre 80 e 120 reais por mês para um garoto de 12 anos já era o suficiente para satisfazer alguns desejos:

*“Gastava tudo em roupa e passando umas horas na Lan House né, Professor. Tinha uma perto da escola onde eu estudava, aí eu pulava o muro pra ir lá. Não achava isso errado, também. A escola era chata pra caralho e eu não tinha dinheiro porque né, família sempre na complicação, o dinheiro vinha, uns 30... 20 conto por semana. Tirava minha lan-house e a coca cola né, época boa isso aí ”[Diário de Campo Junho de 2015].*

As advertências na escola e o fato de Eduardo conseguir comprar coisas sem pedir dinheiro começaram a chamar a atenção de seus pais. O garoto conta que no começo sua mãe o colocava de castigo proibindo-o de sair a noite. Mas, como ele mesmo gostava de repetir: “nenhum castigo dura pra sempre”. Logo Eduardo começou a trabalhar como olheiro fixo de uma biqueira localizada à duas esquinas da escola onde estudava das 14 h as 00 h, quatro dias por semana. A atribuição era a mesma das festas: andar de bicicleta entre duas esquinas, avistar policiais e guardas que se aproximassem.

Edu usava agora um rádio para se comunicar com os vendedores e fazia pequenas entregas para clientes mais recorrentes. Tudo isso a 30 reais por dia, uma média de 480 reais por mês. Era ao se fixar no posto de olheiro e arcar diretamente com suas responsabilidades que ele se considerava finalmente “na função”:

*“É, porque aí era diferente, né? O pessoal já me conhecia. Eu ia direto lá, tirava turno, ficava na responsa... num era uma coisa assim ‘ah, chama o menor lá pra fazer isso aqui’ era uma coisa mais assim... como dizer? Mais séria, né. O crime é muito sério Professor! (risada).*

*Então já tinha aquela responsabilidade e precisava ficar atento. Tinha mais dinheiro, mas também se desse problema era na minha que caía. O pessoal cobrava, já” [Diário de Campo, Julho de 2015]*

A relação entre a responsabilidade e risco de ser cobrado é uma das prerrogativas básicas do que é “estar na função”<sup>27</sup>. Se faz necessário então uma pausa para o melhor entendimento da diferença entre ter uma participação episódica no *tráfico* e ser considerado alguém *da função*.

— Estar na *função*: compromisso comercial e moral.

Em diversos momentos durante minha estadia no centro de medidas socioeducativas os adolescentes brincavam sobre garotos que “caíram de brincadeira” por estarem com alguma porção de drogas ou apenas “fumando um”, mas que não eram de fato “da função”. Percebe-se assim que a organização desse tipo de comércio não se dá apenas pela atribuição de posições e funções, mas também pela manutenção de uma rede de responsabilidades individuais e interdependências entre os participantes. A rotina da *função* depende fundamentalmente da confiança de que seus componentes procederão “na responsa” e na atenção constante para qualquer tipo de deslize de seus colegas.

A capacidade de arcar com as responsabilidades de uma posição no comércio de drogas também é parte preponderante à abertura de possibilidades para se circular por outras posições das hierarquias localizadas no ponto de vendas. Posições estas que são mais relevantes e com maior facilidade de faturamento, como em qualquer mercado. Estas duas habilidades: ser responsável e estar atento à responsabilidade

<sup>27</sup> É interessante ressaltar que a expressão “estar na função” também assume outros significados em outros contextos. Por exemplo: para aqueles nascidos na década de 70 nas periferias de São Paulo, “estar na função” tinha um caráter lúdico que denotava o costume de sair em festas e *zoeiras*, como pode ser observado num trecho da música “Fórmula Mágica da Paz” do grupo Racionais MC’s: “Na roda da função, mó zoeira, tomando vinho quente em volta da fogueira! A noite inteira, só contando história, sobre o crime, sobre as tretas na escola” (Fórmula Mágica da Paz – Racionais MC’s 1997)

alheia, também requerem um certo grau de performance que demonstre aos demais suas capacidades. É preciso então não apenas ser responsável e atento, mas também se apresentar aos demais enquanto alguém que possui de maneira indefectível tais qualidades.

Outro ponto a ser observado é a existência de um certo nível de diferenciação, não só na organização comercial do tráfico, mas também no âmbito das múltiplas representações de pertencimento (autoatribuídas e atribuídas por outrem) em relação a uma “vida no crime”. Este pertencimento, para compreensão analítica mais clara, poderia ser pensado em três âmbitos de representações que se afetam cotidianamente: o pertencimento que o sujeito considera ter *de si em relação ao crime*, o pertencimento *que outros colegas mais experientes consideram sobre o sujeito em questão* e o pertencimento que outros colegas alheios ao expediente do crime consideram sobre este<sup>28</sup>.

Estes três níveis de consideração sobre seu pertencimento frente ao crime e o requerimento de ser sempre responsável e atento, fazem do contato inicial com a vida no crime uma trama muito fina de relações, possibilitando a produção de um sujeito que ao mesmo tempo performa sua autossuficiência individual e mostra-se a seus colegas como atento às suas respectivas condutas<sup>29</sup>.

28 Feltran (2011 p85-92) ao reconstituir a trajetória de um de seus interlocutores encontra caminhos parecidos aos aqui descritos, o autor utiliza dos termos de “institucionalização da vida no crime” para descrever como a progressão de práticas criminais, o prestígio adquirido pelos colegas e a recorrência dos episódios de prisão produzem, paulatinamente, graus cada vez maiores de relação com o “mundo do crime” enquanto instância normativa de seu cotidiano. O autor argumenta que a intensificação desta relação não substitui outras normativas como o Direito, a Família, o Trabalho ou a Religião. Ela se torna aspecto adicional e muitas vezes interseccionada com outras normas consideradas relevantes pelo sujeito. (Feltran 2011 92-94)

29 Uma maneira de entender estes níveis de engajamento que me tem servido de inspiração, é a sociologia pragmatista produzida por Boltanski e Thevenot (1991 p25-30), mais especificamente no conceito de “legitimação”.

Para os autores “legitimação” é a intersecção entre dois movimentos em busca de legitimidade que se influenciam mutuamente: atores que buscam se legitimar frente a estruturas, e estruturas que se reatualizam enquanto legítimas frente a um determinado grupo de atores. O processo de busca por legitimidade levariam os atores ao imperativo de justificações, sendo necessário explicitar, de maneira reiterada, os argumentos de suas respectivas legitimidades.

Porém, diferente do proposto na sociologia pragmatista pelos referidos autores, a legitimação construída nas relações de um sujeito que vive a vida no crime não parece tender a construção de uma *Cité* ou seja, um conjunto de acordos estáveis que permitam a convivência harmônica entre atores discordantes (BOLTANSKI & THEVENOT 2006 p140-144). O processo de legitimação daqueles que

Aspectos semelhantes podem ser encontrados na pesquisa de Paulo Malvasi (2012) com adolescentes em medidas socioeducativa. Em suas descrições, a noção de uma “mente” atenta a tudo e um sujeito “empreendedor de si” que carrega consigo suas próprias responsabilidades e se porta de modo a reiterar constantemente suas capacidades, são determinantes para seu entendimento do conceito de *vida loka*:

*"Cada traficante, independentemente do seu lugar na hierarquia da lojinha, é um empreendedor – alguém que faz certo número de apostas, define uma série de comportamentos econômicos, estipula investimentos para obter melhoria de seu capital pessoal dentro do negócio; uma expressão de um poder enformador da sociedade de inspiração neoliberal" . (MALVASI 2012 p94)*

Ao refletir sobre a noção de “recrutamento” para entender como se dão os contatos iniciais de um jovem com a “vida no crime”, Daniel Hirata (2010), argumenta sobre a relação entre vantagens econômicas e simbólicas e a rede de relações ao qual tal sujeito iniciático se movimenta:

*"Existe ainda uma infinidade de pessoas que fazem parte, de maneira informal, da venda de drogas (se é que esta expressão faz sentido neste contexto) na firma. Normalmente, mais jovens e aspirantes a postos na firma, ajudam em trabalhos os mais diversos: comprar e trazer a comida para quem está em serviço, transportar o dinheiro da venda para o caixa central, ser porta voz de recados entre os diversos estratos da hierarquia da firma, chamar a atenção de algum perigo que se aproxima.*

*Na verdade, muito mais complexo do que a ideia mais ou menos corrente no senso comum de uma “cooptação de menores” para trabalhar neste mercado ilícito, o recrutamento, ou a seleção de jovens, é feita a partir de uma relação complexa entre as vantagens econômicas e sociais de trabalhar em uma biqueira e ao mesmo tempo as formas de proximidade das relações de vizinhança e conhecimento que foi evocada acima.”*  
(HIRATA 2010 p267)

Em artigo sobre os significados da expressão “estar no crime”, Adalton Marques (2016) recupera o aspecto de definição constante sobre inimigos e aliados que compõe a vida daqueles que se engajam:

*"Primeiramente, “estar no crime” é a condição daquele que “faz” a sua própria “caminhada” (“tô fazendo a minha caminhadinha, irmão”). Quem a faz, com efeito, “tá na correria”, “tá no movimento”. E “estar no movimento” não é outro fluxo (para não dizer coisa!) senão definir e redefinir aqueles que são seus “aliados” e aqueles que são seus “inimigos”, ao mesmo tempo em que se é alvo de apreciações análogas. Nesse sentido, a noção de “crime” é uma*

vivem o crime é constantemente afetado por desafios e ressignificado por imprevistos.

*relação específica, um “movimento” de considerações dirigidas em favor de quem “tem proceder” e contra quem “não tem”. Onde há alguém efetuando essa relação – portanto variável dessa relação –, lá está se processando o que se entende por “crime”, seja o conteúdo da consideração uma questão financeira (dinheiro fruto de roubo), mas também questões de adultério, de comportamento, de comércio, de trabalho, que nada têm a ver com condutas criminosas ” (MARQUES, 2016 p344)*

A responsabilidade e a atenção aparecem assim não somente como uma característica daqueles que ocupam determinadas posições do *tráfico*, mas também como aspecto imprescindível à participação de qualquer pessoa na rede tramada por este tipo de comércio. Sua posse e performance são indispensáveis para que se haja a possibilidade do sujeito ser reconhecido enquanto alguém engajado com um certo compromisso para com o crime. Porém, é importante ressaltar, o sucesso no reconhecimento de seus pares não cria garantias de proteção ou de amparo em relação aos riscos que este também produz.

Ser “considerado na função” oferece ao sujeito um horizonte de possibilidades mais expandido na vida no crime ao mesmo tempo que aumenta sua visibilidade. Veremos os efeitos de tal visibilidade ao continuarmos a história de Eduardo.

### **- De olheiro a vapor.**

Após alguns meses participando como *olheiro* com seus amigos e tendo suas habilidades reconhecidas por seus parceiros, um breve imprevisto faz com que Edu seja deslocado de sua posição no cotidiano do comércio. Durante uma partida de futebol, na rua de sua casa, Eduardo escorregou em uma garrafa pet amassada, caiu e fraturou o antebraço esquerdo, as marcas da cirurgia agora são cobertas com uma tatuagem que apresenta o nome da mãe em caligrafia manuscrita: “Elisângela”. A contusão impediu que Eduardo andasse de bicicleta, mas não tirou a disposição para trabalhar e ele foi posto para ajudar João, um amigo mais velho, já maior de idade e que trabalhava como “vapor” a mais tempo, durante uma das entrevistas realizadas, pedi que Eduardo me explicasse como era o dia a dia de trabalhar ajudando um “vapor”.

*“Ah, é assim, a gente sempre fica de dois numas esquinas e deixa o pacote em algum canto, um terreno, sei lá... embaixo de um carro velho. Tipo, eu falei que eu ajudava mas era tipo ser vapor mesmo, os dois faz a mesma coisa. E eu já tava conhecido na função, não era moleque. Só depende de quem fala primeiro com quem vai comprar, né. Aí fica um recebendo o dinheiro, conversando com quem vem comprar e tal...aí o outro fica ali do lado. É esse que não tá conversando que vai pegar, entendeu? Ele vai lá, pega o que o cara comprou: 'Ah, quero uma paranga<sup>30</sup> de 10'. Aí esse parcerinho vai lá e pega uma paranga de 10 e dá pro cara. Sem tocar no dinheiro nessa hora, né. Só depois... depois nós faz a conta: cada cem conto [vendido] é quarenta pro vapor e sessenta pro gerente” [Diário de Campo, Maio de 2015]*

A passagem de olheiro para vapor foi rápida, Eduardo parecia dominar bem as técnicas do comércio e lidar com firmeza e tranquilidade com as responsabilidades que lhes eram exigidas. Cláudia, sua orientadora, vivia a dizer que com aqueles talentos Edu poderia ser o que quisesse. Ela dizia que “mesmo depois de se meter nessa vida, ainda dá tempo”.

Mais tarde Eduardo me explicou que o trabalho de vapor tem como necessidade fundamental a atenção aguçada ao “movimento na quebrada”. Primeiro devido ao constante perigo de ser pego pela polícia; e em segundo lugar é prerrogativa de um bom vapor ter boa memória e saber avaliar bem os compradores que tentam angariar algum tipo de compra fiada. Perguntei quais eram as consequências para o vapor e para o consumidor de uma compra/ dívida não paga:

*“Ah, é foda né. Porque assim complica pros dois lados, né? Porque você vai falar pro seu gerente: 'porra o maninho lá não pagou'. Aí das duas uma: ou o cara acha que você é um ramelão que não consegue fazer o cara pagar, ou você tá enrolando porque usou o bagulho que era pra vender, e tá inventando que alguém não pagou. Aí isso tem que resolver, né.*

*Pra ser vapor tem que ser esperto, tem que ter mente e se virar sozinho, senão dá errado. Por isso a gente já vai em quem tá devendo com outras ideias... tenta resolver no papo. Mas se não der a gente tem que se garantir também, dar uma pressão. Num pode ir lá e matar o mano porque isso é coisa "de coisa". Mas a gente pode dar um psicológico...dar umas madeiradas. As vezes o cara é até expulso da quebrada se tiver devendo pra muita gente.”[Diário de Campo, Maio de 2015]*

30 Paranga é a palavra utilizada no contexto paulista para representar uma quantidade pequena de maconha, ela geralmente é acompanhada pelo seu preço em reais, ou seja, uma “paranga de 10” é equivalente uma pequena quantidade de maconha, no valor de 10 reais.

O endividamento é também aspecto comum daqueles que fazem parte do comércio de drogas ilícitas. Assim como também é comum o discurso sobre o caráter fundamental de se evitar dívidas para não “depende de ninguém”, dentro da rede de relações engendradas no dia a dia do tráfico. A grande maioria dos adolescentes com os quais tive contato contraíram algum tipo de dívida, o mais comum é a dívida por uso; pela proximidade com os canais de circulação da droga os sujeitos acabam pegando pequenas porções para uso pessoal com a promessa de reaver a dívida com o faturamento do turno, faturamento este que nem sempre ocorre.

Para um *vapor* o endividamento se faz ainda mais presente pelo fato dele também ser responsável pelas dívidas daqueles que compram sua mercadoria. No caso de Eduardo, o garoto sempre me dizia que, em sua época, era capaz de lembrar de cabeça cada pessoa que lhe devia o pagamento de alguma compra. E que sempre conseguia solucionar as dívidas sem usar da violência ou da ameaça. Perguntei a ele porque o endividamento por compra de droga existe, se ele é tão desqualificado publicamente por aqueles que participam do seu comércio? Edu me disse que as vezes “não dava para negar”. Principalmente nos momentos em que o pedido por compra fiado eram feitos por pessoas queridas como amigos e parentes.

Para tomarmos como comparação, a maioria dos *vapores* com os quais eu entrei em contato ganhavam entre 35 e 50% do faturamento total dos seus turnos e a maioria das *biqueiras* vendiam um trio básico de drogas: cocaína em pinos de 10 e 15 reais, maconha em trouxinhas de 5 e 10 reais e crack em pedras de 5 e 10 reais, com maior saída de venda para os dois últimos. Um ponto de venda conhecido por uma rede fiel de clientes faz com que cada um de seus *vapores* vendam cerca de 10 a 15 trouxas de maconha, 5 a 10 pinos de cocaína e 20 a 25 ou pedras de crack<sup>31</sup>.

Usando um cálculo básico, um vapor faturaria em um turno cerca de 350 reais, com um lucro líquido de 100 reais após o pagamento de seu gerente. Levando em

<sup>31</sup> Em minha experiência de campo o crack sempre foi acionado como a droga mais vendida pois era comprada mais vezes pelos mesmos sujeitos, já a cocaína era tida como uma droga de festas com a sua venda mais significativa em fins de semana, enquanto a maconha era vendida em maiores quantidades mas com um espaçamento maior entre uma venda e outra por parte do cliente.



consideração que um turno de *vapor* dura entre 8 e 12 horas, indo geralmente das duas da tarde à meia-noite ou duas da manhã, temos aí um tempo significativo de possibilidade de uso de drogas por parte daquele que a comercializa. Tomando por exemplo um *vapor* que faça uso de maconha durante todo o seu turno temos a seguinte situação: cada trouxinha de 5 reais é o suficiente para um cigarro, consumido em no máximo 40 minutos. Temos aí, contando com pausas, algo em torno de dez cigarros consumidos. Ou seja, metade do lucro líquido de um dia.

Se contarmos com a variação normal do nível das vendas: maior próximo dos dias de pagamento de salários e festas, menor nos dias finais do mês e em meios de semana. Além da flutuação de outros fatores externos como a renda da clientela e a apreensão de parte da carga de drogas por uma operação policial, vemos que apesar da maior oportunidade de faturamento (nenhum posto de trabalho formal paga algo próximo de 50 reais por dia para um adolescente periférico), a possibilidade de endividamento é aspecto constante da vida daqueles que operam o comércio das drogas neste contexto.

Para além dos ganhos e gastos específicos a rotina de venda de drogas devemos considerar também os riscos constantes de extorsão por parte de forças policiais. Hirata (2010 p100) argumenta como a prática do sequestro de membros de biqueiras por parte de policiais é dinâmica constante do *tráfico*. O sequestro se junta a uma rotina de apreensões de drogas, dinheiro e objetos valiosos empreendidos pelas policias que também afetam sensivelmente o faturamento das posições mais baixas do comércio de drogas.

Para além de lidar com os riscos comerciais, com a possibilidade de endividamento e de perda repentina de suas cargas ou de seu dinheiro, as responsabilidades de um *vapor* não se encerram no âmbito comercial e em pouco tempo Eduardo começara a ser incitado por algumas pessoas de sua *quebrada* a resolver assuntos que tem pouco ou nada a ver com a operação de seu comércio, ele conta a primeira vez que lhe aconteceu:

*“É até engraçado né, porque eu era vapor... e teve essa vez aí do negócio do gato. Tipo, tinha os irmão lá do Comando, mas a tiazinha, que morava numa esquina da nossa biqueira, viu a gente e já perguntou logo: 'cade o gato?'*

*A mulher achou que tinham sumido com o gato dela, aí ficou xingando, falando que aquilo num era certo...que a gente era do crime e que tinha que fazer alguma coisa. Eu não entendi porra nenhuma, nunca me senti do crime, era da funça, mas não era do crime.*

*- E qual é a diferença entre o crime e a função?*

*- Ah, assim, a função é o que a gente faz, o crime é assim: tem as coisa certa, o crime vem e fala: 'Ó, é assim que tá certo'.*

*- E o gato?*

*- Então, achamos a porra do gato. Tava num terreno lá, devolvemo e a mulher ficou feliz... agradeceu e desculpou pelo xingo, né. Aí foi uma coisa assim: porra o Eduardo desenrolou, o cara é do crime. E eu nem tinha muito contato com Comando naquela época, só sabia que tava lá... nem fazia parte, nem né nada.[Transcrição de Entrevista 16 de Setembro de 2015]*

Nesta passagem a consideração da moradora de que eram as pessoas da biqueira os responsáveis por encontrarem o seu gato, e a capacidade de Eduardo e seus colegas de cumprir a função, remonta a um aspecto já muito bem descrito do dia a dia do comércio varejista de drogas nas periferias paulistas: a resolução de problemas rotineiros das quebradas. Apesar do aspecto inocente da ocorrência, a disposição de Edu para resolver o problema aponta para as diferenças minuciosas do “mundo do crime” pois, se “estar na função” não lhe dava nenhuma obrigação em relação ao gato da vizinha, a atitude de tentar resolver a situação demonstrava a capacidade do garoto de “ser do crime” e conseqüentemente “estar pelo certo”.

A caminhada de Eduardo enquanto vapor seguia sem muitos contatos com o Comando, como ele me disse: “estar na função é diferente de estar no crime”. Desta forma, apesar de sua posição não ser mais uma “brincadeira de moleque” ganhando certa fixidez e a resolução da situação em relação ao gato da vizinha ter lhe dado certo status, Edu comentou que era muito diferente ser alguém considerado como do crime e ser alguém de fato corre junto com o Comando.

*“Isso aí (o contato mais próximo com o Comando) foi quando eu virei gerente. Isso aí eu lembro, já um pouquinho antes de eu vir pra cá (Pinheiros) o parcerinho que tava lá na gerência rodou, pegou 7 ano de prisão. Já era de maior e tal...aí os cara começou: 'porra coloca o Eduardo e tal'. E o pessoal lá ficava assim: 'É , mas é muito novo... sei lá'. Aí eu fui lá e falei que queria ser.*

*- Mas você só chegou e se apresentou?*

*- É, fui com um parceiro que eu ajudava antes...antes de ser vapor, ele que me levou. Eu fui lá e falei: 'se é pra ser, eu sou! Tranquilo, faço a do gerente!'*

*- E eles?*

*- Eles ficaram meio pá com o negócio de eu ser menor... 15 anos e tal... mas aí eu disse que já tinha uns gerente menor na quebrada. Que eu sabia que idade num diz nada, o bagulho é seguir no certo e tal. Aí virou, eu fui fazer a de gerente, 15 pra 16 anos isso... faz um tempo, foi tipo... fim de 2013.”[Transcrição de Entrevista: 16 de Setembro de 2015]*

Aos 15 anos Eduardo se tornou gerente de uma biqueira composta por 6 vapores sob sua coordenação e sua rápida subida não deixou de chamar atenção. Primeiro, e mais intensivamente, dos policiais que já o visavam a algum tempo:

*“—E foi aquilo né, Professor... 15 anos eu já tava com aquela pistola do jogo lá... sabe aquela desert, do Counter?<sup>32</sup> Então, tinha uma daquelas em casa. Nunca usei, só achava legal. Nem sei porque eu tinha aquela porra, também... minha mãe já tinha ganhado a situação, queria me internar, me colocar de castigo...*

*E os polícia em cima também... tinha uns coisa me marcando e agora de gerente eu tinha muito mais presença, né. O problema de ser gerente é que você aparece demais. E eu molecção, né... queria mais era aparecer mesmo!*

*—Mas eles (policiais) te ameaçavam?*

*— Então, antes, de vapor e olheiro era uma coisa assim... de dar um apavoro... de tentar assustar mesmo. Chegavam os caras [da polícia] lá: “E aí menor, só na função?”. Dava uns soco, uns chute e saia fora, nunca me levaram.*

*Mas quando eu fiquei mais visado eles começaram a falar que iam me matar, até chegaram a falar pra minha mãe: 'Ó, os polícia vão matar seu filho'. É foda, Professor, 'cê não tá ligado! Eu virei um problema pra família, quanto mais eu crescia na função... os cara do Comando me considerando... eu*

32 Desert Eagle, arma do jogo Counter Strike.

*ganhando dinheiro e minha mãe chorando de medo sozinha na madrugada, era foda! [Transcrição de entrevista, 16 de Setembro de 2015]*

A rápida subida do garoto também rendeu conflitos internos em sua rotina na função. Gerenciar, aos 15 anos, era motivo de muita visibilidade e prestígio, mas também fazia de Eduardo alvo de uma série de desconfianças, que iam desde problemas geracionais: “Os caras achavam que podiam meter o louco em cima de mim por que eram mais velhos: ”Tem dezoito e faz a [função] do *vapor*, tem que fazer a do *vapor* e já era, não é não?”, até comentários de que ele havia subido rápido na *função* por ser parente de algum *irmão* considerado: “Porra, meus parentes tudo pelo certo, tudo da igreja, só eu dando problema e os caras do crime vinham me falar que eu tinha parente no PCC? Que papo torto é esse?”, comentou Eduardo durante um lanche que tomávamos nas dependências do São Judas.

Acompanhando a narrativa de Eduardo e suas transições entre as posições no comércio de drogas ilícitas, podemos perceber que a responsabilidade e a atenção continuam como aspectos estruturantes de sua rotina, e o acúmulo destes como o ponto crucial para a subida nas hierarquias locais em relação ao *Comando*. Quanto mais alto a posição ocupada por Eduardo, mais responsabilidades e mais atenção ao seu redor lhe era requerido. Essa requisição afeta, como dito acima: a ele; a seus colegas e as pessoas externas ao dia a dia do *crime*.

A demanda por mais responsabilidades, e a necessidade de ficar atento aos movimentos da *biqueira* na qual ele trabalhava como gerente também intensificaram sua visibilidade na *quebrada*. As pessoas de sua vizinhança o consideravam como alguém “do crime”. Colegas vinham pedir suas opiniões sobre pequenos conflitos cotidianos. Esses eventos, segundo Eduardo, o deixaram “marcado” ao mesmo tempo que ele dizia “curtir” ter sua presença solicitada frequentemente.

Eduardo conta que, entre o começo de seu trabalho como gerente e sua primeira apreensão, passou-se muito pouco tempo, menos de dois meses. Nessa época Eduardo passava muito tempo na rua e começara a ser observado por policiais que

passavam durante as rondas. Ele me contou durante uma oficina como foi o episódio da primeira abordagem que resultou em sua apreensão:

*“Ah, foi assim, tava voltando pra casa né, era um domingo de tarde. Fui visitar um parceiro na casa dele mas nem tava vendendo nada, tava tirando um lazer. Aí tava chegando em casa, colou duas viatura e me rendeu. Aí eu tava com 10 grama [de maconha] no bolso e uns trocados e me deram flagrante por tráfico! Foi foda né, Professor. Aí minha família saiu na rua... minha mãe chorando. Porra, você sente o coração bater mais rápido, já gela e pensa: 'porra, to preso! E se eu pegar fundação?’<sup>33</sup> E se os caras quiser me matar?’ Aí já bate a vergonha... o medo... tudo junto. Foda!*

*Aí chegamo lá no Denarc, né. - E nem pode levar menor pro Denarc, você tá ligado né, Professor?- Mas levaram pra lá. Aí, deu meia hora chegou o porra do soldado José lá, aquele coisa!<sup>34</sup> E já veio querendo me intimar pra saber quem era meu contato, da onde vinha a droga e se eu tinha dinheiro guardado, né. Aí eu falei pra ele perguntar pro delegado, que todo mundo sabe que delegado é tudo envolvido. Ele me deu um soco no baço e me disse que se me visse vendendo droga de novo ele ia me matar. Ele disse que era pra eu sumir da quebrada”[Diário de Campo, Maio de 2015]*

A medida socioeducativa de Eduardo saiu ainda naquela semana: 6 meses de medida em semiaberto na liberdade assistida, que deveriam ser cumpridos numa unidade de medidas socioeducativas de seu bairro. Ao ingressar no dia-a-dia da medida, ainda em São Paulo, Edu me dizia que estava sinceramente animado com a possibilidade de sair da vida no crime, pois a vergonha de sua família o marcara de maneira significativa. Segundo o que ele e Cláudia (sua atual orientadora) me contaram, a assiduidade do garoto nas atividades da sua antiga medida era constante e contava também com uma estrutura familiar que parecia se empenhar bastante para dar suporte a Edu.

Neste período o garoto começou a trabalhar como servente de pedreiro com um dos seus tios. O trabalho ficava a poucos minutos do local onde ele morava, Edu comentou que este tio sabia de seu envolvimento prévio com o crime e que o emprego, além da ajuda financeira, também era fruto de um acordo para que mais familiares ficassem “de olho” nele durante diversos momentos do dia. Eduardo me contava

33 Fundação Casa

34 “Coisa” é uma gíria presente em diversas periferias paulistas para denominar sujeitos detestáveis, muito utilizada para denominar agentes da lei como guardas e policiais.

também das dificuldades de trabalhar em um serviço “honesto” sendo conhecido como alguém que já era envolvido no crime:

*“Era complicado essa época, o dinheiro era pouco. Tipo, o que eu ganhava na função em uma semana era um mês lá de pedreiro. E nem tinha serviço sempre, e tipo... os caras sabiam o que que eu fazia né, e era foda porque meus amigos eram tudo da função também.*

*Então as vezes chegava um parcerinho só pra trocar uma ideia e os cara lá da obra já comentava 'Ó ali, só moleque doido, só no crime'. E eu num tava fazendo nada na época né, mas também eu não ia parar de falar com os meus parceiro só porque eu tava cumprindo uma LA e tentando sair dessa vida, né?”*  
[Transcrição de Entrevista Setembro 2015]

Os comentários eram seguidos também por uma preocupação em relação a segurança da obra onde Eduardo trabalhava. Ele contava que dificilmente ficava sozinho e que havia um certo receio entre os outros trabalhadores de que eles estivesse tramando algum tipo de operação para furtar os materiais de construção. Também sobre este período Edu contou que apesar da tentativa de sair da vida no crime, as perseguições policiais continuavam. Em um dia normal de trabalho um dos pedreiros lhe disse que seu nome estava sendo comentando pela vizinhança e um grupo de policiais estava de olho nele.

Durante uma das oficinas em que era abordado o tema da violência policial, ele disse que quando começou a sofrer ameaças e avisos de que seria pego pela polícia, seus amigos da função se ofereceram pra “resolver a situação”, mas ele recusou. Segundo ele o contato foi feito algumas vezes. Um grupo de amigos dizia que um irmão “mais considerado” do *Comando* estava disposto a combater o tal grupo, que integrava PM's e Guardas Municipais, e que ele não era o único a ser ameaçado. Edu disse ter recusado todas as ofertas.

Ele argumentava que, caso aceitasse, estaria “envolvido demais” e que talvez não fosse a hora. A ideia de ter uma “dívida de honra” com o *Comando* aparecia como um marco decisivo no engajamento da vida no crime. Mesmo sendo considerado por colegas do *Partido* como alguém com plenas condições de alcançar posições mais

altas, o fato de Eduardo aparentemente “não dever nada” lhe concebia uma autonomia relativa sobre os caminhos a serem trilhados em sua vida.

É interessante notar que, mesmo sem ter uma posição no comércio de drogas, seus amigos da *função* se reportavam frequentemente a ele, o que denota as diferenças sensíveis entre ocupar uma posição no comércio de drogas ilícitas e ser considerado como alguém que “está na função”. Ou seja, que estabelece uma rede de relações afetivas e de amizades que transcendem, mesmo que momentaneamente, a operação comercial.

A preocupação em não se envolver demais com o crime marcava uma mudança significativa em sua vida: se durante a época da função Eduardo teve uma trajetória de rápida ascendência e se sentia bem enquanto figura de gerente de uma biqueira, agora, em sua tentativa de mudar de vida, a ideia de que ele era respeitado pelo Comando criava grandes obstáculos no seu dia a dia. Apesar de sua tentativa de produzir um menor engajamento com o dia a dia do *Comando*, a consideração tanto das pessoas que estavam na *função* (quem ocupava posições na rede de ilegalismos locais), quanto das pessoas relativamente alheias a esse cotidiano (seus colegas de obra, vizinhos, guardas, policiais, etc), o interpelavam como alguém *envolvido* e que não deixara de ser um *bandido* só por estar temporariamente trabalhando em outro serviço.

Foi na volta de um dos seus dias de trabalho que o garoto trombou mais uma vez com o já citado “soldado José”. O PM passava com a viatura perto da obra onde Eduardo trabalhava, ele estava sozinho e já era próximo do anoitecer. Eduardo conta que foi tudo muito rápido, a viatura se jogou contra o seu corpo, José saiu do carro dando voz para que Eduardo se rendesse. Outro policial, que Edu dizia não conhecer, pilotava a viatura. Eduardo foi jogado no camburão.

Edu foi levado a um matagal e lá foi agredido diversas vezes, ele contava sobre o gosto metálico da pistola em sua boca, a descrição era feita com uma calma

inacreditável. Enquanto eu sentia minha pele gelar ao imaginar tal situação, Eduardo me contava de maneira pausada tudo que ocorrera:

*“Então, lá na quebrada tinha uns campo de futebol que viraram terreno baldio... abandonado. Era bem longe de onde eu morava, me levaram lá e me bateram muito, entende? Muito soco... chute... e filmaram tudo com o celular. Me batia e filmava. Depois, o tal do soldado José encostou a pistola na minha boca e falou pra eu fechar os olhos.*

*Ele não atirou, né? To aqui, vivo! Depois me deu outro soco e disse que não ia ter terceira vez, que ele nem sabia porque ele não me matava ali mesmo e me deixou jogado no chão, todo fodido!” (Diário de Campo, Outubro 2015)*

A segunda ameaça do soldado José foi estopim para o processo de migração da capital paulista para o interior do estado. Seu Edinaldo e dona Elisângela ficaram sabendo do ocorrido com Eduardo e providenciaram a mudança para a cidade de Pinheiros, onde dois irmãos de Edinaldo moravam. A ameaça do policial interrompeu também um processo jurídico que os pais de Eduardo moviam para tentar diminuir o tempo da medida ao qual o filho estava submetido. O mesmo grupo de advogados que trabalhava neste processo conseguiu que o garoto tivesse sua medida transferida para que ele pudesse cumprir na cidade de Pinheiros. A chegada de Eduardo a Pinheiros mudou seu cotidiano: uma nova rotina entre a escola e o núcleo São Judas, uma nova vizinhança e a tentativa de novas amizades:

*“Ah, lá em São Paulo eu tinha muita amizade ,né (risos). Aquelas amizades, o senhor sabe... aqui não, né. Não conheço ninguém, num sei em quem confiar, né. Lá era todo mundo criado junto, era mais fácil. Aqui é complicado, meus tios são suave. Ai é isso né: escola, LA, escola, LA... essa coisa.”(Diário de Campo, Outubro 2015)*

A transição entre as posições de comércio e a sua crescente visibilidade na *quebrada* como alguém que *corria com o Comando* foi o gatilho que ocasionou a migração de Eduardo da capital para o Oeste paulista, de modo que, se sua história nos possibilita conhecer um pouco das operações e responsabilidades de cada posição, ela também nos leva a compreender outro aspecto imprescindível a esse tipo de prática: suas intermitências em forma de extorsões, prisões, agressões e migrações.



Na história de Eduardo, podemos observar como responsabilidade e atenção são técnicas necessárias para o movimento de sujeitos pelas posições do *tráfico* em seu aspecto comercial e também em seu aspecto de ponto nodal das redes de confiança que atravessam os ilegalismos locais e a dinâmica de irmandade do Primeiro Comando da Capital. Porém, a capacidade de desempenhar tais técnicas é coexistente ao aumento de sua visibilidade, acumulando para si uma série de riscos. A noção de visibilidade ganhará agora maior enfoque a partir das histórias de Rafael e Newton.

### **2.3 Rafael e Newton: visibilidade e invisibilidade.**

A primeira vez que encontrei Rafael ele havia acabado de sair da Fundação Casa depois de seis meses de internação. Era Agosto de 2015 e as educadoras comentavam que a oficina receberia um grupo de cerca de 10 adolescentes com “infrações mais graves” e que Rafael era um deles. Não perguntei qual era a sua infração.

Rafael tem 1,80, pele negra, e parece mais velho do que os 17 anos que tem. Está sempre com um boné vermelho da oakley na cabeça, até quando joga futebol e torce para o Santos. A primeira vez que conversamos<sup>35</sup> foi durante uma oficina sobre responsabilidades. A ideia da oficina era conversarmos com os adolescentes sobre como a responsabilidade aparece em diferentes maneiras nas diferentes relações, mas que é importante mantê-la em todas. A condução da oficina ficou a cargo de Renata, uma das orientadoras de LA do Núcleo do São Judas, minha posição ali era de a auxiliar.

Rafael é articulado, escolhe com cuidado as palavras e não gosta de chamar atenção, sempre fica num canto separado dos grupos que se formam, mas não deixa de dar opiniões sobre os assuntos levantados. Foi ele que me apresentou Newton,

<sup>35</sup> As informações reproduzidas a seguir são baseadas nos registros de diários de campo produzidos entre 15 e 22 de Agosto de 2015.

outro jovem que cumpria medida no núcleo. Rafael e Newton eram vizinhos e chegavam sempre no mesmo ônibus 30 minutos antes de começar as atividades, pois era o único horário do transporte.

Newton tem pouco mais de 1,60, uns 70kgs e gosta de utilizar camisas de times de basquete da NBA, anda sempre com a cabeça erguida e o peito estufado além de ser muito sensível às brincadeiras e zoações, e conseqüentemente ser o alvo preferencial dos outros garotos do núcleo. As conversas com Newton eram mais episódicas e ele também parecia menos interessado nas atividades propostas. A única vez em que o vi se expressar de maneira mais aberta foi durante uma discussão sobre o porquê dos “meninos do tráfico” serem sempre presos enquanto os *patrões* raramente eram pegos.

Rafael dizia que a frequência nas apreensões dos garotos que trabalhavam de *vapor* ou de *gerente* era fruto da falta de comunicação entre eles, o que causava imprevistos como a chegada não percebida de policiais. Já Newton argumentava que quem era apreendido era porque merecia, pois lhe faltaria capacidade de “se garantir”. Eu estava mediando a oficina, não os interrompi em nenhum momento. Rafael e Newton discordavam também sobre o uso de drogas enquanto estivesse no turno de trabalho. Rafael dizia que o uso tiraria a atenção e Newton falava que o uso tornava o trabalho mais divertido.

A partir desta discussão consegui estabelecer mais contato com ambos e trocamos contatos para nos adicionarmos no Facebook. Resolvi então observar os perfis dos dois nesta rede social. Rafael tinha poucas publicações em seu perfil e a grande maioria era composta por fotos com Thayla, sua namorada. As fotos eram legendadas com mensagens de amor eterno e eram publicadas com espaços longos de um ou dois meses entre cada uma.

A foto de perfil de Newton era uma imagem desfocada em que ele e mais quatro garotos apareciam apontando o dedo pra câmera enquanto fumavam um cigarro, as postagens de Newton eram muito mais frequentes e dois tipos se repetiam muito e

chamaram minha atenção: fotos de Newton “na função” e fotos com homenagens a amigos presos.

Nas fotos “na função” Newton aparecia em esquinas, em grupos de cinco ou seis garotos, fumando maconha e mostrando dinheiro, joias e garrafas de bebidas alcoólicas. As legendas falavam geralmente sobre fé e trabalho e eram acompanhadas das hashtags #PJL (Paz Justiça e Liberdade) e #F1 (Função) além de emojis de cifrões e trevos de quatro folhas.

As postagens em homenagem aos amigos presos geralmente eram feitas a partir de fotos de Newton com o amigo em questão e legendas que diziam sobre o valor da liberdade e sobre como tal amigo não será esquecido por seus colegas. Essas fotos também eram acompanhadas da hashtag #PJL e também da hashtag #LiberdadeCanta!. Além destes dois tipos, Newton também postava mensagens motivacionais, produzidas geralmente por páginas de Facebook. Uma de suas páginas prediletas, e que era fonte frequente de seus compartilhamentos, se chamava P.J.L. Paz Justiça e Liberdade<sup>36</sup>.

As redes sociais foram fatores muito significativos nas vidas de Rafael e Newton, não só pelos usos pessoais, mas também pelo uso contra os dois garotos a partir do emprego destas tecnologias de informação por parte das forças policiais da cidade de Pinheiros. Ambos foram, em Novembro de 2015 “registrados” em um grupo de Whatsapp reunido por policiais e guardas municipais. O registro de Rafael ocorreu durante uma abordagem policial no centro da cidade, um dos PM’s fotografou seu rosto após o “enquadro” ter resultado apenas na apreensão de uma ponta de cigarro de maconha. Já o registro de Newton foi feito após seu perfil de Facebook ser marcado em uma foto onde aparecia um sujeito que estava sendo investigado pelo assalto à casa de um membro da polícia civil.

<sup>36</sup> Link para a página no Facebook. Visitado pela última vez em 04/01/2017  
<https://www.facebook.com/PJLIUCantaLiberdadee/?fref=nf>

O registro neste grupo é uma inflexão fundamental na vida dos dois, descrevo então, neste momento, o que se sucedeu com cada um dos adolescentes:

### - Rafael

Ao saber que sua imagem estava registrada em um grupo de policiais, Rafael resolveu dar um tempo de sua *quebrada* e ir morar com uma tia que tinha residência no outro lado da cidade, continuava a ir para as oficinas da LA, mas agora parecia mais sério e compenetrado. Ele me disse após uma partida de futebol no núcleo que havia abandonado completamente as drogas, agora já não usava, nem vendia. Evitava ao máximo o contato com colegas envolvidos.

A saída de Rafael causou uma desarticulação sensível na rede de relações que ele havia estabelecido, Rafa era um *vapor* considerado e também um garoto muito bem querido em sua vizinhança. Ele me relata:

*“É, eu tive que dar uma sumida por causa desse negócio de estar marcado. Isso complicou um pouco lá na minha quebrada porque, digamos assim, eu tinha uma certa responsabilidade, entende? As pessoas contavam comigo, mas tava complicado, tem muito tático [Força Tática da PM] na rua e eu não posso ficar moscando por aí, né? Aí eu me distanciei mesmo, to na minha tia que mora em outro lugar. [Diário de Campo, Dezembro de 2015]*

Apesar da tentativa de Rafael de sair por uns tempos de sua vizinhança as perseguições não cessaram. Em Fevereiro de 2016 o encontrei durante uma cerimônia de apresentação do programa de medidas do São Judas. Rafa estava um pouco afastado do auditório, ficou em silêncio o tempo todo, me cumprimentou com um olhar e depois saiu. Pensei que ele havia ido embora, mas momentos depois da cerimônia o vi sentado no degrau de uma escada. Me aproximei para conversar, tentei puxar assunto perguntando sobre o show do MC Pedrinho que acontecera na cidade dias atrás, ele me respondeu que foi, mas que tinha se arrependido de ir.

Eu o pedi pra contar que aconteceu, ele ficou um pouco encabulado com olhar baixo, disse a ele que tudo bem a gente mudar de assunto e comecei a falar sobre futebol, ele me interrompeu:

*“Não, não, tudo bem, é bom também o senhor saber o que a gente passa, né? É seu trabalho na faculdade, tem que saber sobre a gente...”*

*Aconteceu que eu fui no show do Pedrinho, tava lotado, mó fluxo... só que na volta né, desci a duas quadras de casa. Tava de carona com um parcerinho, tava chegando em casa... o Tático atracou. Foi uma merda! Me colocaram no carro, me apavoraram... e eu tava sem nada, mas os caras lá mostrando minha cara no celular deles. Me levaram pra um matagal... eu pensei que ia morrer, tá ligado? Aí me deixaram lá, foi foda! [Diário de Campo Fevereiro de 2016]*

Rafael contou este relato de maneira muito pausada e com a voz muito baixa, parecia ainda muito abalado com tudo que acontecera.

No final do evento do São Judas um pequeno lanche foi oferecido: sanduíche, suco e picolé, distribuídos em uma pequena bandeja. Pego um para mim e outro para Rafael, ele agradece. Continuamos a conversa, ele me diz que desde Novembro do ano passado não faz mais parte do *tráfico*, que agora está mais tranquilo, mas que o episódio com os policiais colocou dúvidas na sua cabeça sobre qual seria a real eficácia de se distanciar do crime: “O que adianta se eu vou ser sempre marcado como bandido?” me perguntou meio que sem esperar resposta.

Continuamos conversando por mais algum tempo e depois me despedi, foi a última vez que vi Rafael. Quando voltei ao núcleo em Março recebi a notícia de que ele havia sido enviado a Fundação Casa, o motivo: reincidência. Cláudio, seu orientador de LA me explica:

*Então, o primeiro B.O dele foi assalto a mão armada. Aí ele saiu né, tava fazendo a LA com a gente e tava bem. Mas aí pegaram ele de novo, agora por tráfico. E foi bem injusto, ele tava com 5 gramas de maconha no bolso e uns*

*trocados, tipo 25 reais, e levaram ele por tráfico, acredita? Ele já tava marcado né, aí já é suspeito de qualquer coisa.[Diário de Campo Março de 2016]*

Depois desse evento tive poucas notícias sobre Rafael, alguns disseram que ele havia virado *piloto* da unidade em que estava, se associando definitivamente ao PCC. Outros diziam que ele se converteu pra igreja, tudo pareceu bastante confuso.

Enquanto tentava saber do destino de Rafa, o caso de Newton se desenrolava por caminhos diferentes, e é a ele que vamos nesse momento.

### **- Newton**

A notícia de que Newton estava registrado em um grupo de policiais teve como consequência seu desligamento da posição de vapor em uma biqueira que funcionava perto de sua casa. O fato do garoto cumprir LA já o havia afastado momentaneamente do dia a dia da *função*. Porém, uma vez que seu gerente ficou sabendo do ocorrido, o desligou de uma vez por todas o proibindo de frequentar a *biqueira*. Quem me conta sobre essa transição é Mônica, que atua como sua orientadora de medida:

*“Ele foi desligado né, agora não faz mais parte. Essa coisa de registrar os meninos no whatsapp tá assustando todo mundo, o problema é que afastar o Newton talvez seja perigoso. Ele é muito apegado nessa coisa de ser do crime, de ser o maioral... a gente tava trabalhando numa transição tranquila, ele tava abandonando essa ideia de que ser crime é bom, mas com esse desligamento abrupto talvez a coisa complique” [Registro de Conversa Informal, Novembro de 2015]*

Newton era de fato muito apegado a ideia de “ser do crime”. Usava roupas com *ying a yang* (símbolo do PCC), gostava de usar todo o léxico ligado ao *Comando* e dizia estar sempre *na resposta* de alguma operação mais complexa que do *vapor*. Essa postura rendeu a ele o apelido de “Bandidão” entre os meninos do São Judas, apelido este empregado sempre com um misto de sarcasmo e ironia em relação às suas condutas.

Além desta postura, Newton apresentava um uso de drogas que Mônica classificava como “perigoso”. De fato, não foram poucas as vezes que o encontrei um pouco alterado e quando perguntei o que ele gostava de usar ele me disse que usufruía basicamente de maconha, álcool e “danoninho”, uma mistura de remédios batidos em água que estava começando a virar moda nas baladas de Pinheiros.

Quando visitei o núcleo em Dezembro Newton parecia outra pessoa; completamente catatônico, repetindo que precisava de uma “ajuda material” e que todos ali estavam tramando contra ele. Sua avó o acompanhava, um tanto envergonhada. Dizia que não sabia mais o que fazer e que agora seu neto perdera o controle da droga e vivia em estado de torpor.

A transição de um garoto “meio chapado”, mas muito articulado e cheio de ideias, para alguém que repetia frases sem sentido com um olhar para o nada me assustou muito. Tudo aquilo ocorreu no espaço de um mês. Na semana seguinte a avó de Newton estava no núcleo e eu perguntei para ela o que havia acontecido com o seu neto, e se ele estava bem, ela me contou:

*“Então Professor... Evandro, né? Essa coisa das drogas, desde que parou de andar com os menino lá, ele ficou mais viciado. Não sei o que aconteceu, porque os menino vieram falar comigo que não vendia nada pra ele, mas ele dava jeito de conseguir esses remédio estragado... tomava tudo. A gente teve que internar ele numa clínica boa, da igreja, que tem aqui em Boa Vizinhança (município vizinho a Pinheiros) e agora ele tá melhorando, mas mesmo assim ele ainda tá muito no remédio, sabe?” [Diário de Campo, Dezembro de 2015]*

Conversei então com Kayke, primo de Newton e que também cumpria uma medida socioeducativa no núcleo. Perguntei o que acontecera para a mudança tão brusca no comportamento de Newton:

*“Ah, foi essa fita dele ser desligado da funça... Eu nunca vi professor, o bicho é muito ligado nessa fita. Tipo, a gente corre pelo certo né, mas num é: 'Ah meu deus, o crime!' é tipo: 'faça meu corre, siga no proceder e já era'. Ele não, parecia uma coisa de sangue... aí foi isso, ele começou a perder os peão também, porque ninguém queria colar com ele, que ele tava marcado.*

*Aí ele foi entrando nessa neurose, usando essas misturas de remédio sozinho... numas esquina arrumou confusão, foi uma merda! Só não deu mais*

*coisa porque a avó internou né, as vezes também é melhor pra ele. Sei lá... ficá lá rezando e jogando bola.” [Diário de Campo, Dezembro de 2015]*

A notícia de que Newton estava marcado no grupo de whatsapp da polícia fez com que ele se tornasse um alvo ambulante para seus outros colegas, alguns garotos ainda me contaram que Newton tentava reaver seus laços em outras biqueiras, mas que as coisas paravam de dar certo em pouco tempo. O desligamento do garoto também pareceu ser o gatilho para um uso mais intenso de drogas, uso esse marcado pela prevalência da mistura de remédios.

Ainda como decorrência desses fatores, a internação numa comunidade terapêutica veio como estratégia na tentativa de sanar dois problemas: o uso das drogas e o afastamento do menino das ruas, onde ele começava a causar problemas. As histórias de que Newton estava começando a *meter o louco* e arranjar dívidas, desrespeitar os outros e ter um comportamento cada vez mais violento, fez com que sua avó escolhesse o isolamento do neto, mesmo que, como ela disse: “com muita dor no coração”.

### **- Visibilidade e controle**

Histórias como as de Rafael e Newton nos levam a um aspecto fundamental para o entendimento sobre a vida no crime: as noções de visibilidade e invisibilidade. Conseguir controlar a própria imagem em relação aos colegas, inimigos e pessoas alheias ao dia a dia dos pequenos ilegalismos, é parte estruturante da vida de seus componentes<sup>37</sup>.

<sup>37</sup> Velho (1998 p14) , em sua pesquisa sobre as de tráfico de drogas da cidade do Rio de Janeiro, aponta para a ambiguidade entre a necessidade de ser visto para atrair clientes e operar capitais simbólicos e a necessidade de desaparecer na tentativa de não atrair agentes policiais. Grillo (2008 p3) também analise o controle da visibilidade ao estudar o circuito de classe média do tráfico carioca e destaca como neste caso a invisibilidade se torna preponderante para a circulação das drogas nesta rede específica



Durante minha estadia em campo, essa capacidade de controle sobre a própria visibilidade enquanto “criminoso” assumiu diversas maneiras de expressão: alguns garotos, muito engajados no crime, se comportavam de maneira completamente discreta, tendo cuidado com o que diziam, como se portavam e utilizavam roupas neutras. Enquanto outros assumiam para si quase que um pacote completo daquilo que compõe o estereótipo do “marginal”.

O uso das mídias digitais também compunha suas técnicas de visibilidade com predominância dos usos do Facebook e do Whatsapp. A publicação de imagens “na função”, a homenagem pública aos amigos presos e o reiterado uso da expressão “Paz, Justiça e Liberdade”, agregavam à produção de uma visibilidade de si que valorizava os aspectos estéticos de uma vida no crime.

Porém o destaque destes sujeitos não está submetido somente às suas vontades e capacidades individuais de autocontrole. Faz parte de uma das estratégias clássicas de controle sobre os ilegalismos periféricos colocar em evidência, em um regime de hipervisibilidade, aqueles que são tidos como prováveis criminosos. Da placa de “procura-se” colada em postes, à programas sensacionalistas de TV, passando pela produção de redes de boatos em vizinhanças, colocar um “bandido” sobre uma determinada luz é parte das táticas utilizadas para proporcionar o seu controle.

Estas táticas de visibilização do marginal parece ganhar novos contornos quando adicionamos a capacidade técnica das mídias digitais ao seu favor, pois o emprego de tais recursos quase elimina o trabalho do tempo no processo de invisibilização daquele que outrora foi posto à luz. Se em métodos “mais tradicionais” de exposição o tempo era um fator preponderante: o bandido da vez era exposto, uma grande comoção se formava para logo depois outro bandido tomar seu lugar. Com a utilização das novas mídias esse tempo se tornou quase que irrelevante, já que, uma vez que um sujeito tenha seu rosto registrado em um grupo de policiais sua imagem será relacionada a categoria de “suspeito” por tempo indeterminado para todos que tenham contato com aquele grupo. Sem contar a probabilidade de circulação desta imagem, enquanto uma forma de alerta, em outros grupos e redes.

É importante notar que a prática de se registrar possíveis suspeitos em grupos de redes sociais apesar de ilegal (posto que anula a presunção de inocência do sujeito abordado), está longe de ser considerado um desvio por uma parcela significativa das forças policiais. Uma breve pesquisa no google com termos como “policiais + usam + whatsapp” terá como resultado uma série de notícias sobre o uso de tal prática como tática recorrente à prevenção de crimes em regiões como: Espírito Santo, Rio de Janeiro, interior de São Paulo e Rio Grande do Sul. Algumas inclusive com declarações de policiais explicitando os benefícios de tal tática para a garantia da tranquilidade dos cidadãos.

Essa forma de fazer os sujeitos visíveis e transformá-los em eternos suspeitos é parte constitutiva de diversos deslocamentos na vida daqueles que são “registrados”. Nos casos de Rafael e Newton, o advento de seus registros resultaram, por caminhos diversos, em internações. Compreender os efeitos dessa forma de controle me parece fundamental para entendermos a experiência destes sujeitos devido sua recorrência e seu caráter inovador frente a outras técnicas.

#### **2.4 “Pequenos negócios”. O tráfico como núcleo de experiências da vida no crime.**

Podemos acompanhar neste capítulo as experiências de sujeitos que compõem as posições mais baixas do comércio varejista de drogas ilícitas. Vimos assim suas formas de organização, suas hierarquias localizadas, os valores e suas circulações, além das técnicas empreendidas por aqueles que o ocupam a rede de oportunidades produzidas por este tipo de comércio. Vimos também as intempéries às quais estes sujeitos são submetidos: requisição contínua de responsabilidades, capturas, extorsões e agressões, endividamentos múltiplos, internamentos e outros tipos de riscos que também compõem a experiência daqueles que participam de suas diferentes posições de trabalho.

Oportunidade e risco aparecem então como aspectos estruturantes das experiências destes sujeitos, são estes aspectos que produzem, em termos mais gerais, as práticas daqueles que participam do cotidiano do *tráfico*. Porém, ao olharmos tais experiências a partir da perspectiva nativa, podemos apreender outros matizes mais refinados para a compreensão das relações as quais tais sujeitos vivenciam ordinariamente.

A noção de responsabilidade parece ser um destes componentes presentes na vivência cotidiana do *tráfico*, cada um de seus participantes tem como requisito para a participação, tanto das redes comerciais, quanto das redes de outras naturezas da *função*, uma série de responsabilidades absolutas acerca daqueles que estão diretamente relacionados consigo. Estas responsabilidades se referem sempre às hierarquias localizadas às quais a *biqueira* se associa e tem seus efeitos absolutos restritos a este mesmo alcance.

Desta maneira, cada um dos componentes de um ponto localizado de comércio de drogas se torna responsável por aspectos muito relevantes àquele ponto de venda: os *olheiros* são responsáveis por sua segurança, os *vapores* pela posse da droga e pela circulação de valores, o *gerente* pela coordenação de sua equipe e pela ligação direta com os *patrões*. Todos eles também são, guardadas as devidas proporções, (cada vez mais) responsáveis pela resolução de pequenos conflitos de suas *quebradas*. Contudo tais responsabilidades pouco afetam o mercado da droga em seu âmbito atacadista ou as hierarquias superiores do Primeiro Comando da Capital.

Esta mistura entre requisição constante de responsabilidade e subalternidade da condição de trabalho nos leva a outro ponto fundamental presente na descrição destas experiências, este ponto é a *atenção*. A capacidade de ser atento em relação as suas responsabilidades e as responsabilidades alheias nos ajuda a pensar como uma relação aparentemente conflitiva entre ser um empreendedor individual e ter um compromisso explícito de coletividade com o *Comando* se operacionaliza no dia a dia.

A capacidade de se mostrar atento a si e aos outros nos traz ao último par de aspectos perscrutados neste capítulo: visibilidade e invisibilidade. As formas como os sujeitos desta pesquisa aparecem e desaparecem são decisivas para compreendermos suas experiências a partir da relação entre prestígio, controle e fuga. Se é parte da vida no crime a conquista de prestígios, quando um sujeito começa a aparecer enquanto alguém considerado por seus colegas, tal consideração traz consigo a visibilidade que os coloca cada vez mais perto das forças policiais de controle.

Estar próximo destas forças incorre no risco de que o sujeito apareça ainda mais, agora através de técnicas que fixem sua imagem enquanto suspeito para uma rede de guardas, policiais, comerciantes e moradores de determinados bairros, rede esta que prescinde de uma temporalidade e que pode se expandir infinitamente através de compartilhamentos múltiplos em mídias digitais. Neste momento em que o sujeito tem sua imagem visibilizada enquanto “suspeito” diversos deslocamentos ocorrem em sua vida ordinária.

O primeiro deslocamento é o de que sua presença torna-se um núcleo de irradiação de riscos adicionais para aqueles que vivem a sua volta, o que torna comum o distanciamento de seus parceiros através do desligamento de cargos em *biqueiras* e a evitação de sua companhia em diferentes momentos. Outro deslocamento sensível é que, se o sujeito em questão já carregava consigo as características raciais, sociais e estéticas de alguém passível de abordagens policiais, a partir do advento da captura de sua imagem em um destes grupos de suspeitos, as abordagens se tornarão mais frequentes e incisivas.

A presença da possibilidade dessa captura coloca em jogo também a capacidade do sujeito de se fazer invisível, primeiro pela eficácia em evitar que tais registros aconteçam e posteriormente pela possibilidade de “sumir” caso sua imagem comece a ser compartilhada. Ambas as formas de invisibilidade dependem tanto do domínio de técnicas sobre a própria imagem: evitar “flagrantes”, evitar situações suspeitas, saber prever uma batida policial antes de seu acontecimento; quanto da possibilidade materiais de desaparecimento momentâneo caso se faça necessário: familiares em

outras cidades para mudanças repentinas, capacidade de auto sustento a partir da interrupção do fluxo de faturamentos provenientes do *tráfico* e a performance convincente como alguém que está tentando “mudar de vida” são aspectos fundamentais para tal processos.

Ao olharmos mais atentamente para aspectos como responsabilidade, atenção, visibilidade e invisibilidade, tais pontos parecem constituir processos relevantes à contribuição no debate sobre o *tráfico* enquanto operação comercial. Porém, tal atividade não se encerra apenas nas relações de compra e venda. Como descrito anteriormente, estar no *crime*, no *tráfico* ou na *função* corresponde não somente a um compromisso comercial, mas também o adentramento em uma trama de relações de outras naturezas como as normativas morais e suas moralidades situacionais.

São a estas formas de relações que nos encaminharemos agora, a partir da tematização das relações morais dos sujeitos que operam o comércio varejista de drogas com foco analítico privilegiando as relações onde aparecem noções de *proceder*.

### **3. O certo é o certo, mas cada um, cada um. Proceder: a norma e a situação no cotidiano do comércio de drogas ilícitas.**

*“Nilson sempre me contava de seu conhecimento na quebrada e dizia saber de tudo que acontecia no Bom Sucesso, bairro onde morava.*

*Certa vez, enquanto nós calçávamos as chuteiras para uma partida de futebol, ele me disse que, no dia anterior, viu um garoto ser espancado por ter perdido uma carga de cocaína, que seria vendida na porta de uma festa. Segundo Nilson, o garoto havia deixado a mochila com a carga em um lugar desprotegido, sem perceber e começou uma chuva que acabou por estragar todo o pó, algo próximo de R\$ 2 mil.*

*Perguntei se não era exagerado espancar por causa de dívida? Ele me respondeu que: “o cara tá nessa vida, ele tem que saber qual é o proceder dele e o que vai acontecer se ele falhar, certo?”. Fiquei meio desconcertado com a frieza da resposta, terminei de calçar a chuteira e segui pro jogo.” [Diário de Campo, Maio de 2016]*

*“ô papai / um soldado programado pra morrer/ Mesmo que a sociedade num entenda o propósito/ Nois do pan da capital dissemina nosso ódio! / Infelizmente a reação ela teve que partir / do sistema prisional que cansado de engolir / se organizou, debateu, decidiu resolver. / E hoje tomou forma tamo aí, PCC! / Um fuzil, um mano / um sistema, uma guerra!”*

*[“Calix-se” Trilha Sonora do Gueto, 2015]*

*“Dizem: “Crime é o Rap” Dizem: “Rap é o crime” Você diz, você decide O resto só coincide! Olho por olho era lei, cegava todos sem ver. Pra ver direito, rever, viver e deixar viver! Bandeira branca sobe! Pra quem não sabe, falsos não conseguem, quem tem juízo segue. Se você não deve, firmão, fica leve! [...] Uma por beco, duas na endola O Big Brother é em dolar, a firma é bico seco A festa acaba cedo, se falta pra geral Por que nada vai bem se os negócios vão mal!”*

*[“Finado Neguin” Racionais, 2015]*

Este capítulo se dedicará às relações morais às quais pude acompanhar entre meus interlocutores, mais precisamente ao modo como as moralidades são concebidas a partir do ponto de vista destes adolescentes em seus diferentes contatos com o que concebem ser o Primeiro Comando da Capital. O tema ao qual

me dedicarei será o *proceder*, signo que seria, na leitura interna ao “crime”, algo característico da história do *Comando* em São Paulo (Marques, 2009)<sup>38</sup>.

O *proceder*, em termos analíticos, se divide em duas características básicas: I) uma conduta, um modo de proceder propriamente, baseado em um conjunto de princípios e avaliações morais, de gênero e biográficas, recorrentes no vocabulário e na vida cotidiana das periferias paulistas<sup>39</sup> II) Uma técnica política de regulação das condutas de um determinado território, seja este um ambiente prisional com a presença maciça de pessoas relacionadas ao *Comando*; seja este uma *quebrada* em *sintonia* com tais valores e que conte com a presença de *irmãos* dispostos a operar tal regulação<sup>40</sup>.

Traremos como fio condutor das reflexões sobre os dois aspectos supracitados as experiências registradas durante meu trabalho de campo. Estas experiências são: uma trajetória de vida de Júlio e uma descrição de comentários e considerações sobre o caso de um assassinato de três pessoas moradoras de uma *quebrada* da cidade de Pinheiros envolvidas em um conflito visto publicamente como “fútil”.

A trajetória de vida de Júlio nos ajudará a entender as atualizações dos conteúdos de *proceder* no comércio de drogas ilícitas e sua plasticidade a partir de diferentes momentos da vida do sujeito. Abordaremos assim a relação entre prosperidade individual e compromisso moral com o *Comando* em um momento de transição geracional no tráfico de drogas. Já as considerações e comentários acerca do assassinato de três sujeitos lançarão luz sobre a relação entre as noções de

38 A existência de códigos morais que regulam condutas e que sirvam como signo de distinção moral em relação a outros não é exclusividade do PCC nem dos tempos atuais, outros grupos criminais carregam características semelhantes atualmente e também existem estudos apontando para o aparecimento de tais códigos em outros tempos ver: (BIONDI & MARQUES 2010 p39-70)

39 Ver: BIONDI (2009) MARQUES (2009) HIRATA (2010)

40 Ver FELTRAN (2010, 2011) BIONDI (2010) HIRATA (2010)

guerra e paz no cotidiano de periferias urbanas, conduzindo-nos a uma reflexão sobre o *proceder* como técnica política do Primeiro Comando da Capital para evitação do uso da força letal e quando ela se faz ou não presente.

De modo usual, quando alguém utiliza em seu discurso o termo *proceder* o faz em tom de avaliação sobre a conduta, a reputação e/ou uma ação específica de alguém, tomando o próprio termo como sinal positivo da avaliação e sua falta como sinal oposto. Diz-se: “Esse moleque tem *proceder* [ou corre pelo certo!]”, quando exalta-se a firmeza moral de um sujeito. Ou: “Faltou *proceder* nessa *fita* aí!”, quando uma situação é levada sem o devido cuidado em relação ao que se considera moralmente digno.

Contudo, o *proceder* não é de uso exclusivo daqueles que se aliam ao *Comando*, nem é algum tipo de “código de honra do crime”. Seu uso é corrente em rodas conversas e bate papos, e já se tornou parte do vocabulário usual daqueles que habitam áreas periféricas urbanas, principalmente as do estado de São Paulo. Os critérios de sua avaliação e os conteúdos considerados como “*de proceder*” são múltiplos, se confundindo com outras moralidades cotidianas, como as amparadas pelo velho testamento: não matarás, não cobiçarás a mulher do próximo, não darás falso testemunho ou não mentirás.

Nota-se também que tais conteúdos e seus agenciamentos compõem uma vasta gama de referências na tradição musical negra das periferias, sobretudo do rap e do funk, como expresso nas letras dos grupos Trilha Sonora do Gueto e Racionais MC's, citadas na epígrafe deste capítulo, e outros como: Menor do Chapa (Rio de Janeiro – “Humildade, disciplina, vida loka/ Diretamente do Chapa, só proceder...”) e Alvos da Lei (SP - “sem proceder não para em pé”). E também em



letras de pagode como a do grupo Revelação (ô “Simpático / e naquela “tem gente de olho no seu proceder / se liga no tom, ainda dá pra subir”).

Em artigo sobre o tema, Feltran (2013) recupera essa tradição inventada das músicas que lidam com dilemas morais do dia a dia periférico, a partir da comparação entre as letras de Jorge Ben e do Racionais. Refletindo sobre uma passagem nas relações de poder internas aos grupos marginalizados, territorializados nas periferias, Feltran afirma que:

*“A vitória num duelo justo, contra um “pistoleiro” reinante até então, sela essa passagem. A transição entre um modo de regulação da ordem local centrada no homem que matava homens maus, para aquela do homem que matou o homem que matava homens maus, remete aos anos 2000 em São Paulo, e ocorreu de modo espraiado por todo o território estadual graças à expansão do PCC. Passagem vista décadas antes, na representação de Jorge Ben, de modo tão notadamente positivado quanto será, pelo rap paulista, quarenta anos depois”. (FELTRAN 2016 p55)*

Ter proceder se refere então a expectativa por uma ordem moral individual e comunitária. Como aponta Hirata (2010) o *proceder*, enquanto exercício de conduta, aparece como busca constante por respeito para si e para outro:

*“[...] , mas o que me parece importante é definir o proceder como uma busca por respeito, uma tentativa de estabelecer os seus limites, uma reflexão acerca da dignidade.” (HIRATA, 2010 p304)*

Porém, se o uso corrente do proceder não é exclusivo do *crime*, o seu uso por parte daqueles que compõem o dia a dia dos ilegalismos nas periferias traz efeitos sensivelmente específicos.

Para aqueles que compõem a vida no crime, e tem seu dia a dia relacionado ao Primeiro Comando da Capital, o *proceder*, além de signo de avaliação moral, é também um dos critérios de acesso às posições e responsabilidades que organizam

suas redes. No caso específico do comércio varejista de drogas ilícitas (modalidade de ilegalismo de maior enfoque em minha pesquisa), a avaliação de um sujeito com base nos códigos de *proceder* é um dos aspectos fundamentais tanto para a entrada, quanto para a transição em sua rede de posições de poder.

Tais códigos requerem, pelo menos em seu caráter normativo, ser técnicas de controle sobre o desejo e o próprio corpo (evitar a cobiça, a luxúria, o abuso das drogas), e uma capacidade de autojustificação discursiva sobre seus atos, para si e para outros. Desta maneira, para àqueles que participam do *crime*, o *proceder* é, ao mesmo tempo, um critério de avaliação moral e uma normativa de conduta a ser cumprida.

Assim como a avaliação moral é parte constituinte da vida daqueles que participam da rede de relações do *tráfico*, o trabalho do sujeito sobre si mesmo, no intuito de se construir e se apresentar enquanto alguém em sintonia com o *proceder*, também é parte constitutiva de sua reputação. É preciso apresentar-se como alguém respeitável, afirmar seu *proceder* cotidianamente. Produz-se assim uma série de códigos sobre o próprio corpo e discurso, de maneira a apresentar-se sempre como moralmente digno.

Estes processos de produção de si mesmo e avaliação do outro, a partir do *proceder*, não se resumem apenas aos sujeitos diretamente envolvidos. Lima (2013 p25-50), em sua pesquisa sobre mulheres companheiras de apenados em presídios do PCC, demonstra como tais procedimentos também são exigidos àquelas que mantêm relações afetivas com estes sujeitos:

*“A frequência no dia de visita, como já mencionado, dizia respeito a um dos procedimentos éticos (que chamei de visível) esperados das mulheres que estavam na caminhada. Podia-se de fato ver quem visitava o*

*marido. Tornava-se explícita a periodicidade que as mulheres visitavam o preso. “ (LIMA 2013 p42)*

Nas duas situações: tanto na avaliação do outro, quanto na conduta de si, constrói-se então uma biografia moral do sujeito em questão.

Quando se avalia moralmente a biografia de um sujeito com base no *proceder*, utiliza-se especificamente o termo *caminhada*. A *caminhada* de alguém pode ser vista como tendo sintonia com o que se considera digno do *proceder*, ou como uma *caminhada torta*, que não tem dignidade suficiente, segundo quem avalia. A avaliação biográfica, com base no *proceder*, é um dos critérios fundamentais para a inserção e movimentação das redes de ilegalismos engendradas pelo *crime*.

Em minha experiência de campo a avaliação da *caminhada* era feita para a decisão da entrada, saída, transição ou volta de algum sujeito para uma posição de trabalho no comércio varejista de drogas, pude acompanhar, durante uma festa junina promovida pelo núcleo uma discussão sobre esta temática:

*“Em uma roda de conversa, quatro garotos: Juca, João, Patrick e Cesar, conversavam sobre dar ou não uma oportunidade para Rogério, um adolescente que, segundo Patrick e Cesar, passou um tempo na Fundação Casa e agora voltava para as ruas em busca de seu progresso.*

*Acontece que Juca também esteve na Fundação recentemente e disse não ter visto Rogério por lá. Quando eu cheguei na roda, eles discutiam se Rogério esteve ou não internado junto com Juca. José, que acompanhava discussão de longe, chegou para resolver a questão: Rogério estava internado, mas numa comunidade terapêutica, e dizia ter ido para a Fundação para “não pegar mal”.*

*João, que parecia ser o interessado em contratar Rogério, começou a dar risada, virou pra mim e disse: ‘Se liga nisso, Professor, o cara já bate a nave e se interna. Aí volta mentindo...falando que foi pra Fundação e nem foi? Com essa caminhada não dá, né?’ ” (Diário de Campo, Junho de 2015)”*

Se, no seu aspecto de ética de conduta, o *proceder* tem como base material relações diretas entre sujeitos conhecidos, ou que se interessam em conhecer a *caminhada* de outrem. Em seu aspecto de técnica política suas pretensões abrangem territórios e, por consequência, as pessoas que neles habitam. Tais técnicas funcionam como diretrizes gerais para a regulação das condutas em determinado lugar, mirando a busca por mais paz, justiça, liberdade e igualdade<sup>41</sup>, com base nos significado atribuído pelos *irmãos* do *Comando* para tais termos.

No âmbito prisional como descrito por Biondi (2009) o exercício político do PCC trabalha para a resolução daquilo que era considerado injusto frente a convivência entre os apenados, foram extintos assim: a prática do estupro, a venda de camas nas celas e o uso da força para resolução de conflitos (2009 p10-15). Nas ruas, as técnicas políticas do *Comando* nas *quebradas* em *sintonia* (MALVASI 2012) com seus valores focalizaram de maneira mais intensa a paz interna àqueles vivem nas *quebradas* (HIRATA 2010, MARQUES 2009) através de duas ações principais: o desarmamento das *biqueiras* e as interrupções dos ciclos de vinganças (FELTRAN 2011).

É justamente nesta tentativa de constituir o *proceder* enquanto signo do bem comum e da paz entre um determinado grupo de sujeitos e seus territórios, que se produziu a tentativa de pacificação das condutas daqueles que participavam do crime em *quebradas* e prisões paulistas. Esta tentativa tem como tema central e resultado mais expressivo a redução do número de homicídios de seus sujeitos<sup>42</sup>.

41 “Paz, justiça e liberdade” é o lema mais conhecido do Primeiro Comando da Capital, o termo “igualdade” fora adicionado recentemente. Ver Biondi (2013)

42 Ver (FELTRAN 2009)

Malvasi chama de "sintonia" esse processo de relação entre as ideias do *Comando* e uma tentativa de transformação das quebradas de *sintonia*, segundo o autor:

*"A sintonia comunica os procedimentos que devem guiar a conduta daqueles que se identificam como "do crime", mas estes procedimentos devem estar em consonância com os ideais e os interesses da quebrada. As "caminhadas" diferentes daquela do crime, a de "manos da periferia", sintonizam-se também com as condutas e procedimentos comunicados pelos membros do PCC às quebradas na medida em que estas ajudam a pacificar e tornar mais próspera a região. O que está sendo sintonizado entre o crime e a quebrada é um modelo de racionalidade, uma "inteligência" – a mente; escolhas, decisões e ações voltadas a minimizar o sofrimento e aumentar as oportunidades. Esta mente, portanto, não é alimentada exclusivamente pela lógica interna ao crime." (Malvasi 2012 p109)*

Neste sentido o *proceder* constitui-se como signo de um discurso moral de paz interna a um grupo específico: moradores de periferias urbanas vistos como moralmente dignos, mas também como uma racionalidade precisa de ordenamento da comunidade interna às quebradas, que é maior que o "crime". O "crime" deveria ser o juiz, a polícia e o pai dessa comunidade<sup>43</sup>. Se por um lado percebe-se um trabalho no sentido de se evitar a utilização da violência em seus diversos âmbitos, por outro vemos também um trabalho de intensidade semelhante para se separar quem seria merecedor ou não de tal paz. Esta constante separação entre inimigos e aliados de uma determinada comunidade moral que comporia "O Crime" enquanto instância normativa daqueles que correm com o *proceder* é parte das reflexões de Marques (2016) sobre a noção de perspectiva entre *ladrões*:

*"Quero dizer com isso que, se meus interlocutores possuem a certeza de que "estão pelo certo no crime", contra (ou, diferente de) "um monte de cara sem proceder", isso não lhes retira a certeza de que são depreciados pelos "inimigos" (ou, outros) que se veem "pelo certo". Essa*

<sup>43</sup>Podemos perceber noções semelhantes no trabalho de Lyra (2012 p40-50) sobre jovens traficantes em uma favela da cidade do Rio de Janeiro.

*perspectivização se dá tanto no nível das diretrizes políticas de cada “comando”, através das considerações que os relacionados a cada “comando” dirigem contra seus “inimigos”, quanto no nível da “caminhada” de cada pessoa, avaliada diferentemente por considerações, sejam elas internas ou externas ao “comando” a que se está relacionado. Com efeito, a mesma pessoa pode ser considerada, simultaneamente, “um cara de conduta irretocável”, “um cara que corrigiu sua caminhada e agora está pelo certo”, “um cara que já deu umas mancadas e não cola mais na quebrada”, “um cara que é um saco de vacilo” – entre outras possibilidades não observadas neste simplificado gradiente.” (2016 p18)*

Estas técnicas estão longe de compor um consenso pleno em relação àqueles que são por elas afetados, é no momento do conflito entre perspectivas sobre determinada atitude estar ou não “pelo certo” que se aciona um *debate*. O *debate* funciona como dispositivo prático de julgamento entre os componentes do Primeiro Comando da Capital sobre quem está em consonância com o *proceder* em determinada situação conflitiva. Nele acusados e acusadores se reúnem e expõem seus argumentos frente a um conjunto de irmãos que são responsáveis pelo território onde o conflito ocorreu.

Longe de tender para um consenso entre as partes o *debate* funciona mais como uma disputa agonística entre os envolvidos (acusador e acusado) em que os sujeitos devem construir para si uma performance constante de autojustificações e justificações externas.

O resultado de um *debate* é atribuído pelo conjunto de *irmãos* que estão presentes durante seu desenrolar. Estes reúnem-se entre si e produzem um consenso com base nas performances do acusador e acusado, tal consenso é comunicado junto às sentenças de reparação que eventualmente sejam estabelecidas. Como argumenta Feltran (2009 p10-12), o *debate* não é um recurso monolítico e tem sua variação determinada pela gravidade do conflito ao qual ele se

refere, existem assim desde de *debates* rápidos acerca de pequenas causas, até *debates* que discutem questões de vida ou morte (2009 p13-15).

A eficácia destas relações de avaliação e conduta e a presença destas técnicas políticas em *quebradas* aparecem em determinadas estudos e relatos como recursos de uma certa nostalgia representada pelo termo *quebrada largada*. Tal termo aponta para uma ausência de controle das condutas por parte do *crime* nas *quebradas* e se faz presente nos comentários cotidianos de periferias paulistas, assim como também aparecem de maneira lateral em trabalhos sobre temáticas do *crime* em São Paulo (BATISTA 2015, SILVA 2014).

Quando se atribui o signo *quebrada largada* a um determinado território, faz-se sempre como avaliação negativa do estado de ordenamento das condutas ali presentes e os argumentos levantados para tal estado, geralmente se dividem em duas temáticas complementares: diz-se que o *Comando* agora atinge escalas grandes demais e não se importa com as *quebradas* (SILVA 2014, p100-115) e por consequência as pessoas que estão cuidando das periferias são *moleques* que não viveram, só pensam em si próprios e sem nenhum compromisso com as *quebradas*. (BATISTA 2015 p40)

Vimos então o *proceder* em dois aspectos estruturantes de sua atuação: uma diretriz de conduta de si e avaliação da conduta alheia, e uma técnica política de paz interna aos territórios em *sintonia* com o *Comando*. Além de vermos considerações sobre os efeitos da ausência destas características em *quebradas*. Estes atributos guiarão as descrições de campo a seguir.

Começaremos com a história de vida de Júlio, onde poderemos observar a plasticidade dos significados do *proceder* enquanto conduta e suas mudanças a

partir de diferentes fases da vida do sujeito, em um momento de transição geracional no comércio de drogas ilícitas. Em seguida abordaremos as considerações e repercussões de um caso de assassinato triplo ocorrido em um bairro periférico de Pinheiros, e trabalharemos como a repercussão desta ocorrência se relaciona à tematização da *quebrada largada*.

### **3.1 Júlio, a plasticidade do *proceder* e o *progresso*.**

*“Agradeço a Deus e aos Orixás/ Parei no meio do caminho e olhei pra trás...” ( Formula Mágica da Paz, Racionais MC’s. 1997)*

Quando cheguei para mais uma oficina do núcleo São Judas de medidas socioeducativas, Júlio, jovem de 17 anos, pele parda, cerca de 75Kg e um pouco mais de 1,70 de altura; fumava um cigarro ao lado da portaria da unidade. Ele vestia uma camiseta de um time basquete local, short azul e tênis de corrida. Paro para conversarmos um pouco, chego brincando sobre o cigarro dizendo que aquilo iria matá-lo. Ele responde que é difícil de morrer. Começamos a conversar sobre a partida de futebol de ontem entre os garotos do núcleo arbitrada por mim. Ele me disse que eu deveria parar de mexer no cabelo e apitar o jogo direito. Rimos. Ele apaga o cigarro e nós entramos juntos. O porteiro nos cumprimenta e Débora, orientadora de medida de Júlio, aparece e nos encaminha para a sala onde será a oficina do dia.

Apesar da camiseta de basquete e dos comentários sobre futebol, Júlio prefere lutar Jiu-Jitsu e Judô, até os seus 15 anos foi um competidor bem-sucedido em campeonatos mirins e juvenis da região de Pinheiros, chegando a ganhar: “uma



caixa de sapato cheia de medalhas”, como ele mesmo gosta de repetir de tempos em tempos. Certa vez, como parte de uma atividade de educação física do núcleo, levamos um grupo de garotos da LA a uma academia de lutas para uma aula introdutória de Jiu-Jitsu. Júlio se dispôs a me ensinar sobre os movimentos — mais uma das inversões momentâneas de posições possibilitadas pelo trabalho de campo — ele me derrubou inúmeras vezes com incrível facilidade, rindo sempre e repetindo frases como: “Vamo lá, professor, vê se aprende alguma coisa agora!”.

A prática de lutas parece ter sido um fator determinante em sua vida, Júlio se remete a ela como um passado nostálgico uma vez que ele não compete mais nessas modalidades. Vê-lo lutar foi uma experiência muito marcante para mim e ter participado da sua aula de introdução à luta fez com que eu me aproximasse bastante. Pudemos a partir daquele momento travar diálogos mais extensos. No fim da sessão de treinamento o professor responsável pela academia disse a Júlio que aparecesse nos treinos para adultos de forma gratuita; ele agradeceu. Nós voltamos juntos para o núcleo e eu perguntei o porquê dele ter parado com o Jiu- Jitsu. Ele se limitou a responder que havia desanimado da rotina de treinos.

Parte desse desânimo, me contou posteriormente Débora, pode ser atribuído aos problemas que Júlio teve com a sua família, formada por sua mãe e uma irmã mais nova, com cerca de 4 anos, de pai diferente do de Júlio. O garoto pouco comenta sobre o seu pai ou o pai de sua irmã, ambos parecem ser ausentes em sua vida e Júlio repete de maneira recorrente que é “o homem da casa”. A mãe de Júlio é uma mulher de pele preta, gorda, que aparenta ter uns 50 anos e se chama Kátia, tive a oportunidade de trocar algumas palavras com ela durante uma de suas visitas ao núcleo.

Kátia parece ser muito pobre e frequentemente leva Daniela (sua filha mais nova) para o São Judas para que ela possa compartilhar do lanche que Júlio recebe

depois de cada oficina. A mãe também parece depender das passagens de ônibus que o garoto recebe para a locomoção entre o núcleo e a casa. Para conseguir os bilhetes Júlio vai até o núcleo de bicicleta mas a prende em um poste fora das dependências do local, diz para as orientadoras que veio a pé e pede os bilhetes na saída de cada oficina.

O principal problema que Júlio considera ter causado à sua família decorreu em um período de consumo excessivo de cocaína e anfetaminas. O acesso às drogas se deu a partir da entrada do garoto como *olheiro* e mais tarde como *vapor* de uma biqueira localizada nos arredores da casa onde fora criado, no bairro do Bom Sucesso. Foi neste mesmo local que também ocorreu sua primeira apreensão por tráfico de entorpecentes, em Maio de 2014.

Posteriormente Júlio me contou sobre o dia-a-dia da *biqueira* durante uma de nossas conversas. Perguntei como ele conciliava o fato de trabalhar no *tráfico* num local tão próximo a casa da sua família:

*“Vixi, eu não tava nem aí...te falar mesmo, não tava. Todo mundo da casa sabia, minha mãe e tal... cuidando da minha irmã recém nascida.*

*Era pesado, hein? Eu ia todo dia pra função fazia os turno aí já saía... ia pros pião... ficava bem louco. Chegava em casa só pra tomar banho e trocar de roupa e já voltava pra rua de novo.*

*Nessa época aí eu tinha 15 anos mais ou menos. Era só isso: rua, função, pião... a vida loka, né?” [Diário de Campo Maio de 2015]*

Júlio tem um jeito diferente de contar sobre a sua vida sempre termina os relatos com perguntas o que facilitava muito as conversas, com o tempo nós nos aproximamos muito também pelo gosto por Racionais MC's. A descoberta pelo gosto em comum foi durante uma oficina externa, eu e Júlio fomos a uma praça da cidade para colar cartazes contra a redução da maioridade penal. Júlio colocou “Capítulo 4, Versículo 3” para tocar em seu celular, íamos andando e cantando: “Faz frio em São

Paulo mas pra mim tá muito bom...” chegamos à praça, não havia nenhuma viatura polícia, a imagem mudou em 10 minutos.

Uma viatura da ronda escolar da PMSP rondou duas vezes a praça, eu e Júlio nos olhamos e sorrimos, nós sabíamos o que estava acontecendo. Terminamos de colar os cartazes e sentamos na praça para conversar, falei para ele que havia alguns pontos da última conversa que eu queria tornar mais nítido, perguntei se ele não se incomodava com mais algumas questões sobre seu passado recente. Ele aquiesceu com tranquilidade.

Começamos a falar de sua época enquanto *vapor*, Júlio se especializou em vender nas baladas da cidade de Pinheiros principalmente cocaína e anfetaminas. Ele dizia que no começo o uso de drogas não o atrapalhava em nada e o rendimento era muito alto. Contava que para se dar bem nesse tipo de venda o *vapor* tem que estar acostumado com o uso da droga:

*“Todo mundo que eu conhecia que era da função mesmo...envolvido... e fazia o corre de vender em festa usava. E não era pouco, não! Essa coisa de “quem vende não usa” que dizem por aí é mentira, todo mundo usa!*

*Até porque se o cara não usar ele num entra no clima, né? O cara tem que saber qual é o clima da festa, curtir o pião e tal... e ir vendendo. Não tem essa de não usar... até chama atenção todo mundo doido na festa e você lá careta. Porra aí o segurança logo percebe também!” [Diário de Campo, Maio de 2015]*

A relação entre uso de drogas por aqueles que operam sua venda em âmbito varejista além de criar problemas comerciais, pois junta na mesma atividade a fonte de seu faturamento e de seu endividamento (assunto tratado no capítulo anterior)

traz também conflitos éticos e morais<sup>44</sup> acerca da noção de uso e venda mais ou menos digna.

Durante a experiência em campo a relação entre os adolescentes e as drogas (seu uso e sua comercialização) sempre apareceu como ponto de produção de tensões cotidianas que tendiam a questões morais muito sensíveis em suas experiências. Do ponto de vista de uma certa “moral de comércio” as situações também apareciam de maneira bastante conflituosa: era visto com maus olhos, por exemplo, vender para alguém da *quebrada* que estivesse *batendo a nave*, ou seja, que demonstrasse sinais claros de perda de controle sobre o uso de diversas substâncias concomitantemente. Porém, era de conhecimento corrente que eram justamente aqueles que “batiam a nave” que garantiam maior fidelidade de consumo, como diziam meus interlocutores: “*nóia dá tanto dinheiro quanto playboy*” devido a constância do consumo de um em relação ao outro.

No âmbito de uma certa “moral do uso” os conflitos sobre como, quando e onde usar certas substâncias apareciam de maneira recorrente: fumar maconha perto de escolas era visto por parte dos garotos como problemático, pois podia “influenciar as crianças”, ao mesmo tempo que fumar dentro do ambiente escolar era parte das *zoeiras* cotidianas<sup>45</sup>. Usar algum tipo de droga durante um turno de trabalho no tráfico era visto como prejudicial à atenção necessária para se desempenhar bem seu trabalho, ao mesmo tempo que passar horas acordado na madrugada “de cara limpa” era visto como altamente entediante<sup>46</sup>.

44 É importante ressaltar que a relação entre uso e comércio de drogas também cria impasses marcantes para a rede de socioeducação responsável pelo cuidado dos adolescentes que estão sob algum tipo de medida. Ver Malvasi (2012 p183)

45 Sobre a noção de *zoeira* e suas relações de gênero e de geração, ver (Pereira, 2010)

46 Malvasi (2012) encontra uma relação parecida entre uso e comércio de drogas a partir do contato com seus interlocutores. Cito aqui a passagem sobre Elias, um dos sujeitos de sua pesquisa: “Elias tem 16 anos e vendia “pacotinhos” na mesma biqueira de Jota. Considerado talentoso no tráfico, diz com certo orgulho que nunca matou. Destaca-se nas vendas e pelas horas de dedicação: ele entra à noite às 19h e sai às 7h, tendo folga (optativa) a cada três dias; geralmente prefere

O circuito de festas é tido como o mais lucrativo para quem vende cocaína e anfetaminas, seu uso por parte dos vendedores acarreta riscos sensíveis para as suas atividades comerciais e também para a saúde dos próprios vendedores. Foi durante uma festa na qual Júlio vendia e consumia pequenas porções de determinadas substâncias que ocorreu uma experiência marcante em sua vida:

*“Esse caso foi assim: eu tava numa festa na Fazendinha que eu não sei se você sabe... você sabe, né? A Fazendinha ali...a chácara que tem uns bailes? Eu tava lá vendendo né, o fluxo rolando... aí tomei uma bala (anfetamina), aí eu já tinha usado umas outras coisas... tipo, eu não bebo. Nunca gostei de beber, né... mas tinha usado umas outras coisas.*

*Mas aí quando eu tomei essa bala deu um tui na minha cabeça... parecia telefone ocupado, tá ligado? Caí no chão suando frio, tremendo. Achei que eu ia morrer! sem zoeira... eu achei mesmo que ia morrer! sabe aquela sensação de vazio? Já logo fica tudo em silêncio, pensei: “caralho, eu vou morrer!”*

*Aí tinha uns parceiros comigo que vieram e já tiraram os flagrante do meu bolso, me colocaram no carro e me levaram pro Pronto Socorro. Acho que se tivesse que esperar o SAMU chegar lá naquele fim de mundo, no mato, eu tinha morrido hein, Professor... se não fosse o carro...” [Diário de Campo, Junho de 2015]*

Após a overdose Kátia, mãe de Júlio, decidiu colocar o garoto em uma comunidade terapêutica localizada nos limites da cidade de Pinheiros. A clínica é especializada no atendimento de jovens com dependência química e financiada pela congregação evangélica “Peniel” focalizada no trabalho de dependência juvenil. A decisão contou com a concordância de Júlio. Ele me disse que naquela época

trabalhar. Diz que não se envolve em “parada errada”, intriga e disputas pequenas com outros vendedores; um trabalhador disputado que, durante os meses de campo, foi chamado para trabalhar em diferentes biqueiras. Afirma que para crescer no crime não pode usar muita droga; deve-se, principalmente, evitar o uso de cocaína quando se trabalha no tráfico noturno; fumar crack nem pensar; usar maconha, para ele, é “normal”.(MALVASI, 2012 p96)

passar um tempo em uma comunidade terapêutica seria uma boa oportunidade para descansar e levar uma vida mais tranquila.

Porém a realidade que Júlio encontrou na comunidade era bem diferente de suas expectativas. Atualmente o garoto lembra desta época com uma mistura de tristeza, raiva e arrependimento, uma vez que os acontecimentos foram muito marcados por episódios de violência. A rotina na comunidade em que ele esteve internado foi nesta mesma época retratada em um texto que Júlio escreveu para uma exposição organizada pelo programa de medidas socioeducativas, tendo como tema as vidas dos adolescentes atendidos.

O texto descrevia um cotidiano de privações de sono, afogamentos e a utilização de diversas substâncias para deixá-lo dopado. Quando perguntei a Júlio sobre o aspecto religioso da comunidade ele me disse que havia sessões diárias para orações conjuntas e todos os funcionários eram evangélicos. O garoto me disse que achava tudo aquilo uma “grande patifaria” pois não fazia sentido “pregar a palavra de Deus e depois encher os outros de remédio”. Júlio se considera evangélico e frequenta de maneira episódica uma congregação da igreja batista perto da casa em que mora atualmente.

Além da violência das técnicas empregadas na internação, a ida à clínica também prejudicou a sua relação com os contatos de compra e venda de drogas ilícitas, atividade da qual advinha a sua renda. Segundo Júlio ser internado demonstra a incapacidade de lidar com as substâncias de maneira responsável o suficiente para dar prosseguimento aos negócios:

*"A fita é que, quando você é internado, que nem eu fui, a rapaziada da função começa a duvidar do seu proceder, entende? Porque "zé povinho" é foda! Diz que você tá batendo a nave... tá perdendo o controle..."*

*E não era o meu caso, eu só tive um imprevisto, um azar... caí duro lá... fiquei assustado, minha família quis me internar e eu aceitei, pra agradar*

*minha mãe e porque eu tava assustado também... pensei que ia ser um descanso, mas foi um inferno!* [Diário de Campo Junho de 2015].

A saída da comunidade terapêutica aparece como outro marco na história de Júlio, pois segundo ele a estadia no lugar havia o deixado com “muito ódio e vontade de nunca mais passar naquele lugar”. Para conseguir um novo acordo de trabalho em outra *biqueira* teve que mudar de *quebrada* e ir a um bairro diferente do local onde sua família morava.

Outro movimento que marcou a volta de Júlio para as posições de comércio foi a decisão de parar de usar cocaína e anfetamina ficando apenas com a maconha. A diferença de usos das drogas foi determinante para seu *progresso*:

*“É que eu comecei a vender muito mais, e sei lá... acho que ter parado de cheirar e tomar as balas deve ter ajudado, porque era mais caro e eu ficava muito louco, pagava bebida pro outros... torrava o dinheiro sem nem ver!*

*Aí nessa época eu tava mais tranquilo e vendia muito, tipo... tirava 600 conto por noite, livres... duas ou três noites por semana. Foi uns três ou quatro meses assim. Aí você sabe né Professor... moleque com dinheiro é uma merda! [risos].*

*Eu sempre quis ter uma corrente de prata, aí comprei... aí comprei umas roupa de moda... andava bonito, hein, ostentando mesmo! Comprei uma moto pra mim, que tava encostada na casa de um parceirinho meu. Aí só eu, bonitão, 15 anos, de moto... todo bonitão, só no progresso!”* [Diário de Campo, Agosto de 2015]

O *progresso* era um termo recorrente do vocabulário de Júlio, ele me contou que na época em que andava “bonitão” foi também o momento em que ele se envolveu em *fitas* mais pesadas, com uma galera “mais neurótica”, usando suas palavras, como o transporte de cargas maiores de drogas e a manutenção de um contato mais intenso com o laboratório de preparo das substâncias. Como me disse Júlio, seu sucesso chamava a atenção do *Partido*:

*“Porque, assim... quando você começa a vender muito e se destacar... que você tá conseguindo seu progresso, a rapaziada do Partido chega em você já falando: “aí, o menor tá no progresso... tá faturando!”, e começa a dar ideia de correr com os caras, né... e me deram essa ideia de ser gerente, de ficar ali cuidando de outros vapor que também vendia em festa. Eu aceitei, porque ia ganhar mais e tal... aí eu virei gerente de biqueira de bala, lança perfume e pó” [Diário de Campo, Agosto de 2015]*

Júlio considerava-se assim alguém exitoso em sua busca por *progresso* —a noção aparece também, diversas vezes, no discurso de outros garotos com quem tive interlocuções— seu agenciamento era sempre relacionado à duas outras noções aqui trabalhadas: o *proceder* e a *caminhada*. Em artigo recente mais voltado ao aspecto metodológico do empreendimento de pesquisa entre *ladrões*, Marques (2016) cita como a noção de *progresso* apesar de muito presente no dia a dia daqueles que se relacionam como *Comando*, aparece pouco nas pesquisas sobre o tema:

*A noção de “progresso” é uma das mais importantes para os relacionados (cf. nota de rodapé 9) ao PCC, talvez em proporção inversa à negligência que nós, pesquisadores do tema, temos dedicado a ela. Seja mobilizada para indicar os sucessos da coletividade ou de seus relacionados em suas “caminhadas” particulares, ou ainda, com bastante frequência, como voto comemorativo à “liberdade” que, segundo se diz, “mais dia, menos dia, vai cantar”, essa é a noção nativa que menos se presta ao problema epistemológico o que é o PCC? Encaminhado por nós, especialistas, justamente porque diz respeito menos a contornos morfológicos do que à estimativa de potência. Tampouco se reduz à razão instrumental dos planos (metas, objetivos), embora, de maneira nenhuma, se pode negar que seus conteúdos estejam presentes nos empregos de “progresso”. Positivamente definido, “progresso” é a noção elegida pelos relacionados ao PCC para indicar o aumento ou favorecimento de suas próprias potências de agir, de suas forças de existir. (MARQUES 2016 p360)*



A relação entre *progresso* e *proceder* sempre apareceu de maneira ambígua em minha experiência de campo, posto que as oportunidades de faturamento e a tentativa de se apresentar como alguém moralmente irrepreensível tendiam para direções diversas ora convergentes, ora divergentes. Em determinados momentos uma ação era a justificativa para a outra: conseguir a prosperidade individual era a prova de sua firmeza moral e vice-versa. Em outros momentos um aparecia como impeditivo de outro, construindo a imagem de alguém com muita prosperidade, mas que não seguia conforme o *proceder*, ou alguém que era respeitado enquanto seguidor do *proceder*, mas que não conseguia o sucesso material.

O *proceder* também assume outro papel preponderante neste processo: ele atua como agente moralizador das atividades comerciais provenientes das redes de ilegalismos de uma determinada *quebrada*. Os sujeitos que produzem parte de seus faturamentos a partir de atividades criminais, aqueles que, portanto, buscam o seu *progresso* em uma *quebrada* em *sintonia* com o *Comando* estão sujeitos às avaliações de seu *proceder* tanto em relação à dignidade de sua atividade, quanto à influência que estas atividades trazem para a vizinhança da *quebrada*.

Em meu período de campo, a noção de “dignidade” nos diversos empreendimentos ilegais era empregada a partir de uma série de distinções sobre o que seria digno e o que não seria, na mesma atividade. Por exemplo: o assalto a um sujeito de classe média era digno, o assalto a uma dona de casa da *quebrada* era indigno; a venda de drogas para um sujeito adulto era digno, a venda ou fornecimento de drogas para crianças era indigno<sup>47</sup>.

47 Lyra encontra noções parecidas em sua pesquisa com jovens traficantes da cidade do Rio de Janeiro (2012) o autor investiga a partir destas noções os conceitos de virtude e fortuna das relações entre os meninos do tráfico, os moradores das favelas, as forças policiais e as facções rivais. (2012 p40-64). Em um dos trechos mais perspicazes de sua análise, demonstra como os traficantes avaliavam o ônibus como lugar interdito para roubos, por ser lugar de trabalhadores e sofredores. A justiça de sua atividade, segundo os critérios internos, devia ser resguardada.

As avaliações sobre a moralidade das atividades comerciais do *crime* estavam sempre em relação com sua capacidade de faturamento e as circunstâncias as quais elas eram produzidas, perguntei a Júlio se durante sua época, ele era responsável só pelas vendas ou também era responsável “pela área”, mediando eventuais conflitos que pudessem aparecer:

*“Então, era mais ou menos assim: briga de marido e mulher a gente não se intrometia, entende? Agora... se viessem chamar a gente pra resolver algo até rolava, mas não era tanto.*

*A parte mesmo que contava era só vender no corre... os vapor também não ligava muito pra isso de ficar de conselheiro da quebrada não, ia lá fazia seu corre e já era!*

— *Mas rolava de alguém vir trazer uma fita pra você desenrolar?*

— *Que eu me lembre de cabeça assim... agora... não.*

— *E ninguém te cobrava esse proceder?*

— *Que nada Professor! Proceder é você fazer o seu, entende? E não ramelar com ninguém, ser humilde e tal... ir na sua...fazer o seu, pelo seu progresso, não tem essa de ficar resolvendo a vida dos outros não!”* [Diário de Campo, Agosto de 2015]

Júlio passou então a ser responsável por uma venda maior no *tráfico*, o aumento do faturamento, e as responsabilidades individuais, aparentemente, não acarretaram em muitas responsabilidades absolutas na mediação de conflitos na *quebrada* em que se localizava sua *biqueira*. Neste caso, a busca pelo progresso e a disposição de demonstrar o *proceder* se relacionavam às condutas individuais do garoto. Esse aparente individualismo não demorou a mudar, conduto, não representou uma integração de Júlio na vida comunitária daquele território, e sim, na sua entrada em um projeto familiar.

Em um dos bailes que frequentava para operar seu comércio, Júlio acabou por conhecer, e começar a namorar Estela, com quem mantém relacionamento até hoje; não demorou muito para chegar a notícia de que sua primeira filha nasceria, Anita

seria seu nome. Neste ponto da trajetória de Júlio, é importante ressaltar alguns fatores que marcantes de sua história para entendermos seus rumos futuros.

Júlio estava com 16 para 17 anos, a aproximação da maioridade era sempre um assunto que lhe trazia ansiedade. Ele sabia que, caso fosse pego por tráfico, após os 18 anos, ele iria para uma “cadeia de verdade”, o que significaria a supressão da liberdade nos anos iniciais da vida de sua filha. Além do medo de perder a infância de sua menina, Júlio sabia que as oportunidades no *tráfico* para os maiores de 18 anos são mais escassas e dependeriam de um relacionamento mais próximo com o *Comando*, pois, como era recorrente nas conversas entre os garotos do São Judas: “traficante velho ou é patrão ou tá preso!”

Segundo o garoto, a passagem para uma vida mais tranquila foi confusa, no início daquele ano ele havia sido pego furtando uma bicicleta. O furto, como ele me disse, “foi uma besteira”. Júlio passou na frente de uma casa com o portão aberto e viu uma bicicleta encostada no quintal. Ele a pegou enquanto uma viatura da guarda civil municipal estava passando. Júlio foi detido e por muito pouco não foi internado na Fundação Casa devido à reincidência. Foi fundamental neste momento a comprovação de que ele estava cumprindo a medida de LA com assiduidade, mediante a confirmação de sua orientadora.

Outro fator preponderante na vida de Júlio era o de que a experiência de internação na comunidade terapêutica havia sido muito marcante, a preocupação em nunca mais voltar a um lugar como aquele começara a nortear suas decisões. É neste momento que Júlio passa a se preocupar em obter vias de sustentar a sua família sem correr a quantidade de riscos que corria, quando vivia na *vida loka*:

“— Então, você não tem filho nem filha, né?”

*Pô... é mó diferente... porque antes eu ficava pensando: dinheiro a gente pega e gasta! E agora não, eu to guardando, comprando as coisas*

*pra minha família, entende? Porque agora é minha família, não vou deixar elas na mão, tenho que ser pai... ter o proceder certinho, pagar tudo que elas precisarem. O meu progresso é o progresso deles também!” [Diário de Campo, Agosto de 2015]*

Após o nascimento da filha, que está prestes a completar um ano, Júlio disse que se tornou um cara “tranquilão”. Só fuma maconha e vende as drogas apenas em lugares seguros, onde o patrulhamento é menor.

Júlio me disse que estava cansado da vida no *tráfico*, que não queria mais ficar em esquinas ou cantos de festas agitadas até altas horas da madrugada, não gostava mais de usar nenhuma droga que considerava “pesada” e bebia apenas uma vez por semana “pra descontrair no role”. O nascimento de sua filha era sempre ressaltado quando voltávamos o papo a vida no crime. Júlio me dizia que queria vê-la crescer, não queria que Anita tivesse uma criação sem pai como a dele. Seus relatos me lembravam a música “Fórmula Mágica da Paz”, epígrafe desta sessão do texto, em que dado momento Mano Brown canta “malandragem de verdade é viver!”

Para cuidar melhor de Anita, Júlio mudou-se para os fundos da casa da tia de Estela, sua companheira e mãe de sua filha. A casa ficava em uma rua pouco movimentada, ao lado de um terreno vazio, onde a carcaça de um fusca servia de brinquedo para as crianças da rua. Após a mudança Júlio começou a fazer bicos entregando panfletos de jornais. Ele me descreveu a atividade:

*“Era puxado hein, Professor? Porra, andar 4, 5 horas num sol fodido com uma garrafinha d’água, tacando jornalzinho na casa dos outros, pra ganhar 30, 40 conto... isso não vale nada! E nem sempre tem trabalho também, tinha só uma ou duas vezes por semana... era um conhecido do meu tio que chamava” [Diário de Campo, Novembro de 2015]*

Julio eventualmente também trabalha de servente de pedreiro e também havia acabado de se inscrever em um programa educacional que tinha como intenção ajudar jovens em “situação de risco” a ingressar no mercado de trabalho. O programa aliava séries supletivas e cursos de iniciação em áreas técnicas como: marcenaria, soldagem, construção civil, etc.

Perguntei a ele como foi sair da posição de gerente de um *biqueira*, para trabalhar como servente de pedreiro e entregador de jornais:

*“Foi pesado... porque tava todo mundo tentando me convencer a ficar, né? Falavam assim: “não mano, aqui você não vai ser pego, não... aqui é progresso! Pensa no dinheiro que você vai ganhar aqui?”.*

*E eu firme na ideia de sair dessa vida, né. Porque eu já vi vários sendo preso... e eu já tava com uma LA, se eu fosse pego reincidindo no tráfico, eu ia pra Fundação, né? Aí fui embora... falei lá com patrão: “Ó, to saindo fora... o fulaninho aqui vai assumir a responsa e eu to saindo fora, beleza?”*

— *E o patrão, aceitou numa boa?*

— *Aceitou! Ele falou que o proceder era cuidar da minha família mesmo, e disse que se precisasse de alguma coisa era só voltar pra lá que ele desenrolava.”* [Diário de Campo Novembro de 2015]

A ideia de Júlio era trabalhar em apenas um lugar e arrumar tempo para estudar. Enquanto isso não acontecia, ele complementava a renda fazendo um pequeno ponto de venda de drogas dentro de sua casa. Eu o questionei, pois, nas últimas vezes que nos encontramos, ele falou que estava tentando achar um lugar mais tranquilo pra vender. Perguntei sobre a exposição de sua família ao vender na sua própria casa:

*“Ah ,Professor, depende né... não é tão perigoso quanto vender na rua... que você tá ali na esquina, aí passa uma viatura do tático... cê tá fodido!*

*Agora tem um monte dessas Hilux nova na cidade... toda hora, cê tá de boa ali na esquina, passa os coisa (polícia) já dando mó apavoro! Teve um parceiro que quase morreu numa dessas.*

*Aí eu prefiro vender em casa, mesmo... até porque a maioria já fala pelo zap que vai lá, num tem perigo.”[Diário de Campo, Novembro de 2015]*

Perguntei a Júlio sobre como acontecia o negócio na sua casa, como ele fazia para que tudo corresse bem, ele começou a descrição:

*“Então, tem a molecadinha que fica na rua, ali brincando na esquina, na carcaça do fusca do lado de casa. Essa molecada ai fica no olheiro, né.*

*Sempre tem uns dois ou três que eu pago trinta conto pra eles ficarem ali, vendo quem chega. Aí eles vão lá perto do portão e assoviam...como a casa é no fundo, eu nunca fico despreparado. Sempre espero quem tá chegando.” [Diário de Campo, Novembro de 2015]*

Pergunto então sobre qual relação ele mantém atualmente com o pessoal mais envolvido ao PCC, ele me responde:

*“Quase nenhuma, na real.*

*A carga [de drogas] chega por um maninho que não é envolvido, ele pega de um cara que é do Comando, que eu conheci na minha época na função. Os vapor e os olheiros que trabalham comigo também são tudo conhecido meu... não tem muito envolvimento, não.*

*É bem tranquilo, só faço a minha... claro que tem uns colegas que tão por aí e fazem parte, né. Mas no meu caso, eu to tranquilo!” (Diário de Campo, Novembro de 2015)*

A casa onde está com Anita e Estela, conta Júlio, tem: um quarto, sala, cozinha e uma pequena área de serviço coberta com telhas Brasilit. O vão entre as telhas é o local pra esconder a carga: pacotinhos de maconha de 10 reais, pinos de 10 e de 15 e pedras de 5. A transação é sempre feita na área de serviço, Júlio é contra

deixar os consumidores entrarem em sua casa, mas também não gosta de sair do portão para fora.

Pergunto para ele como funcionava essa coisa das pessoas comprarem pelo Whatsapp:

*"Ah, Professor, aqui a galera usa muito, né. O zap e tal... é assim, as vezes tem um parcerinho que quer ir lá comprar... a gente tem que ficar de olho, né? Pega mal ir muito nóia na tua casa... incomodar a família.*

*Ai pelo zap é melhor... geralmente é uns mano menos chave (menos suspeitos), que dá menos na cara: estudante... pai de família... todo mundo compra, cê sabe. (risos)*

*Ai o maninho conhece alguém que já comprou de mim e pede meu zap... ele fala comigo, tipo: "pô, quero 50 do verde"(maconha). Ai eu já separo... a gente já combina um horário... é bom porque geralmente esses caras compram a mais. O cara não vai na tua casa compra uma paranguinha de cinco, geralmente quem compra de mim pelo zap é de 50 conto pra cima" [Diário de Campo, Novembro de 2015]*

Na última vez que me encontrei com Júlio, ele estava pintando um quadro no ateliê do núcleo São Judas. O garoto me disse que trocara quase todas as atividades em grupo por atividades individuais, pois queria ficar mais tranquilo, agora que a sua medida estava acabando. Naquela semana um fato agitava a cidade: um estudante universitário fora preso em sua residência, o crime: tráfico de drogas.

Cumprimentei Júlio e ele logo me indagou: "E aí, Professor, e aquele maluco da faculdade que foi preso? É parceiro seu?" Disse que o conhecia de vista, e só. Falei, em seguida, pra ele ficar esperto, porque o estudante em questão foi pego vendendo em casa; como ele mesmo estava fazendo. Ele externou sua preocupação, mas disse que estava tudo mais calmo. Agora, na sua casa, só vai cliente "marcado". Minha cara de incompreensão antecipou a minha pergunta usual para que ele explicasse do que estava falando:

*"Marcado no zap, Professor. O maninho fala que vai lá comprar, eu já sei que tal hora o cara vai, ou ele pede pra eu levar. Ai eu peço pra algum*

*parcerinho fazer esse corre pra mim, sempre tem uns vapor... sem contar que a casa é sussa, não tem quem diga que tá tendo corre ali. É diferente desse malucão ai que caiu (o estudante)... o moleque devia ser muito chaveado (muito exposto, suspeito), sabe como é... as vezes a casa tem muito movimento e fica os parcerinho fumando droga na frente... aí complica, né? Aí os coisa (polícia) passa e ganha a situação.*

*Agora, lá em casa é só pelo zap, se o cara for dar uma incerta, nem entra em casa... só fala com um dos vapor, que fica ali de bicicletinha nas esquinas. ” [Diário de Campo, Dezembro de 2015]*

Pergunto pra ele se utilizar o whatsapp melhorou o número de vendas ou só deu mais segurança, como ele já havia citado. Ele me disse que o perfil de quem compra fica diferente, e, conseqüentemente, a compra:

*“Então, pelo zap vem muito estudante e uma galera mais velha... uns tiozinho com cara de pai de família também, tá ligado? E eles compra bastante, tipo 50, 100 conto cada vez que vai lá. Ai vale mais a pena porque por semana da pra tirar uns 700, 800 (reais)... é menos do que vendendo em festa, mas é mais suave.*

*Aqui no meu zap, eu tenho pra mais de 20 que só me adicionou por causa do corre. Isso, e o dinheiro do trampo de servente, já da pra pagar as conta. Tô suave... tô até conseguindo estudar!” [Diário de Campo, Dezembro de 2015]*

A transição de Júlio entre ser parte de uma biqueira envolvida com o Comando, e se tornar um vendedor autônomo, em turnos reduzidos e com clientela seletiva; passa pela análise, por parte do sujeito, de duas relações morais fundamentais para se entender a experiência daqueles que vivem este tipo de cotidiano:

A primeira versa sobre uma noção de dignidade moral no tráfico, que passa não só pelo modo como ele é operado: em festas ou no fundo de uma casa; na vida loka ou de um jeito tranquilão; mas também pelos fins aos quais tais atividades se submetem. Se em dado momento o progresso era voltado à ostentação e o prestígio da vida no crime; o advento da construção de uma família transforma seu progresso em fonte sustentadora daqueles que são vistos como seus dependentes.



Outra análise importante se dá pela relação moral que o sujeito trava com o risco, enquanto componente de seu cotidiano. Se na vida loka viver próximo a diversas fontes de riscos: a polícia, o uso intensivo de drogas, as tretas; é parte constitutiva produção de uma imagem de resistência e coragem; a transição para uma vida familiar faz do risco um objeto de constante evitação. É interessante notar que, em todas as fases de sua transição, Júlio não se julga ausente em relação ao proceder. Tal julgamento só aparece quando, olhando em retrospectiva, ele analisa sua fase vida loka com base na sua experiência atual de sujeito tranqüilão, o que nos leva a perceber a plasticidade e potencial de atualização e ressignificações do proceder.

No caso de Júlio suas ressignificações do proceder sempre apontaram para a busca do progresso, signo que representaria sua capacidade de ser materialmente auto suficiente enquanto sujeito. Porém, apesar de mudanças sensíveis no modo como Júlio aborda o comércio ilegal de drogas ilícitas, os câmbios nas concepções morais não o fazem sair deste mercado. Júlio continua no tráfico, mas de maneira a produzir menos riscos para si ao ocupar uma posição em um circuito com menor possibilidade de repressão ostensiva. É como se, mudando de posição no tráfico, deixasse a zona de risco de prisão e necessidade de comprometimento da vida pessoal no negócio. Se os adolescentes devem ser “vida loka” para assegurarem seu lugar no mercado, Júlio já não queria mais essa vida.

Se nas relações comerciais, a noção de proceder age de maneira significativa ao atribuir diferentes graus de dignidade às suas formas de operação, técnicas de comércio e circuitos comerciais aos quais o sujeito se estabelece. Podemos ver também que sua plasticidade permite tais derivas dentro de determinados

parâmetros compartilhados pelos seus colegas sobre o que seria considerado “correr pelo certo”.

Vimos que, quando Júlio volta da comunidade terapêutica, é necessário que ele vá para outra quebrada para que possa ser reinserido em uma posição do tráfico. Por outro lado, quando o garoto sai de uma biqueira para cuidar de sua filha, a decisão é recebida com naturalidade e as “portas permaneceram abertas” para que ele possa conseguir as cargas de drogas, que vende em seu comércio mais tranquilão.

Percebemos assim, através de Júlio, que a plasticidade do proceder permite variações múltiplas quando se trata de uma avaliação do sujeito em relação a própria conduta, mas que os critérios se tornam mais rígidos quando tal avaliação é tomada por membros externos. É neste momento de possível entrada ou saída de um sujeito em uma das redes que as avaliações morais se somam aos cálculos de riscos potenciais e norteiam tais decisões.

Voltemos agora nossas atenções para as relações em que o uso da força letal se torna parte de um conflito e quais são os efeitos da presença ou ausência do proceder enquanto técnica política de evitação de homicídios. É sobre estas relações que trataremos na sessão posterior deste texto.

### **3.2 “Quebrada largada” considerações sobre três mortes por causa de um som de carro e *proceder* como técnica de evitação da força letal.**

*“Hoje deus anda de blindado, cercado e protegido por dez anjos armados” (“Pomba Branca” Facção Central, 2003)*

Fernanda tem 43 anos e trabalha como educadora no núcleo São Judas desde 2009. Nascida e criada na cidade de Pinheiros, ela é responsável pelas atividades de educação física do núcleo que alternam oficinas de futebol e sessões de musculação para os adolescentes em cumprimento de medida. A primeira vez que a vi ela estava tomando café na secretaria do núcleo. Fernanda conversava com outras duas mulheres mais velhas, na casa dos 60 anos, sobre algum assunto complicado. Falavam baixo e minha presença era nitidamente constrangedora. Saí rapidamente do local. Minutos depois Fernanda veio falar comigo, se desculpou pelo constrangimento dizendo que estava conversando com duas mães de adolescentes envolvidos em um caso de tentativa de homicídio.

Fernanda tem pouco mais 1,70 e está sempre com alguma camiseta de evento esportivo, calça legging e tênis de corrida, tem a pele castanha escura e cabelos de cor semelhante. Seu sotaque é arrastado e puxa muito os r's. Fernanda é o tipo de pessoa que "fala umas verdades" e sempre estabelece diálogos muito francos com os adolescentes. Mãe de dois filhos, uma menina e um menino, de 13 e 16 anos, respectivamente; ela me disse, mais de uma vez que trata os adolescentes com a rigidez e carinho que trata seus filhos.

Durante o tempo em que participei das oficinas de futebol (majoritariamente entre o fim de 2015 e o meio de 2016), pude me aproximar bastante de Fernanda, ao passo que ajudava nas atividades das oficinas: distribuía e recolhia materiais, completava os times, arbitrava algumas partidas e, entre um momento e outro, puxava assunto, foi assim que nossas conversas começaram.

Todas as atividades do núcleo são sucedidas por um lanche coletivo, em que os adolescentes e os educadores participantes das atividades se reúnem em uma mesa redonda com pães, frios e suco. O momento do lanche sempre me serviu

como um termômetro do estado das relações no São Judas. Às vezes ele era marcado por muitas brincadeiras, um clima leve e de descontração, às vezes por um silêncio entediante e, outras vezes, servia como local de discussão de algum assunto polêmico que acontecera na cidade e que ganhara repercussão midiática. Era em volta daquela mesa redonda que o cotidiano em comum, entre adolescentes e educadores, se cruzava a partir de fitas ocorridas nos dias anteriores.

Em uma tarde ensolarada de abril fui ao São Judas auxiliar em mais uma oficina de futebol; haviam apenas oito garotos na quadra, faltavam dois para completar o time. Cinco minutos depois, Douglas chegou acompanhado de um homem mais velho, que aparentava ter uns 28 anos. O clima na quadra era estranho, bem mais silencioso do que os dias normais de futebol.

Douglas tem 16 anos, quase um 1,90 de altura e muito magro, tem a pele preta e está sempre com uma camiseta número 11 do Barcelona, estampada com o seu próprio nome no lugar do nome de Neymar. O garoto tem uma mistura interessante de timidez e agressividade, fala pouco, mas reage de maneira enérgica quando é contrariado. Uma das suas grandes paixões é a capoeira, Douglas treina frequentemente e está no cordão verde-amarelo escuro, segundo cordão de graduação em Capoeira Angola.

Os assuntos familiares incomodam Douglas, ele aparenta sentir muita raiva de seu pai, que abandonou sua mãe e seus outros dois irmãos, mas não saiu em definitivo de suas vidas, voltando para casa de maneira episódica, sempre “muito louco de cachaça ou de pedra [de crack]”, como ele contou durante uma das oficinas. O futebol era um dos momentos em que Douglas se soltava, era um bom atacante, fazia muitos gols e tinha uma disposição física superior à dos outros garotos. Ele gostava de se gabar dessa superioridade, usava-a em suas zoeiras e

piadas como: “fica cheirando lança [lança-perfume] a noite inteira e depois fica se arrastando aí né, vacilão!”.

Douglas entrou para um time, eu fui para o outro, jogamos normalmente. O homem que o acompanhava ficou sentado num canto externo da quadra, conversando com Fernanda. Depois andou um pouco, foi em direção à secretaria do São Judas e voltou. Acompanhou o jogo inteiro.

Nos primeiros momentos parecia estar muito preocupado com alguma coisa, depois se soltou um pouco e começou a fazer piadas sobre o jogo; de alguma maneira o humor dele parecia ser o humor do próprio jogo, e com o desenrolar do tempo a atividade voltou ao seu clima normal: zoeiras constantes a cada lance.

A partida se encerrou, eu comecei a recolher os materiais para seguirmos para o lanche. O homem mais velho se aproximou de mim e se apresentou como primo de Douglas, seu nome era Denis. Conversamos por alguns momentos, ele me disse que estava com vontade de jogar, mas que estava velho demais; eu respondi que era só pegar um colete e ir para quadra. Nos distanciamos.

Percebi que Douglas se reuniu mais uma vez com Denis, eles conversaram rapidamente com Fernanda e depois saíram em direção à secretaria do núcleo. Os garotos partiram para o lanche, eu fui até o depósito colocar os materiais, depois me encaminhei a secretaria. Josi, que lá trabalha, me disse que Douglas e Denis não participariam do lanche pois haviam partido assim que a atividade do futebol acabou, indo até ela apenas para assinar a carteira de presença.

Enquanto me encaminho para o local do lanche (uma área externa atrás da secretaria), vejo na tela do computador de Josi uma notícia do site Pinheiros News

(um site de notícias que considero bastante sensacionalista), a matéria versava sobre uma briga no bairro do Guardado, que terminara no homicídio de duas pessoas. Me sentei junto a José, Danilo e Júlio (três adolescentes que participaram do futebol), peguei um pedaço de pão e um pouco d'água. Quando cheguei na mesa, todos já estavam comentando sobre a fita que ocorrera no último sábado.

Segundo o comentário dos garotos, no último sábado, durante uma festa na casa de uma família, um dos vizinhos reclamou muito do volume do som e foi até os responsáveis pela festa. Acontece que tais responsáveis faziam parte de uma rede de pessoas relacionadas ao Comando na região do bairro do Guardado, um bairro periférico construído pelo programa Minha Casa Minha Vida. As discussões subiram de nível, o primeiro vizinho que foi tirar satisfação era um “tiozinho pai de família”, segundo os garotos. Mas seu filho, conhecido como “Dezinho”, também era envolvido e logo saiu de casa para se inteirar sobre o que estava acontecendo.

Dois dos participantes da festa eram Douglas, que participara da oficina de futebol anteriormente e Denis, seu primo mais velho, que o acompanhara durante a atividade. Segundo os garotos, Douglas sempre teve um temperamento intempestivo e tomou a frente da situação, discutindo diretamente com Dezinho. O confronto entre Douglas e Dezinho exaltou os ânimos, pois corria o boato de que Douglas andava roubando sons de carro, e o pai de Dezinho havia sido vítima do furto de seu aparelho a algum tempo atrás.

Dezinho acusou Douglas de ter roubado seu pai. O som da festa emanava de dentro de um carro e em dado momento da discussão Dezinho tentou adentrar o veículo para desligá-lo, acusando Douglas de que aquele som era o som roubado de seu pai. Douglas então empurrou Dezinho, que revidou com um soco. Depois do primeiro soco, disparos foram ouvidos, Dezinho e seu pai caíram no chão.

O assunto era tratado com grande naturalidade entre os garotos, com risadas e piadas sobre o como o tiozinho “caiu duro” no chão, e sobre como o autor dos disparos foi rapidamente identificado, pois ficou com a arma na mão, paralisado. O atirador chamava-se Allan e, segundo os garotos, era só um “vacilão com uma arma na mão”, que pouco tinha com o que estava ocorrendo.

Fernanda parecia muito irritada com a naturalidade com a qual o assunto era tratado. Ela ficou em silêncio durante toda a conversa, até que em dado momento, um dos garotos disse que Dezinho e seu pai “mereceram” o que aconteceu, pois não se deve mexer com o assunto dos outros. Fernanda bateu na mesa e falou, em tom muito duro:

*"Não tem essa de merecer! Matar não é certo e pronto, não tem essa... tá tudo bagunçado! matar alguém por causa de um toca fita, um som de carro? Antes os ladrão tinha responsabilidade, era uns homem memo... sério! Agora é uma molecadinha que nem vocês, que não sabe de nada e quer pagar de machão.*

*Porra, matar dois por causa de som de carro? Que crime é esse?"*  
[Diário de Campo, Abril de 2016]

O assunto se encerrou com a fala de Fernanda, todos permaneceram em silêncio até o fim do lanche. Eu limpei a mesa do lanche e depois fui até a academia de musculação, onde Fernanda anotava algumas coisas em um papel. Nós começamos a conversar e ela parecia muito entristecida, me dizia que os problemas em volta do núcleo estavam piorando dia a dia:

*"Sabe Evandro, antes, os problemas aqui eram umas brigas, sei lá... fulaninho brigou com cicraninho por causa de mulher... a gente ia lá na casa da família do fulaninho e desenrolava as coisas, né? Agora tem muita gente se matando... esse caso aí. Um pai de família e um menino morto por causa de um som de carro... uma festa?"*

*E já é... sei lá, o quinto homicídio na cidade esse ano. E agora o Douglas tá envolvido nisso também, sei lá o que vai acontecer, né. Porque*

*agora é isso, quem morre também tem família, aí vai atrás de todo mundo, nem sei o que vai acontecer...” [Diário de campo abril de 2016]*

A impressão de que as coisas estavam piorando, de que os garotos estavam mais dispostos a utilizar da força para resolver os conflitos, além de estarem mais arredios às atividades propostas nas oficinas era acompanhada por uma queda sensível no orçamento do núcleo. Devido a troca de comando da prefeitura em 2012, os salários dos educadores atrasavam frequentemente e os materiais para a operação do núcleo andavam escassos, ou sendo substituídos por semelhantes, de pior qualidade. Essa soma de fatores tornava o clima das atividades do São Judas muito instável, o corpo de educadores se dispunha a tentar manter o bom humor e a leveza nas atividades, mas era possível perceber a agonia que enredava aquelas pessoas.

O caso dos dois homicídios colocou o pessoal do São Judas em clima de ainda mais apreensão. O fato de Douglas, um dos adolescentes atendidos, ter trazido seu primo até a oficina indicava que alguém poderia ir até o núcleo a procura do garoto. Fiquei sabendo, posteriormente, que Denis já foi atendido pelo núcleo quando era mais jovem, e que agora era um dos irmãos mais respeitados pela região do Guardado. Era ele quem estava tentando resolver a situação, de maneira a encerrar o ciclo de mortes, pois o boato entre os adolescentes e entre os educadores, era o de que a família de Dezinho estava “a caça” de alguém, e que, se não pudessem acessar Allan, o autor dos tiros, Douglas iria pagar pelo ocorrido com a sua própria vida.



Fui em busca da notícia sobre o acontecimento no Pinheiros News<sup>48</sup>, na matéria o jornalista dizia que a família de Allan, o atirador, o acompanhou, junto a um advogado em toda a operação de sua prisão. Três dias depois, quando voltei ao núcleo São Judas, para uma reunião com os educadores, Fernanda me disse que o irmão de Allan havia sido morto na noite anterior, como forma de retaliação pela morte de Dezinho e seu pai.

No mesmo dia, Solange, coordenadora do núcleo, me disse para tomar cuidado quando fosse embora, pois, dois homens desconhecidos apareceram na portaria perguntando por Douglas. Ela estava temendo pelo pior. Ao final do dia, Solange insistiu para me levar de carro até minha casa. Aceitei a carona, ela me contou no caminho que o bairro do Guardado estava em clima de tensão pelas três mortes ocorridas nos últimos 5 dias, e que a sensação era de que o bairro estava largado; nem a polícia, nem o crime, pareciam interessados em parar os tiroteios e mortes que estavam acontecendo.

Deixei o carro e fui em direção à minha casa, cheguei e abri o site do Pinheiros News, lá estava estampada a notícia da morte do irmão de Allan: “Jovem é morto em discussão de bar no Guardado”, uma nota simples dizia que uma confusão durante uma partida de sinuca acabara na execução de Josias Dias dos Santos, com três tiros. Os jornais da cidade evitam falar sobre os contextos das mortes que acontecem em Pinheiros, e a maioria dos homicídios são noticiados como efeito de algum tipo “confusão” ou “discussão”.

Na semana posterior fui mais uma vez ao São Judas para outra oficina de futebol. Douglas não apareceu. Resolvi permanecer, após a partida, por mais tempo

<sup>48</sup>Para manter o anonimato daqueles que participaram desta pesquisa a notícia não será reproduzida neste texto.

e conversar com as pessoas que estavam por ali. Conversei um pouco com Josi, na secretaria, ela me disse que Douglas havia viajado e que ficaria longe por uns tempos, disse que se sentia mais aliviada por isso ter acontecido.

O caso, aqui descrito, difere sensivelmente em relação aos dados produzidos em outras pesquisas, acerca da atuação do Primeiro Comando da Capital em contextos periféricos urbanos. A primeira diferença que emerge é a utilização da arma de fogo em uma festa, o desarmamento das quebradas (FELTRAN 2012) é uma das técnicas políticas mais destacadas do Comando e tem como objetivo, justamente, evitar que pequenos conflitos acabem resultando no risco de morte. Feltran argumenta como essa política interrompe, não apenas casos isolados, mas também ciclos de vinganças:

*“Após essa mudança nas políticas do crime, que reivindica valores de igualdade inscritos em tradição popular muito distinta da iluminista, aquele menino que antes devia matar um colega por uma dívida de R\$ 5, para ser respeitado entre seus pares, agora não pode mais matá-lo: deve recorrer ao PCC para reivindicar uma reparação do dano sofrido. O impacto dessa nova regulação da ética do crime, assegurada pela força armada do “Comando”, nas taxas de homicídios foi muito maior do que se imaginava; o irmão daquele menino morto pela dívida se sentiria na obrigação de vingá-lo, e assim sucessivamente, o que gerava uma cadeia de vinganças privadas altamente letal, muito comum ainda hoje em outras capitais brasileiras” (FELTRAN 2012 p242)*

Outra diferença marcante se dá pelas palavras empregadas ao se comentar o caso e a naturalidade com o qual comentários jocosos eram tecidos sobre as mortes, ocorridas a poucos dias. Marques (2016) destaca o papel do “cuidado com as palavras” como um dos exercícios políticos do Comando, junto àqueles que estão em sua sintonia. O cuidado com as palavras exerce um efeito de evitar provocações e se manter o respeito mútuo como sinal de igualdade entre aqueles que “correm pelo certo”, interrompendo assim um ciclo de criação de tretas. Marques argumenta:

*“O rareamento da possibilidade de levar uma “treta” [briga] às últimas consequências está intimamente relacionado à proliferação de novas alianças que recortam a cidade. As narrativas dos meus interlocutores apontam para a substituição de uma espécie de máquina (social) de produção de “tretas” por uma máquina de “fazer aliados”, ou de produção de “sintonia”, através da qual cada novo ponto tricotado de alianças marca um desbotamento das rixas que coloriam a cidade (“zona show” versus “lado leste” sendo apenas o paroxismo desses conflitos).” (Marques 2016 p194)*

Certamente, o fato de se fazer piadas sobre homicídios ocorridos dentro de uma quebrada, denota que tal cuidado não era de tamanha preocupação para aqueles garotos.

#### **- Plasticidade do *proceder* e *quebrada largada*. Relações potenciais.**

Podemos, a partir deste caminho, compreender um pouco mais sobre o que se trata a evocação do termo quebrada largada e qual sua relação com a plasticidade do proceder enquanto significação de moralidades. Apesar das disparidades dos dados em relação aos efeitos e considerações acerca dos homicídios ocorridos, quando comparamos a outras pesquisas sobre o tema, um aspecto se sobressai como convergência entre os dados desta pesquisa e os de outras, que é o aparente caráter geracional sobre quem considera tais acontecimentos como sintomas de uma quebrada sem ordem e quem os considera como algo natural.

Ao observarmos que Solange e Fernanda externam preocupação sobre o estado das coisas nas periferias de Pinheiros, enquanto os adolescentes comentam com piadas sobre a morte de três pessoas em uma das quebradas, faz-se possível vermos uma diferença geracional sobre dois aspectos complementares: o primeiro diz respeito a ter ou não vivido uma época em que tais acontecimentos eram menos

frequentes<sup>49</sup>, o segundo diz respeito o quanto tais acontecimentos apontam para uma piora em suas condições de vida, ou apenas são considerados “a vida como ela é”.

Podemos assim, através das experiências aqui descritas, pensar de forma mais complexa as avaliações morais que se fazem sobre o estado do ordenamento das quebradas nos dias atuais. Percebe-se o quanto a transição geracional e a plasticidade do proceder reinventam cotidianamente as moralidades daqueles que se relacionam com o Comando e, inevitavelmente, reinventam a forma como ele é representado na vida ordinária dos moradores das quebradas.

Se, a através da trajetória de Júlio, pudemos observar a capacidade de atualização e ressignificação proporcionada pela plasticidade do proceder, com o caso dos três homicídios, podemos perceber que esta mesma plasticidade permite que gerações diferentes tenham impressões quase que contrárias sobre o que seria “correr pelo certo”.

Podemos observar também um dos indícios sobre os parâmetros para maior ou menor eficácia do exercício político do Comando na construção de uma pacificação interna às quebradas, uma vez que se faz necessário articular entre gerações com experiências muito diferentes, avaliações morais coerentes para os conteúdos da “busca por respeito” como bem sintetiza Hirata (2010) acerca da construção de uma quebrada em sintonia com o proceder.

No caso de Pinheiros a regulação dos homicídios pelos agentes do PCC que parece performar um sistema de justiça autônomo se olharmos com base nos dados

49A cidade de Pinheiros, segue uma curva de número de homicídios semelhante a outras cidades do resto do estado quando consultamos os dados da Secretaria de Segurança Pública: com um número estável e menor que vinte por ano até 2011 e pulando para uma série estável de 25 a 27 homicídios por ano desde 2012.

aqui apresentados. As taxas de homicídio na cidade são superiores à média do estado de São Paulo, que por sua vez são superiores aos números encontrados nos distritos periféricos da cidade. Os tempos de quebrada largada parecem ser, para a nova geração do comércio varejista de drogas e seus vizinhos, tempos mais violentos do que os anos 2000.

— Conclusão: O *Comando* como experiência geracional, a experiência geracional do *Comando*.

*“Foda-se o que dizem, foda-se a televisão/ Meu lugar é do lado dos irmãos/ De correria ou não, você é preto também, ladrão!” ( “A Lei” RZO, 1999)*

*“É, sei que amanhã pode ser luto novamente/ E nem por isso vamos nos intimidar/ Nós já perdemos vários elos da corrente/ Mas renovamos a tropa, vários louco pra somar![...]*

*Me sinto mal com os lekes [moleques] pois sei que a causa é nobre/ Liberdade, igualdade e comodidade pros meus/ Um brinde aos hobin hoods, defensores dos pobres/ E mesmo no ilícito mantendo a fé em Deus” ( “Rajada” MC Neguinho do Kaxeta, 2016)*

No decorrer deste trabalho pudemos acompanhar trajetórias, cenas e casos daquilo que se costumou chamar de “histórias miúdas dos pequenos ilegalismos” de uma cidade do oeste paulista, aqui chamada de Pinheiros, como argumenta Telles & Hirata:

*São histórias que se fazem nas dobraduras do mundo social, nesses pontos de junção e conjugação da trama urbana nas fronteiras incertas entre o informal, o ilegal e o ilícito. Nelas pulsam as linhas de força que atravessam o cenário contemporâneo, e que parecem se entrelaçar e se compor nos diversos agenciamentos práticos da vida cotidiana: práticas e redes sociais mobilizadas nesse trânsito constante entre um lado e outro, acionando recursos, possibilidades e dispositivos de cada lado. É isso o que interessa colocar em foco. ( TELLES & HIRATA 2007)*

Ao focalizarmos em suas “miudezas” os jovens operadores do comércio varejista de drogas ilícitas em suas relações com o que concebem ser o Primeiro Comando da Capital pudemos apreendê-los enquanto agenciadores de redes localizadas de circulação de riquezas e valores. Pudemos também observar de

maneira mais cuidadosa como as transições de escala e geração dos negócios do *Comando* fazem destes sujeitos um ponto de entrecruzamento das linhas de força que produzem, cotidianamente, os múltiplos *Partidos* que se espalham pelas periferias paulistas e, atualmente, do país.

Do ponto de vista de uma certa estrutura de funcionamento e manutenção do mercado de drogas (e por consequência de funcionamento e manutenção do próprio PCC), as histórias aqui apresentadas tem miudeza constatável. Porém, quando as observamos a partir da perspectiva daqueles que as vivem, podemos apreender as práticas, recursos potenciais, estruturas de possibilidades e dispositivos que, apesar de específicos a cada experiência, transbordam o campo do individual pela comparatibilidade frente a outras experiências apreendidas pela literatura especializada.

É através desta perspectiva que argumentamos no capítulo I sobre as novas configurações de oportunidades e riscos do comércio de drogas varejista, dada a transição geracional em curso no plano local. Para tal, trouxemos a trajetória de vida de Eduardo, que se desloca entre posições hierárquicas, verificando as requisições cotidianas do crime e da rotina neste movimento. Conseguimos assim observar a ocupação de sujeitos cada vez mais jovens nos cargos de gerência das *biqueiras* e como *responsabilidade* e *atenção* formam um binômio fundamental para entendermos que técnicas serão requisitadas no dia a dia de um jovem participante do *tráfico*.

Ainda no capítulo I, trouxemos as histórias de Newton e Rafael para abordarmos a forma como o uso das novas mídias sociais digitais produzem outras possibilidades de controle da imagem dos sujeitos inscritos nos circuitos criminais subalternos. Pudemos assim captar como o registro e compartilhamento das

imagens de “potenciais suspeitos” por parte de forças policiais criam deslocamentos decisivos na vida daqueles que são registrados, uma vez que tal prática suspende por completo a presunção de inocência em relação ao sujeito, presunção essa que já era afetada por critérios raciais, sociais e econômicos. Da mesma forma fica evidente que também o “crime” passa a utilizar-se mais e mais das tecnologias de informação, reconfigurando também o conflito urbano no plano virtual.

No capítulo II, a trajetória de Júlio nos possibilitou perceber a plasticidade do conceito de *proceder* enquanto avaliação moral e produção da conduta do sujeito inscrito nos mercados ilegais. É justamente esta plasticidade que permite que o *proceder* assuma diversos conteúdos em diferentes fases da vida de um sujeito, com a ressalva de que estes conteúdos devem estar em sintonia com os parâmetros de avaliação das suas redes diretas de relação.

A dimensão da justificação, trabalhada por Boltanski&Thevenot (1991), demonstrou-se relevante para desessencializar o *proceder*, tornando-o situacional. O que também nos demonstra o potencial de discordância entre sujeitos acerca dos diferentes parâmetros sobre o que seria o *proceder*.

Neste mesmo capítulo pudemos acompanhar os comentários e considerações sobre o caso de um assassinato triplo ocorrido em um bairro periférico da cidade de Pinheiros, a partir de um conflito inicialmente compreendido como cotidiano. Conseguimos assim perceber como a noção de *quebrada largada* aparece como signo de uma certa ausência de ordenamento das *quebradas* que ocorrera com o tempo, a partir da saída dos irmãos do Primeiro Comando da Capital da regulação cotidiana dessas comunidades, mesmo em caso de homicídios. Pudemos também apreender como estas avaliações carregam consigo forte viés geracional e, igualmente, como a violência letal é afetada pela mudança significativa de



percepção dessa nova geração acerca do que é ter *proceder*, mesmo em caso de morte na *quebrada*.

É justamente pela plasticidade do *proceder* que as avaliações morais permitem este dissenso geracional sobre o que significa “correr pelo certo”. Nas descrições apresentadas nesta dissertação observamos, por exemplo, como sujeitos mais velhos diferiam de sujeitos mais jovens quanto à avaliação acerca de homicídios, tendo os últimos muito mais naturalidade com estas ocorrências do que os primeiros.

Após a apresentação das descrições e argumentos, nos parece possível afirmar que o Primeiro Comando da Capital passa por uma transição geracional no plano dos negócios varejistas da droga. Nesse espaço, talvez hoje menos relevante para as grandes escalas de alcance do coletivo, há uma ocupação gradativa por sujeitos cada vez mais jovens, mesmo em posições mais altas nas hierarquias localizadas do *tráfico* nas *quebradas*. Tal afirmação já se faz presente em outros trabalhos sobre crime e periferia urbanas (BATISTA 2015, MALLART 2011, SILVA 2014) e também nos comentários cotidianos dos moradores de *quebradas* que viveram a “época da paz” e que agora julgam viver em *quebradas largadas*.

Desta forma, ao reunirmos os argumentos aqui expostos, nos parece uma via produtiva de análise entender as relações de meus interlocutores com aquilo que concebem ser o Primeiro Comando da Capital como experiências diversas e socialmente localizadas, que têm como principal fator de diversificação o aspecto geracional. Por experiência utilizo aqui a definição cunhada por Edward Thompson em “A Miséria da Teoria” (1981) enquanto uma categoria que:

*“compreende a resposta emocional ou mental, seja de um indivíduo ou grupo social a muitos acontecimentos interrelacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de conhecimento” (THOMPSON 1981 p15)*

E por geração, utilizo aqui a formulação concebida por Abrams, que argumenta que:

*“geração é o lugar em que dois tempos diferentes, o do curso da vida e o da experiência histórica, são sincronizados. O tempo biográfico e o tempo histórico fundem-se e transformam-se criando, desse modo, uma geração social.” (ABRAMS 1982 p256)*

Ao nos voltarmos às descrições aqui apresentadas, podemos perceber duas experiências geracionais de relação com o Primeiro Comando da Capital que se estabelecem com base em diferentes noções sobre o que representa a presença do *Comando* em suas *quebradas*.

A primeira experiência, que pode ser localizada cronologicamente como uma “experiência adulta”, aponta para um grupo social “das antigas” nas *quebradas* que, tendo vivido a “época das guerras” e a construção do Primeiro Comando da Capital enquanto coletivo ordenador das periferias, carregam consigo o reconhecimento nostálgico da capacidade de pacificação impetrada pelo coletivo, diferenciando-o frente a outras formas de atuação de coletivos criminais.

Este reconhecimento toma como símbolo o termo “quebrada largada” para denotar como a presença atual das políticas do *Comando* não são tão eficientes quanto outrora. A evocação da imagem da maturidade e firmeza moral dos *ladrões* de outrora e a constatação de que nos dias de hoje o *Comando* relega as atividades cotidianas das *quebradas* a uma “molecada” compõe parte fundamental desta experiência.

A segunda experiência, que pode ser localizada cronologicamente como uma experiência de juventude, aponta para um grupo social de *molecada* das *quebradas*, que não viveram a “época das guerras” nem acompanharam a construção do *Comando* enquanto coletivo, naturalizando sua presença e muitas vezes fazendo dela uma espécie de sinônimo do conceito de “crime”.

Para estes últimos, o Primeiro Comando da Capital se apresenta como um provedor de oportunidades de *progresso* na forma de aquisição de bens materiais e de prestígio, além de aparecer como uma normativa moral de *proceder* individualizada, que aponta mais para a construção da própria conduta e de avaliação da conduta alheia, sobretudo no plano dos negócios e da prosperidade, do que para a regulação coletiva de condutas alheias, mesmo que impactem significativamente a comunidade.

Atualmente estas duas experiências geracionais: os que são *das antigas* e a *molecada*, travam cotidianamente relações no comércio varejista de drogas e com o que se concebe como Primeiro Comando da Capital na cidade de Pinheiros, em suas respectivas *quebradas*. Quando retomamos a minha experiência de ter sido um morador de periferia durante toda minha infância e adolescência, não consigo evitar de me colocar ao lado dos *moleques*.

Na data da entrega desta dissertação estarei prestes a fazer 25 anos de idade e para mim o PCC sempre existiu enquanto um signo comum da vida criminal do litoral paulista, onde nasci e me criei. Ele estava nas músicas de funk, no rap, nas pixações que fazíamos nas escolas, era notícia nos jornais, etc. De modo que não consigo captar, quando retomo minha experiência, se a *quebrada* onde eu morava era mais ou menos pacífico com a presença do *Comando*, fui saber disso apenas

quando entrei pra universidade e o cotidiano de *quebrada* já não me era tão constitutivo.

Essa impressão, obviamente, não pode ser descrita sem o devido cuidado alertado por Bourdieu (1986 62-72) quanto aos perigos de se fazer uma biografia. Com uma parte da família inscrita em igrejas evangélicas e outra ocupando postos da Polícia Militar de São Paulo minha relação com o *crime* naquela época era travada a partir de critérios muito diferentes dos atuais.

Penso que esse choque de vivências proporcionado pelo método etnográfico seja um dos aspectos que tornou possível olharmos com mais atenção para a experiência desta *molecada*. Nos foi viável assim perceber como ao longo destes 25 anos o Primeiro Comando da Capital se tornou um nexos comum a uma parcela significativa dos moradores de periferias urbanas e como este mesmo nexos é potencialmente diverso em suas inúmeras perspectivas.

Parte desta diversidade é composta pela relação entre aqueles que viram o *Comando* surgir em suas *quebradas* e esta *molecada*, que agora se apresenta cotidianamente como imagem imediata do *Comando* ao ocupar diversas posições no comércio varejista de drogas ilícitas e se tornarem protagonistas da cotidiana metonímia conceitual entre *tráfico*, *crime* e *violência urbana*.

## Referências Bibliográficas

ABRAMS, Philip. Historical sociology, Shepton Mallet: Open Books. 1982

BARBOSA, Antonio Rafael. Um Abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Niterói: EDUFF, 1998

BIONDI, Karina. Junto e misturado: uma etnografia do PCC. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010

BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. De la justification: les économies de la grandeur. Paris: Gallimard, 1991

DURKHEIM, Émile. Educação e sociologia. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1972.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Trabalhadores e bandidos: categorias de nomeação, significados políticos. Revista Temáticas, ano 30, v.15, p.11-50, 2007.  
\_\_\_\_\_. Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo. 2008. 363f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FEIXA, Carles. De Jóvenes, bandas y tribus. Antropología de la juventud. Barcelona: Ariel, 2006 [1998]

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

\_\_\_\_\_ “Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico” In: O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa, Petrópolis: Vozes, 1998.

GRILLO, Carolina. Coisas da Vida no Crime: tráfico e roubo em favelas cariocas. Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

HIRATA, Daniel Veloso. Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida. Tese em Sociologia – Universidade de São Paulo. 2010

Hollow, S., “Introduction”. In: The Ethnography of Moralities. Howell, S. (org.). Londres: Routledge. 1997

KNOWLES, Caroline. Trajetórias de um chinelo: microcenários da globalização. In: Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 4, n. 2, jul-dez 2014, pp. 289-310

LYRA, Diogo. A república dos meninos: juventude, tráfico e virtude. Rio de Janeiro: Mauad, 2013

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor . Festa no Pedacão: cultura popular e lazer na cidade. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. v. 1. 199p .

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana

In: RBCS Vol. 17 no 49 junho/2002

MALLART, Fábio. Cadeias dominadas: dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos. Dissertação em Antropologia Social – Universidade de São Paulo. 2011.

MALVASI, Paulo Artur. Interfaces da vida loka: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo. Tese em Saúde Pública. 2009

MARQUES, Vagner Aparecido. O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste – SP. Dissertação em Ciências da Religião – Pontifícia Universidade Católica. 2013.

MARQUES, Adalton. Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. 2009. 119f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MATZA, David. Delincuencia y Deriva: Como y por qué algunos jovenes llegan a quebrantar a la ley. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editora, 2014

MISSE, Michel. Crime e pobreza: velhos enfoques, novos problemas. Brasil em perspectiva: os anos 90. Laboratório de pesquisa social do departamento de Ciências Sociais do IFCS – UFRJ. 1993.

\_\_\_\_\_. Mercados Ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. Estudos Avançados. São Paulo, v. 21, n.61, p. 139 - 157, 2007.

\_\_\_\_\_. Sobre a construção social do crime no Brasil Esboços de uma interpretação. (in) Acusados e acusadores: estudos sobre ofensas, acusações e incriminações. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2008.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. "A maior zueira": experiências juvenis na periferia de São Paulo. Tese de doutorado, São Paulo: USP, 2010

PINHEIRO-MACHADO, R. A garantia soy yo. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, UFRGS 2005

SÁ, Leonardo Damasceno de. (2010), Guerra, mundão e consideração: Uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará.

SILVA, José Douglas dos Santos. Políticas de quebrada e políticas estatais referentes aos homicídios em Luzia, São Paulo. Dissertação de mestrado. São Carlos: UFSCar, 2014

RUGGIERO, Vincenzo e SOUTH, Nigel. The late-modern City as a Bazaar. *British Journal of Sociology*, vol 48, numero 1, 1997.

RUI, Taniele. *Corpos abjetos: etnografia em contexto de consumo e comércio de crack*. Tese de Doutorado. Campinas: IFCH / Unicamp, 2012.

TAKAHASHI, Henrique. "Fronteira do céu com o inferno"- uma cosmovisão dos Racionais Mc's. Texto de qualificação para mestrado em Sociologia, São Carlos: UFSCar, 2013.

TELLES, Vera da Silva; HIRATA, Daniel Veloso. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. *Estudos Avançados (USP)*. São Paulo, v.21, n. 61, p. 173 – 191, 2007.



\_\_\_\_\_. Ilegalismo e jogos de poder: uma ordem em disputa. *Tempo Social - Revista de sociologia da USP*. São Paulo, v.22. n.2. dez. p. 39-59, 2010.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

\_\_\_\_\_. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

VENKATESH, Sudhir. 2008. *Gang leader for a Day. A Rogue Sociologist Takes to the Street*. Nueva York: Penguin Books.

VELHO, G. 1998. *Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Ed.da FGV. v. 1. 214 p.

VIANNA, A. R. B. . *O Mal Que Se Adivinha: Polícia e Menoridade no Rio de Janeiro, 1910-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. v. 1. 198p

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo : Brasiliense, 1985.

### **Outros Materiais Consultados:**

### **Músicas:**

“Formula Mágica da Paz” Racionais MC’s 1997

“Da Ponte pra Cá” Racionais MC’s 2002

“Finado Neguin” Racionais MC’s 2015

“Rajada” MC Neguinho do Kaxeta, 2016

“Pomba Branca” Facção Central, 2003

“A Lei” RZO, 1999

“ Pânico” Alvos da Lei part. RZO , 2002

“Quer Bagunçar” Grupo Revelação, 2006

“Calix-se” Trilha Sonora do Gueto, 2015